



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Música

**A Banda da Polícia Militar do Rio Grande do Norte:
música e sociedade**

Marcos Aragão Fontoura

João Pessoa
Abril / 2011



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Música

A Banda da Polícia Militar do Rio Grande do Norte: música e sociedade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Música, área de concentração em Etnomusicologia.

Marcos Aragão Fontoura

Orientadora: Profa. Dra. Eurides Souza Santos

João Pessoa
Abril / 2011

F684b Fontoura, Marcos Aragão.

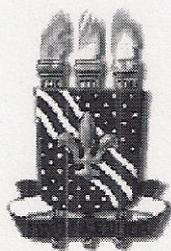
A Banda da Polícia Militar do Rio Grande do Norte: música e sociedade / Marcos Aragão Fontoura.- João Pessoa, 2011.

136f.

Orientadora: Eurides Souza Santos

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA

1. Banda de Música – PMRN. 2. Banda de Música – PMRN – características socioculturais. 3. Interação – meio cultural. 4. Cotidiano e ritual.



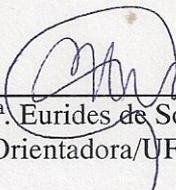
**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA**

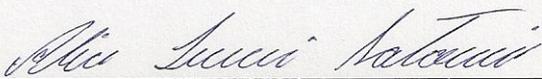
DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

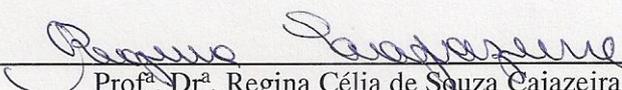
Título da Dissertação: "A Banda da Polícia Militar do Rio Grande do Norte: música e sociedade"

Mestrando: Marcos Aragão Fontoura

Dissertação aprovada pela Banca Examinadora:


Prof^ª. Dr^ª. Eurides de Souza Santos
Orientadora/UFPB


Prof^ª. Dr^ª. Alice Lumi Satomi
Membro/UFPB


Prof^ª. Dr^ª. Regina Célia de Souza Cajazeira
Membro/UFAL

João Pessoa, 04 de abril de 2011.

Dedico este trabalho a minha avó Inácia Cândido Pontes Fontoura (in memoriam) e aos meus pais João Maria Fontoura e Benedita Santana Pontes Fontoura.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu supremo Deus por ter me trazido a este mundo e por me proporcionado bons momentos com pessoas maravilhosas que contribuíram para meu crescimento intelectual. Louvo aos ensinamentos transmitidos pelos professores doutores da UFPB, especialmente Luis Ricardo Silva Queiroz, Maria Guiomar de Carvalho Ribas, Alice Lumi Satomi, Heloísa Muller, Maurílio José Albino Rafael, Gláucio Xavier da Fonseca e Eurides Souza Santos.

As orientações e ensinamentos da professora Doutora Eurides Souza Santos foram de fundamental importância para a concretização deste trabalho. Durante dias, meses e nos últimos dois anos sua atenção e seu acompanhamento foram assíduos, sempre com muita paciência, didática e simplicidade, qualidades de quem detém muito conhecimento.

Ao meu co-orientador professor Dr. André Muniz pelas diversas orientações durante a construção do texto, e pelas dicas musicológicas que foram importantes para a compreensão da estrutura da marcha da PMRN que tem grande valor simbólico para a corporação.

Aos colegas da turma do mestrado pelos bons e maus momentos vivenciados, a socialização dos saberes, durante todo o processo. Entre eles destaco a “turma do apartamento” constituída no início por nove alunos: Mário, Marcos, Jaildo, Cleide, Helena (*in memoriam*), Fábio, Helder, Artur e Airton. As trocas de experiências acadêmicas de áreas musicais distintas e sotaques de cidades diferentes não foram obstáculos para construção das nossas amizades. Lamento profundamente a perda da nossa amiga Helena no segundo ano do mestrado. Infelizmente, os revezes da vida nos impõe momentos inesperados e pessoas que estão bem próximas precisam nos deixar.

O apoio dispensado pela corporação da Polícia Militar do Estado do Rio Grande do Norte, pelo incentivo e pela preocupação de ter em suas fileiras profissionais bem aperfeiçoados para prestarem bons serviços à população potiguar. Agradeço ao mestre da Banda Tenente Dejair pelo grande apoio, incentivo, orientações, informações gerais. Ao coronel PM Ângelo pelos valiosos dados históricos construídos pela PM ao longo dos anos no cenário natalense e potiguar. Aos informantes da pesquisa, músicos da Banda que estão na ativa e reserva, bem como aos representantes das instituições que sempre convidam a Banda para abrilhantar os eventos.

Aos amigos de outras áreas do conhecimento, especialmente ao professor Mestre Rufino (UERN) e à Mestre em turismo Artemísia, pelas valiosas dicas e ensinamentos.

Aos meus familiares, particularmente à minha mãe Benedita Santana Pontes e ao meu pai João Maria Fontoura. Por fim, agradeço de todo coração a minha querida esposa Déborah Munique por me auxiliar em momentos de decisão e por suportar as freqüentes ausências, sempre tendo muita paciência e amor.

“Se uma banda sozinha faz a cidade se enfeitar e provoca até o aparecimento da lua cheia no céu confuso e soturno, crivado de signos ameaçadores, é porque há uma beleza generosa e solidária na banda.”

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender a Banda de música da Polícia Militar do estado do Rio Grande do Norte através das suas características socioculturais, bem como os aspectos definidores de sua prática musical e sua relação com a cidade do Natal. O método etnográfico serviu como base de nossas investigações, de forma a permitir a contextualização das atividades deste grupo e visualização de sua relação com ambiente circundante, notadamente o da cidade do Natal. Os resultados revelam que a constituição da Banda apresenta particularidades significativas que estão relacionadas diretamente ao seu contexto militar e à sua prática social. As conclusões apontam que a Banda tem interagido com o meio cultural natalense ao longo dos seus 124 anos de existência e isso faz com que mesmo o repertório executado seja influenciado, de forma que ao mesmo tempo em que se percebe a manutenção de traços tradicionais atinentes ao meio militar, encontramos a execução do repertório popular nacional e internacional contemporâneo. Dentro da estrutura institucional, foram observadas as ações ritualizadas no cotidiano dos músicos e constatou-se que existe interação entre o fazer musical e a hierarquia militar.

Palavras-chave: Banda de música da PMRN; Música e sociedade; Cotidiano e ritual.

ABSTRACT

This work aims to understand the band of the Military Police of Rio Grande do Norte with their socio and cultural characteristics as well as defining aspects of his musical practice and its relationship with the city of Natal. The ethnographic method was the basis o four investigations, to allow the contextualization of the activities of this group and view their relationship with the surrounding environment, especially the city of Natal. The results show that the formation of the Band presents significant peculiarities that are related directly to its military context and its social practice. The findings indicate that the band has interacted with the surrounding cultural environment throughout its 124 years of existence and even the repertoire performed been influenced, so that while one realizes that maintaining traditional features pertaining to the military, we found the national and international repertoire popular contemporary. Within the institutional implementation structure were observed ritualized actions in everyday musicians and found that there is interaction between music-making and military hierarchy.

Keywords: Band's music PMRN; Music and society; Daily life and ritual.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Posição: ombro arma com o mosquefal	28
Figura 2 – Posição: ombro arma com o trombone.....	28
Figura 3 – Posição: apresentar arma com o mosquefal	29
Figura 4 – Posição: apresentar arma com o trombone.....	29
Figura 5 – Quartel do comando geral - Natal	39
Figura 6 – Posição das insígnias nos oficiais e nas praças	41
Figura 7 – As insígnias: comandante geral, oficiais e praças	41
Figura 8 – Identificação da especialidade do policial na insígnia	42
Figura 9 – Organograma da PMRN 2010	43
Figura 10 - A Banda de Música da PMRN e o maestro Luigi Maria Smido	47
Figura 11 – Maestro e compositor Tonheca Dantas	48
Figura 12 – Desfile sete de setembro 2009.....	63
Figura 13 – A Banda em posição de desfile	64
Figura 14 – Desfile sete de setembro 2009 na Av. Hermes da Fonseca.....	65
Figura 15 – Ensaio na quadra de esportes do Quartel do Comando Geral - Natal.....	65
Figura 16 – Posição da Banda durante os ensaios e apresentações sentados	66
Figura 17 – A Banda no auditório Tonheca Dantas com o 4º uniforme	67
Figura 18 – Ensaio no auditório Tonheca Dantas com o 3º uniforme	67
Figura 19 – A marcha da PMRN	72
Figura 20 – Elementos característicos da marcha da PMRN	73
Figura 21 – O uso dos graus (I, IV e V) reforça a idéia de força da tonalidade: trombone.....	74
Figura 22 – A incidência do uso do I, IV e V graus	74
Figura 23 – Demonstrativo de diferenciação e similaridades entre metais e madeiras	74
Figura 24 – Coro: contraste com maior número de intervalos em uníssono	75
Figura 25 – Demonstrativo da tonalidade menor e da ênfase nos uníssonos	76
Figura 26 – A cidade do Natal	78
Figura 27 – Mapa de localização da cidade do Natal/RN	79
Figura 28 – Pátio interno do QCG	89
Figura 29 – O pavilhão nacional antes de incorporar na tropa.....	90
Figura 30– A tropa no pátio do QCG	91
Figura 31 – A Banda na Avenida Rodrigues Alves - Natal.....	92
Figura 32 – A Banda na Praça Cívica	93
Figura 33 – A banda mista.....	94

Figura 34 – Palanque central em que ficam as autoridades	95
Figura 35 – A banda dos fuzileiros navais	97
Figura 36 – A banda do exército brasileiro	97
Figura 37 – A banda da força aérea do Brasil	98
Figura 38 – A Banda da PMRN	98
Gráfico 1 – Estratificação do efetivo ativo da PMRN em fevereiro de 2011	40
Gráfico 2 – Estratificação do efetivo por graduação.	52
Gráfico 3 - Estratificação do efetivo por graduação - Natal	52
Gráfico 4 – Estratificação do efetivo por instrumentos - Natal	53
Quadro 1 - Ano de fundação das PMs no Brasil	38
Quadro 2 – Graus hierárquicos na PMRN: oficiais e praças	40
Quadro 3 - Ano de fundação das bandas das polícias militares	44
Quadro 4 - Quadro oficial da Banda até agosto de 2010	50
Quadro 5 - Quadro oficial da Banda sancionado em agosto de 2010	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATIVA: Associação de Atividades de Valorização Social
BBC: British Broadcasting Corporation
BOPE: Batalhão de Operações Especiais
BPM: Batalhão da Polícia Militar
CB: Cabo
CE: Estado do Ceará
CEFAPM: Centro de Formação das Praças da Polícia Militar
CFO: Curso de Formação de Oficiais
CPFEM: Companhia de Policiais Feminina
CPC: Comando de Policiamento na Capital
CPI: Companhia de Policiamento no Interior
CPRE: Comando de Polícia Rodoviária Estadual
CPTUR: Companhia de Policiais do Turismo
DAL: Diretoria de Apoio Logístico
DE: Diretoria de Ensino
DF: Diretoria de Finanças
DP: Departamento de Pessoal
DMGRP: Divisão Militar da Guarda Real da Polícia da Corte
DS: Diretoria de Saúde
IGHRN: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte
PMAP: Polícia Militar do Estado do Amapá
PMRN: Polícia Militar do Rio Grande do Norte
PMS: Polícias Militares
QCG: Quartel do Comando Geral
QPMP: Qualificações Policiais Militares Particulares
RN: Rio Grande do Norte
RCONT: Regulamento de Continências, Honras e Sinais de Respeito
RDPM: Regulamento Disciplinar da Polícia Militar
ROCAM: Ronda Ostensiva com Apoio de Motocicletas
RP: Rádio Patrulha
SD: Soldado
SGT: Sargento

SUB TEN: Subtenente

TEN: Tenente

UFPB: Universidade Federal da Paraíba

UFRN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UERN: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

UNESCO: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

UNICEF: The United Nations Children's Fund

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
 CAPÍTULO 1	
1. Procedimentos teóricos e metodológicos	20
1.1 Revisão da literatura	23
1.2 Referencial Teórico.....	25
1.3 O caminho percorrido até o instrumento musical se transformar em uma arma	25
1.4 Recursos metodológicos utilizados na pesquisa da Banda da PMRN	31
1.4.1 Instrumentos de organização e análise dos dados	33
 CAPÍTULO 2	
2. O contexto policial militar e a Banda de música	34
2.1 A trajetória histórica das Polícias Militares no Brasil	34
2.2 Regimento regular da cavalaria de Minas	34
2.3 Divisão militar da Guarda real da polícia da corte e a Guarda municipal Permanente do Brasil	36
2.4 A Polícia Militar do estado do Rio Grande do Norte	39
2.4.1 Estratificação do efetivo em fevereiro de 2011	40
2.4.2 A estrutura organizacional da PMRN.....	43
2.5 Aspectos históricos das bandas de músicas das polícias militares no Brasil	44
2.6 A Banda de música da PMRN	46
 CAPÍTULO 3	
3. Dimensões estruturais e musicais da Banda da PMRN	50
3.1 Quadro oficial, estratificação do efetivo, graduações e formação instrumental	50
3.2 A construção de saberes musicais na Banda da PMRN.....	53
3.3 O cotidiano e ritual na Banda	57
3.4 A etnografia de um ensaio	59
3.5 Dimensões estruturais da Banda	62
3.6 A análise da marcha da PMRN	67
3.6.1 Letra da marcha da PMRN	69

3.6.2 Elementos característicos da marcha da PMRN	72
3.6.3 A melodia da introdução para os metais	73
3.6.4 Linha melódica da introdução em forma de arpejos	73
3.6.5 Canto: intervalos disjuntos e arpejos	75

CAPÍTULO 4

4. Banda de música, ritual e sociedade	77
4.1 A cidade do Natal	77
4.2 Espaços e contextos de atuação da Banda da PMRN	81
4.3 A importância da Banda para a sociedade	82
4.4 A importância da sociedade para a Banda	85
4.5 Etnografia do dia sete de setembro de 2010	87
4.5.1 Na banda da PMRN	88
4.5.2 Início do ritual no pátio do QCG	89
4.5.3 Chegada das autoridades no local do desfile	92
4.5.4 A banda de música mista	93
4.5.5 Abertura do desfile	95
4.5.6 O desfile	96
4.5.7 A tropa da PMRN retorna ao QCG	98
4.6 Música, ritual e sociedade	99

CONCLUSÃO	103
------------------------	------------

REFERÊNCIAS.....	105
-------------------------	------------

APÊNDICES	110
------------------------	------------

APÊNDICE A - Roteiros de entrevistas com componentes ativos da Banda da PMRN .	110
--	-----

APÊNDICE B - Roteiros de entrevistas com componentes da reserva da Banda da PMRN.....	112
--	-----

APÊNDICE C - Roteiros de entrevistas com representantes de instituições da sociedade natalense.....	114
--	-----

ANEXOS	115
ANEXO A - Decreto nº 21.849, de 19 de agosto de 2010, que dispõe sobre as Qualificações Policiais Militares Particulares	115
ANEXO B - Efetivo da Banda da PMRN em 2010	122
ANEXO C - Partitura completa da marcha da PMRN	125

INTRODUÇÃO

A música brasileira tem sido conhecida por sua notável diversidade, a qual é resultado da fusão de etnias existentes no território brasileiro com as influências das culturas colonizadoras. Entre as heranças deixadas pelos colonizadores, destaca-se a banda de música, que tem sido percebida como importante influenciadora na formação educacional e sociocultural dos brasileiros. Especialmente na região nordeste, as bandas de música têm desempenhado um papel social significativo e são encontradas em variadas formações, retratando, assim, a existência da riqueza e diversidade dessa manifestação.

Nesse contexto, se insere a cidade do Natal, situada no estado do Rio Grande do Norte (RN), que possui um número expressivo de manifestações culturais que evidenciam as peculiaridades da sociedade potiguar. Entre essas manifestações, encontra-se a Banda de música da Polícia Militar, grupo integrante da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do estado do Rio Grande do Norte, subordinada ao governo estadual. Os seus integrantes são funcionários públicos na função de policiais militares do estado. A polícia militar integra o Sistema de Segurança Pública e Defesa Social do Brasil e existe no RN há 176 anos.

A Banda da polícia militar foi fundada após cinquenta anos de criação da PMRN. Sua importância, entre outros fatores, se deve à manutenção do repertório como as marchas, hinos, dobrados e de peças trazidas da música popular brasileira, arranjadas para esse efetivo, que permanece tradicional em meio às inovações musicais trazidas pela contemporaneidade, mas não deixa de demonstrar a boa recepção às novidades da cultura musical. O grupo tem atuado como agente de difusão cultural e que busca dialogar com as diferenças próprias do público que a aprecia, entendendo que o público é socialmente diversificado.

Dessa forma, por fazer parte desse grupo musical há mais de uma década como policial músico e presenciar a atuação desse grupo, principalmente na sociedade natalense, surgiu a curiosidade em compreender suas características, usos e funções da sua música, sendo este o fato motivador desta pesquisa. Nesse viés, desde o ano de 2008, venho investigando a Banda. A escolha do mestrado em música foi de fundamental importância para a escolha do campo de estudo. A partir de 2009, ingressei como aluno regular no curso de mestrado em etnomusicologia e, ao longo destes três anos, tenho me dedicado de forma exclusiva à pesquisa, tentando ampliar meus conhecimentos musicais acerca do fenômeno estudado.

Vislumbrando a importância das bandas como elementos indispensáveis para a concretização dos rituais existentes nas instituições militares brasileiras, em que a música tem um papel significativo, procurei buscar respostas relacionadas aos usos, funções, valores e significados da música no contexto específico da Banda de música da PMRN, da cidade do Natal. Para este estudo, utilizei a abordagem etnomusicológica como norteadora deste processo.

A metodologia da pesquisa contemplou instrumentos de coleta de dados como a pesquisa documental, pesquisa bibliográfica, observação participante, realização de entrevistas semi-estruturadas (apêndices A, B e C), gravações em vídeo e áudio, registros fotográficos entre outros, que foram de fundamental importância para o empreendimento analítico e reflexivo acerca da expressão musical em foco. Um ponto relevante que destaco foi a minha observação participante. Durante o período de um ano e seis meses, fui dispensado das atividades do Quartel para a realização da pesquisa. E, na medida em que retornava à Banda para colher dados e participar de eventos, não exercendo a função de policial militar músico, mas sim de pesquisador, passei a observar o grupo com outro “olhar”, que me permitiu perceber aspectos particulares que não enxergaria exclusivamente como *insider*.

Este trabalho foi organizado com o objetivo de verificar os aspectos musicais e sociais que caracterizam a prática da Banda de Música da Polícia Militar do estado do Rio Grande do Norte, com a intenção de verificar, identificar, descrever e compreender de forma sistemática os principais resultados alcançados. Para tanto, esta dissertação foi organizada em quatro capítulos, que na sua essência, ao longo do trabalho apresentam as principais particularidades inerentes à Banda de música da PMRN.

O primeiro capítulo traz os alicerces teóricos da pesquisa, que buscou contribuições epistêmicas essencialmente no campo de estudos da etnomusicologia. O capítulo explana ainda sobre os processos metodológicos utilizados, apresentando a (re)inserção do autor nesse universo.

O segundo capítulo apresenta o cenário histórico das polícias militares no Brasil e a criação das bandas de música dentro desses contextos. Nesta fase, a pesquisa foi realizada por meio de fontes documentais e bibliográficas com o intuito de conhecer os traços históricos gerais dessa manifestação, até a constituição específica da PMRN e sua referida Banda.

Com o intuito de apresentar especificamente a Banda da PMRN, foi traçado no terceiro capítulo as dimensões estruturais do grupo. Nesse trecho, são apresentadas as principais características que estabelecem a prática musical da Banda e os aspectos que caracterizam o cotidiano dos músicos dentro da estrutura da PMRN. Dessa forma, busquei

verificar as possíveis interações entre o fazer musical e a hierarquia militar. Ainda, nesse capítulo, procurei compreender as dimensões estruturais da prática musical do grupo, que se caracteriza pela formação musical, o cotidiano e os rituais da Banda. A etnografia de um dos ensaios da Banda da PMRN, bem como a análise específica de uma das suas marchas, mostrou-se, por meio da abordagem etnomusicológica, como um importante procedimento para um entendimento mais acurado, acerca da rede de significados, que dá sentido à música e ao contexto em que está inserida.

O quarto capítulo apresenta as principais características da Banda de música dentro da sociedade natalense buscando, através da identificação dos espaços e contextos de atuação do grupo, compreender suas inter-relações com o público. Como forma de abarcar o universo dos espaços de atuação, foi feita uma etnografia do dia sete de setembro de 2010. A comemoração da Independência do Brasil é uma das atividades mais representativas do calendário nacional e a Banda da PMRN atua todos os anos nesse evento. A partir do ato cívico analisado, foi possível verificar a riqueza de rituais existentes tanto no evento como na corporação.

Ao final do trabalho, são apresentadas reflexões concernentes aos diversos elementos apresentados em cada um dos capítulos, de forma a demonstrar a inserção e articulação da Banda, como fenômeno sociocultural, na cidade do Natal. As discussões realizadas durante o texto mostram uma abordagem de pesquisa, embasada numa metodologia ampla e sistematizada, através da qual foi possível fomentar um novo pensar sobre saberes e práticas musicais e suas inter-relações com o contexto em que se inserem.

CAPÍTULO I

Procedimentos teóricos e metodológicos

A música tem sido analisada como forma de expressão individual e coletiva nas mais diversas sociedades. A etnomusicologia tem ampliado as perspectivas do estudo da música, apontando para a necessidade de a compreendermos não somente como expressão cultural, mas também como fenômeno de grande influência na vida social e de profundas implicações na experiência de viver em coletividade.

Blacking (1995, p. 223), afirma que “fazer música é um tipo especial de ação social que pode ter conseqüências importantes para outros tipos de ações sociais”.¹ Com base nos estudos das músicas do povo Venda, Blacking (1976, p. 43) reforça o valor da experiência coletiva no fazer musical, afirmando que “o interesse das pessoas pode não estar na música em si, mas em outras atividades associadas a este fazer enquanto atividade social”.² Ao estudar a Banda de música da PMRN tem sido possível perceber as inter-relações entre música e sociabilidade, uma vez que é próprio do fazer musical o compartilhamento de experiências, a manutenção e recriação de valores essenciais da sociedade e da cultura. Entende-se, portanto, que existe considerável relação entre a música, através de seus símbolos, usos e funções, e a cultura dos povos, oportunizando, assim, a prática da etnomusicologia (MERRIAM, 1964).

No Brasil, os estudos etnomusicológicos, apesar de se configurarem ainda³ como um campo novo de estudo e com pouca literatura disponível, mostram-se promissores quando se percebe a diversidade sociocultural existente no país (MENEZES BASTOS e PIEDADE, 1999; REILY, 2000), inclusive quando se leva em consideração as influências recebidas das variadas etnias que fizeram parte da formação cultural do povo brasileiro.

Diante dos aspectos acima apresentados, importa destacar a relevância das bandas de música no contexto cultural da sociedade, propiciando a análise dessa expressão cultural à luz da etnomusicologia. Segundo Silva (1998, p. 51):

Com os seus desfiles ruidosos pelas ruas, suas apresentações em retretas nas praças públicas, sua participação nas festas religiosas, as bandas musicais vieram se tornar o mais importante instrumento de divulgação da música

¹ “*Music*” making is a special kind of social action which can have important consequences for other kinds of social action.

² *People’s interest may be less in the music itself than in its associated social activities* (1976, p. 43).

³ O grifo é de Menezes Bastos.

popular brasileira, da segunda metade do século XIX até a primeira metade do século atual.

Nesta perspectiva, a Banda de música da PMRN com seu repertório diversificado vem contribuindo de forma significativa para a manutenção e divulgação das músicas brasileiras, tanto no âmbito militar com os hinos, marchas e dobrados, quanto no religioso com os cânticos das procissões e no contexto da música popular brasileira em geral, além das músicas midiáticas. Por estar sempre aberto às novidades da cultura musical, o grupo tem atuado como agente de difusão cultural que busca dialogar com as diferenças próprias do público que o aprecia, entendendo que o público é socialmente diversificado.

A experiência do fazer musical coletivo nas bandas como nas demais formações musicais envolve princípios de organização estabelecidos socialmente, que objetivam estabelecer as hierarquias, a divisão de tarefas, os comportamentos, gestos, vestuário, entre outros. Dentre estes, cabe destacar neste trabalho as hierarquias, uma vez que constituem valor crucial para a vida militar.

Como princípio formador de qualquer grupo social, as hierarquias são estabelecidas nos conjuntos musicais e envolve não somente participantes e suas funções (músicos, administradores, arquivistas), como também naipes, repertórios, instrumentos, entre outros. Na música erudita ocidental, por exemplo, há uma hierarquia culturalmente estabelecida para os participantes de uma orquestra sinfônica que, em geral, parte do regente como função mais importante, seguido do *spalla* do concertino e assim por diante. A própria música tonal, que responde por grande parte dos repertórios das orquestras sinfônicas, está constituída de regras de composição e execução hierarquicamente definidas. O mesmo acontece com as bandas de música nos seus múltiplos contextos.

Se para as bandas musicais, em geral, as hierarquias constituem elemento de grande importância, no sentido de assegurar a ordem, o bom funcionamento e manutenção do grupo, para as bandas de música de instituições militares, são princípios que apontam para a essência destas instituições e definem o comportamento de seus membros nos seus âmbitos interno e externo. Tal é sua importância para a vida militar que a hierarquia não é somente observada pelos membros de uma corporação, mas é cotidianamente reforçada através das ações, comportamentos e discursos. Para Cavilha (2009, p. 139), “a rotina de um batalhão é constituída a partir de normas e códigos personificados na hierarquia”. Em pesquisa realizada em batalhão do Exército Brasileiro, a autora observou que o indivíduo que ingressa na vida militar, mesmo vindo de um mundo permeado de normas e rituais, se depara com uma nova realidade.

Assim, desde a sua entrada na instituição, o militar está sujeito às regras que se organizam nos muitos rituais e nas inúmeras ‘solenidades’ do cotidiano. Esse treinamento instala-se num aprendizado que é sobretudo corporal e mediatizado pelos citados ‘manuais’⁴, numa espécie de adestramento dos movimentos que devem ser estudados e, portanto, condicionados, mas principalmente submetidos a estatutos e regras, numa tentativa de homogeneizar um modo de se comportar dentro dos quartéis. [...] eles ganham vida, no entanto, em rituais rotineiros e cotidianos” (CAVILHA, 2009, p. 141).

É importante ressaltar que as idéias de hierarquia e ações ritualizadas desenvolvidas neste trabalho, mesmo apontando para estruturas sólidas e tradicionalmente mantidas, denotam a dinamicidade de um fenômeno social que é histórico e está em constante transformação. A Banda de música da PMRN, em seus 124 anos de existência cumpre uma rotina de rituais que representa, reforça e recria os seus princípios estruturais, os quais envolvem a música e seu fazer, bem como as demais ações próprias de um policial militar.

As atividades de uma banda militar vão desde as ações internas como as formaturas diárias - alinhamento da tropa para reuniões, ensaios, revista, advertências; hasteamento da bandeira nacional, troca de guarda, entre outros - a eventos externos que compreendem as paradas, as apresentações em datas comemorativas, entre outras. Para DaMatta, os acontecimentos do cotidiano podem ser classificados como rotina e se opõem aos eventos que podem ser chamados de “extra-ordinário construído *pela e para* a sociedade” (1997, p. 47). São as festas, desfiles, celebrações, encontros, conferências que demandam uma mudança ou interrupção das ações rotineiras. Ambas as situações implicam em ações ritualizadas que caracterizam a vida militar. Schechner (2006, p. 52) define rituais como “memórias coletivas codificadas em ações”. Neste sentido, as ações ritualizadas da vida militar, tanto aquelas do cotidiano como as do extraordinário implicam em valores que devem ser mantidos, encenados e transmitidos coletivamente.

Rituais têm muitas funções tanto no que diz respeito ao indivíduo quanto aos grupos ou sociedades. Eles podem canalizar e expressar emoções, direcionar e reforçar formas de comportamento, reforçar ou subverter o *status quo*, levar a mudanças, ou restaurar a harmonia e o equilíbrio (BOWIE, 2000, p. 151)⁵.

Entre os rituais externos da vida militar, são destacados neste trabalho a participação da Banda da PMRN no desfile de sete de setembro, o qual será abordado através de uma

⁴ O grifo é da autora que cita os manuais que devem ser estudados por todos os militares (2009, p. 141).

⁵ *Rituals have many functions, both at the level of the individual and for groups or societies. They can channel and express emotions, guide and reinforce forms of behavior, support and subvert the status quo, bring about change, or restore harmony and balance* (BOWIE, 2000, p. 151).

descrição etnográfica, com o objetivo de refletir sobre aspectos das relações entre a Banda e a sociedade natalense, bem como as inter-relações entre música e sociedade de forma geral. Essas questões serão aprofundadas no quarto capítulo.

1.1 Revisão da literatura

Este estudo não se configura como caso isolado, já havendo produção científica acerca do assunto. Nesse campo investigativo, vale mencionar algumas dissertações de mestrado publicadas nos últimos anos que abordaram temáticas atinentes às bandas de música, como por exemplo: *“Pra ver a banda passar”*: uma etnografia musical da Banda Marcial Castro Alves (SOUZA, 2010); *Tocando o repertório curricular: bandas de músicas e a formação musical* (ALMEIDA, 2010); *Transmissão de saberes musicais na banda 12 de Dezembro* (COSTA, 2008); *Aspectos históricos, sociais e pedagógicos nas filarmônicas do Divino e Nossa Senhora da Conceição, do estado de Sergipe* (MOREIRA, 2007); *Bandas Militares no Brasil: difusão e organização entre 1808-1889* (BINDER, 2006); *Bandas de música, escola de vida* (LIMA, 2006); *Lourival Cavalcanti e o universo das bandas de música* (CARDOSO, 2005); *Um século de tradição: a banda de música do Colégio Salesiano Santa Rosa 1888-1988* (HIGINO, 2006); *A banda e seus desafios: levantamento e análise das táticas que a mantém em cena*, (LIMA, 2000); *Banda escolar: um processo de desenvolvimento musical, educativo e social* (HIGINO, 1994); *A banda de música na Escola de Primeiro e Segundo Graus* (ANDRADE, 1988) e *Bandas de música e cotidiano urbano* (PÁTEO, 1997).

Como exemplo de Monografia, pode-se citar o *Ensaio de banda: um estudo sobre a banda de música Antônio Cruz* (COSTA, 1997); e também alguns artigos como: *História e tradição da música militar* (CARVALHO, 2008); *A banda de música como produção simbólica de uma cultura* (GRANJA, 1997); *Organizações e significados da banda de música civil* (TACUCHIAN, 1985) e *Bandas: anacrônicas ou atuais* (TACUCHIAN, 1982).

Ainda, vale destacar alguns livros que tratam do estudo acerca de bandas de música os quais têm contribuído de forma significativa para compreensão desse fenômeno musical, como por exemplo: *Música militar e bandas militares – origem e desenvolvimento* (MEIRA, 2000); *A banda de música: retratos sonoros brasileiros* (PEREIRA, 1999); *As bandas de música do Grão-Pará* (SALLES, 1985); *Bandas de música, fanfarra e bandas marciais* (REIS, 1962); *A banda ontem e o seu futuro* (SIQUEIRA, 1981) e *História da banda da Força Pública* (MÔNICA, 1951).

Esses trabalhos alusivos à temática bandas de músicas têm mostrado poucas recorrências de bandas militares, principalmente a das polícias como objeto de pesquisa, o que é um elemento diferenciador no presente estudo.

A literatura acerca das bandas de música, sobretudo no âmbito da sociedade potiguar, tem se mostrado escassa no que diz respeito à pesquisa científica, como também à literatura musical de modo geral.

Dentre os trabalhos apresentados acima, torna-se importante mencionar aqueles que tratam especificamente da prática musical em bandas militares. O estudo de Carvalho (2008) apresenta uma significativa contribuição para o entendimento da importância histórica das bandas militares no desenvolvimento sociocultural e musical de várias sociedades ao redor do mundo. A partir de suas análises, o pesquisador afirma que os “músicos militares sempre desempenharam um papel muito amplo em toda a sociedade brasileira, desde os tempos coloniais” (2006, p.7). E, que além de sua ligação com as obrigações militares da nação, têm ainda o compromisso do fazer musical enquanto arte.

Assim, comenta Carvalho:

Diferentemente de outros grupos musicais, as bandas militares têm um compromisso duplo: um com a música enquanto arte, como mantenedores e atualizadores da prática de música de banda, mostrando um repertório que demonstre sua atualidade e capacidade de sobrevivência no tempo. O outro com a tradição da música militar, construída na história militar (CARVALHO, 2006, p. 6).

Nessa direção, as bandas militares desempenham funções muito importantes, tanto dentro de seus domínios, executando seus repertórios característicos nos atos solenes com a finalidade de abrilhantar os rituais militares, como em apresentações fora do quartel, levando a excelência da música instrumental com riqueza de gêneros musicais para os integrantes da sociedade, sem deixar o tradicionalismo do seu repertório. Portanto, segundo o autor, o compromisso das bandas militares em manter tradições e raízes culturais tem se revelado como agente de desenvolvimento social do indivíduo, seja ele participante da banda, como também ouvinte.

O artigo de Binder (2006), por sua vez, demonstra mais um exemplo da atuação das bandas militares no Brasil, mais precisamente durante o período monárquico (1808-1889). A hipótese de Binder (2006, p. 5) é que, nesse período, as bandas militares tiveram duas funções: simbólica, enquanto brasão sonoro da monarquia brasileira; e infra-estrutural, subministrando à sociedade civil os elementos necessários a essa prática musical. Segundo o

autor, já na época estudada, o papel sociocultural das bandas militares se fazia notar. Como observamos no texto abaixo:

Tais bandas intensificaram a ocupação de ruas e praças em outras ocasiões, além das festas e desfiles oficiais. Essa atuação constante e diversificada contribuiu para a vinculação da banda de música a traços militares como repertório, uniforme e instrumentação (BINDER, 2006 p. 5).

Sendo assim, o autor cita o repertório e demais itens das bandas militares como herança e influência para a formação de bandas civis e similares e reafirma a relevante contribuição das bandas militares para a manutenção de uma tradição cultural nas sociedades.

1.2 Referencial teórico

O referencial teórico utilizado neste trabalho abarca estudos sobre música e sociedade dentro de uma perspectiva etnomusicológica, com base nas pesquisas de Blacking (1976;1995), Merriam (1964), Nettl (1995; 2005). Sobre ritual nas perspectivas de Schechner (2006) e DaMatta (1997).

Com o intuito de aprofundar a análise em relação à estrutura militar foi consultada a pesquisa de Meira (2000), Castro e Leirner (2009), Cavilha (2009) e Dantas (2010) os quais, em seus estudos, tomaram como base o ambiente das corporações militares, tanto no Brasil como no exterior, trazendo reflexões sobre a pesquisa de campo dentro desses espaços, sob uma visão antropológica.

1.3 O caminho percorrido até o instrumento musical se transformar em uma arma

Nesse tópico irei relatar minha trajetória vivida desde meu primeiro contato com os sons de uma banda de música no interior do RN até meu ingresso nas fileiras da polícia militar do RN.

Após a conclusão do curso de formação de soldados, em agosto de 1997, ingressei na Banda de música mencionada. Em um dos dias de expediente, no momento do intervalo de ensaio estava tentando decorar uma partitura, logo, passou próximo a mim um superior hierárquico, fiquei na posição e sentido e fiz o sinal da continência. O superior me advertiu que quando eu estivesse com o instrumento em uso não poderia prestar o sinal de continência, precisaria apenas ficar na posição de sentido, pois o instrumento musical quando estivesse em uso nas atividades da corporação representaria uma arma (ver figuras 1 a 4).

A vida possibilita muitas surpresas e direções que por vezes não imaginamos o que o futuro nos reserva. Minha trajetória é marcada por essas surpresas e acontecimentos, justifico-os pelas experiências que vivi em pequenas cidades e na zona rural do interior do estado do Rio Grande do Norte, que foram de fundamental importância para a consolidação da escolha do campo de estudos e a carreira profissional.

Parte da minha infância morei na cidade de Santo Antonio do Salto da Onça, município do RN. Em frente à minha residência havia um grande galpão onde ensaiava a Banda de Música municipal. Por vezes ouvia a sonoridade dos instrumentos musicais. O grupo participava dos eventos da cidade, principalmente na semana da Pátria executando hinos, marchas e dobrados durante o ato cívico. Nesse evento, era formado um grande batalhão de alunos das diferentes escolas, marchando ao som da banda pelas principais ruas da cidade.

Vizinho à fazenda dos meus avós, já no município de Lagoa de Pedras – RN existia um senhor que tocava cavaquinho. Frequentemente eu passava em sua casa, pois estudava com alguns de seus filhos. Por vezes o vi sentado na varanda executando o instrumento, fato que me chamava atenção para o aprendizado musical. Um dia ele me perguntou se eu gostaria de tocar triângulo, aceitei o convite e passei a ter as primeiras aulas de como executá-lo, aprendi os diferentes ritmos e alguns gêneros musicais. A forma de aprendizagem dos conhecimentos musicais transmitidos por aquele senhor era a imitação. Logo, juntamente com a parte prática passei a acompanhá-lo.

Com a necessidade de eu e meus irmãos darmos prosseguimento aos estudos e buscarmos uma melhor qualidade de vida, sobretudo por não dispormos naquela comunidade do ensino de primeiro e segundo graus e outros fatores, principalmente o econômico, foi inevitável nossa transferência para a capital do estado.

O início da minha adolescência, já na cidade do Natal, é marcado por transformações e acontecimentos comuns na vida de um jovem sonhador. Em 1994 comecei a frequentar uma igreja evangélica⁶ por intermédio de minha mãe que é devota da arte musical. Na época tinha uma banda de música com poucos instrumentistas na igreja, o repertório executado era voltado para a prática religiosa e o grupo também tocava alguns dobrados militares. Mediante os convites ofertados pela minha mãe para eu conhecer a igreja e participar da banda de música, resolvi aceitar o convite e passei a estudar a gramática musical na igreja juntamente com ela. Durante a escolha do instrumento musical, por sugestão do professor e diante da

⁶ Igreja Evangélica Assembléia de Deus no bairro da Cidade da Esperança-Natal RN.

necessidade do grupo (não havia, até então, nenhum trombonista), foi-me ofertado o trombone. Aceitei-o sem nenhuma resistência e minha mãe optou pelo clarinete.

Em virtude do estudo do instrumento ser demorado e pela carência de instrumentistas na banda da igreja naquela época, a convite do mestre passei a aprender alguns instrumentos de percussão⁷, pois não era requerida muita habilidade para realização da execução. Essa prática, ainda é comum para os iniciantes da música na igreja, pois sempre existem desfiles e é preciso um naipe de percussão bem reforçado.

Por sugestão de um dos músicos fui orientado a freqüentar uma escola de música formal para adquirir novos conhecimentos, então, em 1995, procurei o Instituto de Música Waldemar de Almeida⁸. Nessa unidade especializada passei a conhecer o meio musical, bem como, alguns professores e instrumentistas que me serviram de referencial para a concretização da carreira, tanto na esfera musical como em conhecimento de mundo. Na igreja, passei a tocar as primeiras notas no trombone e consecutivamente passei a pertencer ao quadro de professores.

Após a maioridade, com a dispensa do serviço militar obrigatório e a conclusão do ensino médio havia a possibilidade de tornar-me músico profissional. Comecei a investir na carreira militar, almejando as bandas, principalmente, pela vocação de músico e a estabilidade no emprego.

Na composição da banda de música da igreja é comum existirem componentes com diversas profissões. Dentre elas, músicos militares. Em 1997 houve a abertura do concurso para o cargo de policial. Por incentivo do meu pai e alguns músicos que pertenciam a Banda da polícia militar me submeti à seleção. Fui aprovado e passei a fazer parte do curso de formação de soldados da PMRN, ainda não sendo garantida a minha efetivação, pois era preciso um período de quatro meses de curso para me qualificar na carreira policial militar.

Com a finalização do processo de formação, seria necessário optar por uma função dentro da corporação, se bem que o objetivo daquele concurso que participei era para reforço do policiamento na rádio patrulha (RP) da capital. Como eu tocava um instrumento de sopro poderia ser enquadrado como policial músico, tendo em vista essa função também fazer parte do quadro de funções da corporação. Como meu objetivo era ingressar na Banda, falei com o mestre do meu desejo de fazer parte do grupo antes de ser deslocado para exercer outra atividade.

⁷ Pratos e bombo.

⁸ Órgão pertencente a fundação José Augusto na cidade do Natal-RN

A resposta foi afirmativa, com a condição de eu fazer um teste. Se fosse aprovado poderia fazer parte da Banda e então, marcamos a data e o local. Na sua realização o mestre fez algumas perguntas relacionadas à gramática musical e pediu para eu executar uma peça de livre escolha no instrumento. Com a minha aprovação, o mestre, fez uso das prerrogativas formais da corporação, me solicitando através de ofício à unidade a qual estava subordinado para eu prestar serviço de músico na Banda. Com a minha chegada no grupo foi me determinado um período de três meses para adaptação e domínio do repertório, sendo que, não correspondendo com as expectativas da Banda, a penalidade seria o deslocamento para o serviço da guarda do Quartel. Essa forma de ingresso é comum até os dias de hoje.

Agora, como integrante da Banda de música estava muito feliz, porém a carga de responsabilidade pesava sobre mim, pois não podia decepcionar o grupo e principalmente frustrar meu sonho. Os primeiros encontros não foram fáceis. Por a Banda ser um grupo formado por músicos militares, em que os instrumentistas necessitam estarem bem coesos durante os desfiles e nas apresentações. Para isso é comum que haja preocupação por parte do todo, principalmente, com a imagem da performance da Banda. Descobri logo nos primeiros dias que meu instrumento musical, quando estivesse nas minhas mãos, era considerado uma arma. Tal novidade me soou muito estranha.



FIGURA 1 - Posição:
ombro arma



FIGURA 2 - Posição:
ombro arma



FIGURA 3 - Posição:
apresentar arma



FIGURA 4 - Posição:
apresentar arma

Na época, todos os componentes da Banda tinham sido promovidos à graduação superior, não ficando soldados no grupo. Eu era soldado, e sendo o mais recruta na Banda, tinha que seguir as ordens dos meus superiores hierárquicos e me adequar ao regulamento interno⁹ da corporação, além de me dedicar ao estudo do trombone para decorar o repertório, principalmente os dobrados. Muitas vezes, após o término do expediente do quartel e nas horas de folga ficava estudando os trechos mais complexos com intuito de melhorar minha performance.

No momento em que entrei na Banda meu nível de performance era de iniciante, havia pouco tempo que começara estudar trombone. Por ordem do mestre, comecei na terceira estante (terceiro trombone), pelo fato do grau de dificuldade não ser elevado, uma vez que geralmente os solos e as partes mais complexas são concentrados na primeira estante.

Informei a meu chefe que iria me submeter ao vestibular para música com habilitação em trombone. Seu apoio foi irrestrito. Intensifiquei os estudos. Os desafios começaram. Quase não tinha folga. Uma parte do dia ficava nas atividades do quartel, à tarde estudando música e revisando matérias em geral, à noite, ia para o cursinho. Além do mais, antes de fazer a prova do vestibular é necessário passar por um teste de aptidão musical. Essa prática é exclusiva do curso de música.

No ano de 1999, fui aprovado no vestibular para o curso de bacharelado em música, com habilitação em trombone, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A aprovação foi motivo de muitas alegrias e realização, pois nessa nova etapa da vida começaram a se abrir muitas portas, tanto no campo do conhecimento, como na vida material.

⁹ Regulamento disciplinar da polícia militar - RDPM

O contato com a vida acadêmica e suas universidades de saberes sempre me encaminharam em direção à banda de música, pois a cada semestre com as novas descobertas percebi que sempre me direcionavam para essa temática. Dessa forma, no ano de 2003 concluí a graduação, passei a me dedicar com mais afinco às atividades do quartel e aceitei, também, uma proposta para ser professor de iniciação musical em uma ONG, denominada Associação de atividades de valorização social (ATIVA), onde ministrava aulas para crianças em situação de risco na cidade do Natal. Com o afastamento das atividades acadêmicas comecei sentir desejo de volta a estudar e passei a pensar no que deveria estudar? O que fazer se no meu Estado não dispõe de curso de pós-graduação em nível de mestrado em música? Diante dessas questões cheguei a conclusão que a opção, mas viável seria tentar ingressar no curso de mestrado em música que ficaria mais próximo do estado, no caso o da UFPB.

Como desde o início a minha trajetória está marcada pela minha inserção na Banda de música, não tinha outra escolha a não ser procurar investigar esse contexto. No início do ano de 2008, após fazer contato com a coordenação do mestrado em música da UFPB, me foi aberta a possibilidade de cursar algumas disciplinas como aluno especial.

O contato com a disciplina Metodologia da Pesquisa em Música foi de fundamental importância para a escolha do que deveria pesquisar, o campo de estudo, como também para a estruturação do pré-projeto de pesquisa. Diante das várias possibilidades de investigação, dada a riqueza cultural deste país, escolhi a banda de música, mais especificamente a Banda de Música da Polícia Militar do estado do Rio Grande no Norte.

Justifico a escolha da temática por presenciar a sua prática como policial músico há mais de uma década e acompanhar sua participação no cenário Potiguar, sendo mais atuante na sociedade natalense. Sempre fiquei curioso em saber por que a Banda toca com bastante frequência, mesmo sendo num cenário em que se ouve dizer que muitas bandas estão se extinguindo no Brasil por falta de incentivos governamentais. Na contramão dessa realidade, a Banda da PMRN tem aumentado¹⁰ ao longo dos anos.

Com o intuito de desvelar as principais práticas musicais realizadas pela Banda de música da PMRN cheguei ao seguinte objetivo geral da pesquisa: Verificar os aspectos musicais e sociais que caracterizam a prática da Banda de música da PMRN. A partir da formulação do problema da pesquisa estruturei uma metodologia de trabalho de campo que me possibilitasse coletar os dados, organizá-los no âmbito, prioritariamente, qualitativo e que buscasse contemplar os aspectos fundamentais trazidos por essa pesquisa.

¹⁰ Quando ingressei na Banda em 1997 o efetivo era de aproximadamente 45 componentes. Em 2010, conta com 71.

Além do objetivo geral proposto por este trabalho dissertativo, a parte metodológica tentou contemplar os seguintes objetivos específicos: a) Analisar os aspectos históricos que constituíram a trajetória sociocultural da Banda de Música da Polícia Militar do Estado do Rio Grande do Norte, analisando o seu desenvolvimento ao longo dos 124 anos de existência; b) Identificar os espaços e contextos de atuação da Banda, bem como suas inter-relações com o público; c) Descrever as dimensões estruturais que caracterizam a prática musical do grupo; e d) Compreender o cotidiano da Banda dentro da estrutura institucional, buscando verificar as possíveis interações entre o fazer musical e a hierarquia militar.

O universo da pesquisa é constituído por membros e ex-membros da Banda, bem como por representantes de instituições sociais que se inter-relacionam com o grupo.

A abordagem etnográfica serviu como estratégia metodológica para descrever pessoas, ambientes, ações, fatos e materiais relacionados à pesquisa, e principalmente, para apresentar o objeto de estudos pela ótica do pesquisador, sendo este ao mesmo tempo ator e autor no campo. A experiência etnográfica implica em participação intensiva e extensiva, diálogos e negociações constantes, uma vez que o etnógrafo não só descreve o ambiente investigado mas, torna-se parte dele e é descrito por ele. No caso deste trabalho, o etnógrafo que descreve a Banda de música da PMRN é também membro efetivo do grupo.

1.4 Recursos metodológicos utilizados na pesquisa da Banda da PMRN

Os instrumentos de coleta de dados foram de essencial importância para a consolidação e sistematização da pesquisa. Sua utilização foi, de acordo com as especificidades do objeto em estudo, possibilitando uma abordagem holística dos dados obtidos, como também informações consistentes sobre a manifestação estudada. Como forma de obtenção dos dados para pesquisa foram utilizados: as pesquisas bibliográfica e documental, entrevistas semi-estruturadas, observação participante, gravação em áudio e vídeo e registros fotográficos.

A pesquisa foi realizada através da consulta bibliográfica enfocando estudos e abordagens sobre os aspectos históricos, socioculturais e musicais e demais aspectos relacionados à temática. Esse trabalho investigativo foi realizado durante todo o desenvolvimento da pesquisa e contemplou obras da etnomusicologia, da antropologia e de áreas afins.

A pesquisa documental se realizou por intermédio da consulta a dados fornecidos por sítios da rede mundial de computadores (*web*) dos órgãos ligados aos interesses da pesquisa

(como o arquivo da PMRN, Instituto Histórico e Geográfico do RN – IGH, e outros acervos), tendo como propósito obter informações sobre a Banda e as suas inter-relações com o público.

As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com uma amostra do universo da pesquisa, que compreendem os membros da Banda, dentro de seus graus hierárquicos, bem como os representantes de instituições que convidam a Banda com maior frequência. As entrevistas ocorreram a partir de um processo de seleção dos informantes que se estruturou da seguinte forma: como o grupo dispõe de noventa e cinco componentes optei por entrevistar seis da ativa e três da reserva. Os músicos que estão em atividade na Banda foram escolhidos os três de menos tempo na Banda e os outros três, que têm mais tempo de serviço. A forma de seleção da entrevista dos músicos da reserva foi por meio da conveniência de acessibilidade, pois a PM não dispõe de um banco de dados sistematizados com os nomes dos ex-músicos que estão na reserva. As entrevistas com representantes das instituições foram realizadas após um levantamento feito a partir de ofícios enviados ao quartel, solicitando a Banda para apresentações durante o ano de 2009. Dentro deste universo foram escolhidos três representantes de instituições que mais convidaram a Banda, a saber: Tribunal de Justiça do RN, representante da Igreja Católica e a escola Fundação Bradesco. Todas as entrevistas foram gravadas, mediante autorização prévia do entrevistado.

A observação participante, feita como forma de documentação durante ensaios, convívio diário e apresentações da Banda da Polícia, foi a principal estratégia com o propósito de compreender aspectos particulares e de suas inter-relações socioculturais com o público natalense. Essa modalidade de pesquisa possibilitou descobertas inerentes ao objeto de estudo e possibilitou o acesso a informações particulares que se fossem investigadas por outro pesquisador, não componente do grupo, talvez fossem de maior dificuldade para aquisição. Por outro lado, pelo fato de o pesquisador fazer parte da corporação, outras particularidades podem ter passado despercebidas.

As gravações em áudio permitiram a realização de transcrições e análise das entrevistas, captando os detalhes de cada elemento da fala dos entrevistados. As gravações em vídeos foram produzidas enfocando aspectos particulares da prática musical e outros elementos da *performance* (desfile da Banda e apresentações diversas) que interagem com o fenômeno musical. Tais registros foram de fundamental importância para o processo de análise, tendo em vista que possibilitaram a observação da prática musical por uma perspectiva diferenciada. Sendo assim, somando-se som e imagem foi possível perceber nuances que nem sempre podem ser captadas pela percepção exclusivamente sonora.

Os registros fotográficos foram realizados durante o processo investigativo com o objetivo de captar aspectos gerais da *performance* musical do grupo, como instrumentos, uniformes, aspectos estruturais, desfiles, detalhes da execução musical, etc. Esses registros, além de ampliarem as possibilidades analíticas, serviram como importante ferramenta para ilustrar e complementar aspectos musicais descritos nos textos gerados a partir do trabalho.

1.4.1 Instrumentos de organização e análise dos dados

Os dados coletados na pesquisa foram organizados e analisados de forma criteriosa, buscando demonstrar os resultados obtidos na realidade estudada. Dessa maneira, se estabeleceu a classificação descrita a seguir.

A estrutura do referencial teórico se realizou a partir da pesquisa bibliográfica, enfocando estudos e abordagens sobre os aspectos da pesquisa proposta, com a finalidade de fundamentar os conceitos da investigação, bem como, possibilitar reflexões sobre as descobertas alcançadas no decorrer do estudo da Etnomusicologia.

A análise das entrevistas foi realizada após as transcrições textuais dos relatos e depoimentos orais obtidos, dos quais foram selecionados trechos relevantes para a composição do corpo do trabalho.

A descrição e categorização das atividades observadas foram efetuadas através de relatórios redigidos, a partir de um diário de campo, que viabilizou o processo analítico dos aspectos estruturais que caracterizam a prática musical do grupo.

Os registros audiovisuais foram analisados a partir da edição dos trechos considerados relevantes para o estudo. Ainda relacionada à análise audiovisual, foi feita a transcrição da parte da percussão da marcha da PMRN, pois esta não existia entre as partes dos instrumentos musicais.

A seleção dos registros fotográficos objetivou, principalmente, o enriquecimento textual por intermédio de ilustrações, buscando facilitar o processo de descrição, bem como da compreensão da expressão escrita.

A seguir serão demonstrados os resultados obtidos, os quais evidenciaram uma substancial abordagem da metodologia empregada, das principais informações coletadas a partir do processo investigativo, assim como, a obtenção de um olhar acadêmico-científico acerca das interações sociais, culturais e musicais da Banda de música da PMRN.

CAPÍTULO II

O contexto policial militar e a banda de música

2.1 Trajetória histórica das polícias militares no Brasil

A polícia militar que conhecemos hoje está presente em todos os estados da federação brasileira. A sua criação, portanto, foi gradativa no decorrer da história e vem sofrendo muitas mudanças em sua trajetória. Para entender a etimologia da palavra polícia, o dicionário Aurélio traz a seguinte definição: vem do latim *politia*, procedente do grego *politeia*, que significa “Conjunto de regras impostas aos cidadãos visando à moral, à ordem e à segurança pública”. (FERREIRA, 2001, p. 542).

O termo militar que complementa a palavra polícia sintoniza bem com regras e ordens presentes no militarismo: “Que diz respeito às forças armadas, aos soldados: arte militar, meio militar. Carreira militar, Hierarquia militar, ordem de subordinação entre os diferentes postos e graduações” (FERREIRA, 2001, p. 462). O militarismo pode ser também compreendido como “um vasto conjunto de hábitos, interesses, ações e pensamentos associados com o uso das armas e com a guerra mas que transcende os objetivos puramente militares” (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1983, p. 758).

Nos primórdios a polícia não era militarizada, se tornando com o passar dos anos. Essa junção polícia e militarismo, possivelmente tenha se concretizado por haver a necessidade de maior rigor aplicado a seus contingentes, dentro dos preceitos da hierarquia e da disciplina.

Em Portugal, até o início do século XIX não existiam instituições policiais militarizadas. Quando a coroa portuguesa necessitava de tais serviços recorria às unidades do Exército. Em solo português, o primeiro grupo com essas características, foi criado pelo Príncipe Regente D. João, em 1801 (MENDES, 2007, p. 73) que se denominava *Guarda Real de Polícia de Lisboa*; esse modelo de Polícia foi imitado da Gendarmaria Nacional da França¹¹, criado em 1791.

2.2 O regimento regular de cavalaria de Minas

Na ordem cronológica e no quesito de antiguidade, a primeira polícia originalmente brasileira e precursora em território nacional foi a polícia militar mineira, criada em nove de

¹¹ Em Francês: *Gendarmerie Nationale*

junho do ano de 1775, no distrito de Cachoeira do Campo, município de Ouro Preto. Sua missão era proteger as minas de ouro descobertas na região de Vila Rica, pois grandes expedições advindas dos principais centros¹² do Brasil colônia e até mesmo de Portugal procuravam os metais preciosos¹³.

Nesse viés, com a necessidade de controlar a corrida desenfreada em busca do ouro e a fraude fiscal, as autoridades começaram a se preocupar com a situação de desordem que assolava os arredores de Vila Rica. Como forma de conter os conflitos e as irregularidades, o Rei de Portugal enviou duas companhias de Dragões compostas por portugueses. Com o enfraquecimento da companhia dos Dragões o governador de Minas Gerais - Dom Antônio de Noronha criou o *Regimento regular de cavalaria de Minas* em 1775, com o desafio de trazer a ordem e segurança para a sociedade local (*idem*).

Essas forças públicas possuíam estrutura de organização militar e assumiam uma dupla função: militarmente, eram responsáveis pelo enfrentamento de insurreições e pela defesa da Colônia e, civilmente, exerciam a função policial de prevenir e reprimir a criminalidade (MENDES, 2007 p. 73).

Um personagem de destaque e relevância para as polícias brasileiras advém do Regimento regular de cavalaria de Minas - Tiradentes: Joaquim José da Silva Xavier, que por meio de seus ideais externados foi levado à força. Em virtude do acontecido é considerado protomártir da independência e patrono cívico da nação e das polícias civis e militares brasileiras¹⁴.

Com o bloqueio continental, o qual obrigava a todos os países do continente europeu fecharem seus portos ao comércio com as ilhas britânicas que estava sob decreto de Napoleão Bonaparte, o reinado de Dom João VI, ficou ameaçado de invasão pelas tropas napoleônicas.

Em novembro de 1807, os franceses, sob o comando do general Junot, invadiram Portugal. A família real e cerca de 15 mil pessoas, entre nobre e demais funcionários, abandonaram em pânico o país, carregando o que conseguiam, num típico salve-se-quem-puder (VICENTINO; DORIGO, 1997. p. 156).

Este é o pretexto para a família real portuguesa se deslocar para o Brasil, escolhendo a cidade do Rio de Janeiro para ali se estabelecerem no ano de 1808. Para a concretização da

¹² São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco.

¹³ Disponível em: <https://www.policiamilitar.mg.gov.br>. Acesso em 15 mar 2011.

¹⁴ Decreto nº 9.208 de 29 de abril de 1946, instituiu o "Dia das polícias civis e militares", que será comemorado no dia 21 de abril.

viagem em segurança a realeza e sua comitiva foram escoltadas pela Brigada Real da Marinha, que foi criada em Portugal em 1797. Essa corporação de militares deu origem ao Corpo de Fuzileiros Navais no território brasileiro.

Apesar de já haver nas tropas do período colonial brasileiro, e destes até se reunirem em conjuntos de formações variadas, pode-se dizer que a primeira banda militar propriamente dita, com dotação de músicos próprios, organizados e com repertório específico, organizada como conjunto no território brasileiro, se apresenta em 1808 com a vinda da família real para o Brasil, quando chega com esta a ‘Música Marcial da Brigada Real da marinha’ de Portugal, que depois vai dar a origem a Banda dos Fuzileiros Navais (CARVALHO, 2006, p. 2)

A vinda da corte Real para a cidade do Rio de Janeiro, apesar dos profundos problemas sociais deixados pela realeza, como exemplo as desapropriações dos moradores locais, por outro lado, foi importante para essa se estabelecer como capital do Brasil e junto a isto muitas melhorias, principalmente culturais, como a criação da Academia das Belas Artes, Biblioteca Real, Teatro São João e a Imprensa Régia. Além desses, diversas outras instituições foram criadas, como o Banco do Brasil, o Arquivo Militar, a Academia da Marinha e a Academia Real Militar. Em se tratando das mudanças relacionadas às atividades musicais, relata Napolitano (2005, p. 42) “Com a chegada da família Real portuguesa, em 1808, a vida musical da corte (e da colônia como um todo) se diversifica, com a entrada de música germânica [...]”.

2.3 Divisão militar da Guarda real da polícia da corte e a Guarda municipal permanente no Brasil

Com o estabelecimento corte Real em terras brasileiras, cria-se a segunda Polícia Militar no território Nacional, em 13 de maio de 1809 com o nome Divisão Militar da Guarda Real da Polícia da Corte (DMGRP), que conforme Mendes (2007, p. 73) “era recheada de múltiplas atribuições que em muito ultrapassavam a esfera da segurança pública”. Essa corporação era formada por guardas equipados com armamentos e trajes similares aos da Guarda Real da Polícia de Lisboa. Sua missão primordial segundo descreve Mendes (2007, p. 75):

Esta tinha o propósito de promover o policiamento da Corte, além de combater o contrabando e o descaminho, delitos que afetavam as finanças do tesouro real. Percebe-se, desta feita, que a instituição principiava sua

dicotomia investidura polícia e militar, considerando os fins para os quais fora criada.

Nessa trajetória histórica, no ano de 1815, o Brasil assumiu a designação oficial de Reino Unido de Portugal, no Congresso de Viena. Então, a cidade do Rio de Janeiro se elevaria ao *status* de Corte e capital, e as antigas capitanias passaram a ser chamadas províncias. Com a morte da Rainha Maria I, D. João VI é coroado Rei, sendo convocado para retornar a Portugal para assumir o trono. Sua partida foi em 16 de abril de 1821, deixando seu primogênito Pedro de Alcântara como Príncipe-Regente do Brasil (VICENTINO; DORICO, 1997. p. 159).

O Governo de D. Pedro I é marcado por diversos movimentos. O principal foi de independência do Brasil, que ocorreu no dia sete de setembro de 1822, com o “*grito do Ipiranga*”. Dessa forma, através do movimento de separação, os Presidentes responsáveis pelas Províncias não dispunham de um organismo capaz de auxiliá-los na manutenção da ordem pública. Assim, as organizações militares que estavam a serviço das províncias eram as tropas de linhas subordinadas inteiramente ao Ministro da Guerra (COTRIM, 2007).

No ano de 1831, com a abdicação de D. Pedro I, assume seu filho D. Pedro II, que foi aclamado segundo imperador quando tinha apenas cinco anos. Por conseguinte, o império passou a ser administrado por diversos regentes, durante o período da menor idade, que, na concepção popular, não gozavam de legitimidade para governar. Em consequência deu-se início, em todo território nacional, uma cadeia de movimentos revolucionários, tais como a Revolução Farroupilha (no Rio Grande do Sul), a Cabanada (em Alagoas e Pernambuco), a Cabanagem (no Pará), a Revolta dos Malês e a Sabinada (na Bahia) e a Balaiada (no Maranhão). Esses movimentos representavam perigo para a integridade territorial brasileira e também para a manutenção da ordem pública no Império (COTRIM, 2007).

Em meio a esses conflitos, o então ministro da Justiça *Padre Antônio Diogo Feijó*, sugeriu à regência que fosse criado, um Corpo de guardas municipais permanentes, com a função de manter a ordem pública. A proposta do regente Padre foi aceita, e no dia dez de outubro de 1831, por meio do Decreto regencial, criou-se o *Corpo de guardas municipais permanentes* do Rio de Janeiro. Assim, as províncias passaram a criar suas próprias Guardas em períodos distintos, até chegar às atuais Polícias Militares estaduais como podemos conferir no texto abaixo.

Por sua vez, os corpos de Guardas Municipais Permanentes surgiram na lei de 10 de outubro de 1831, com o nome de Corpo de Guardas Municipais Voluntários e deram origem às atuais Polícias Militares estaduais [...].

Surgidas em substituição à Guarda da Real Polícia, os guardas municipais também tiveram projeção nacional. Isso porque a lei que os criou concedeu aos presidentes das províncias o poder para criar tais corpos conforme as necessidades locais, inclusive no que dizia respeito ao número de praças. Embora subordinada a poderes civis - o ministro da justiça, na corte, e os presidentes, nas províncias - e sem vínculo institucional com o exército, os “Permanentes”, nome pelo qual foram conhecidos durante muito tempo, eram uma força de espírito militar nos títulos, nas patentes e na organização (HOLLOWAY, 1997, apud BINDER, 2006, p. 78).

No mesmo Decreto, os presidentes das demais províncias também foram autorizados a criarem suas guardas, o que efetivamente ocorre nas datas listadas no seguinte quadro¹⁵:

REGIÃO	ESTADO	ANO
Nordeste	Bahia	1825
	Pernambuco	1825
	Alagoas	1831
	Paraíba	1832
	Sergipe	1835
	Ceará	1835
	Piauí	1835
	Rio Grande do Norte	1836
	Maranhão	1836
Sudeste	Minas Gerais	1775
	Rio de Janeiro	1809
	São Paulo	1831
	Espírito Santo	1835
Centro-Oeste	Mato Grosso	1835
	Mato Grosso do Sul	1835
	Goiás	1858
	Distrito Federal	1965
Sul	Rio Grande do Sul	1837
	Santa Catarina	1835
	Paraná	1854
Norte	Acre	1916
	Amapá	1943
	Amazonas	1837
	Pará	1818
	Rondônia	1944
	Roraima	1944
	Tocantins	1989

QUADRO 1 – Ano de fundação das PMs no Brasil.

¹⁵ As datas foram colhidas nos sites das policiais militares.

2.4 A polícia militar no estado do Rio Grande do Norte

Em 27 de julho de 1834, o então governador João Ferreira de Aguiar assina a resolução que cria a polícia militar, sendo este corpo definitivamente organizado pela resolução de número vinte e seis de quatro de novembro de 1836. O corpo policial no desenvolvimento da sua história tem recebido denominações diversas, como corpo policial da província, força pública e batalhão de segurança. Após a segunda guerra mundial chega-se a atual designação - Polícia Militar do Rio Grande do Norte¹⁶ (PMRN).



FIGURA 5 - Quartel do comando geral – Natal.
Fonte: site da PMRN

Os membros dessa instituição têm desempenhado importantes trabalhos no decorrer de sua trajetória, principalmente na área de segurança pública no estado e no âmbito nacional. Pode-se destacar sua participação em movimentos, dentre as quais se realçam o combate à Coluna Prestes, no estado do Maranhão, e o combate à Revolução Constitucionalista, no estado de São Paulo. No território potiguar, atuou no combate ao cangaço, especificamente na região oeste do estado e hoje trabalha na defesa do território com o intuito de oferecer segurança.

Para ingressar na corporação, os interessados são submetidos a um concurso público, podendo optar pela carreira de oficial ou a de praça. Os que optam pela carreira de oficial começam como cadete na academia de polícia durante três anos. Após essa etapa é elevado para o grau de aspirante a oficial e depois segue a carreira pelos postos, podendo chegar até

¹⁶ Disponível em: <http://www.pm.rn.gov.br/historico.asp>. Acesso em: 16 mar 2011.

coronel, sendo possível esse, por indicação do governo, assumir o cargo de comandante geral da instituição.

Já os que decidem ingressar como praças começam pelo nível de aluno soldado. Geralmente o curso de formação tem a duração de quatro meses podendo chegar até um ano. Concluída essa fase, o aluno é promovido à graduação de soldado, podendo com o passar dos anos chegar ao posto de suboficial. O quadro a seguir mostra os graus hierárquicos existentes na corporação PMRN.

Carreira de Oficiais	Carreira de Praças
Comandante Geral	Suboficial
Coronel	Primeiro Sargento
Tenente Coronel	Segundo Sargento
Major	Terceiro Sargento
Capitão	Cabo
Primeiro Tenente	Soldado
Segundo Tenente	

QUADRO 2 - Graus hierárquicos existentes na corporação PMRN.

2.4.1 Estratificação do efetivo em fevereiro de 2011

A PMRN atualmente conta com cerca de 9.760 policiais, sendo 563 oficiais e 9.197 praças.

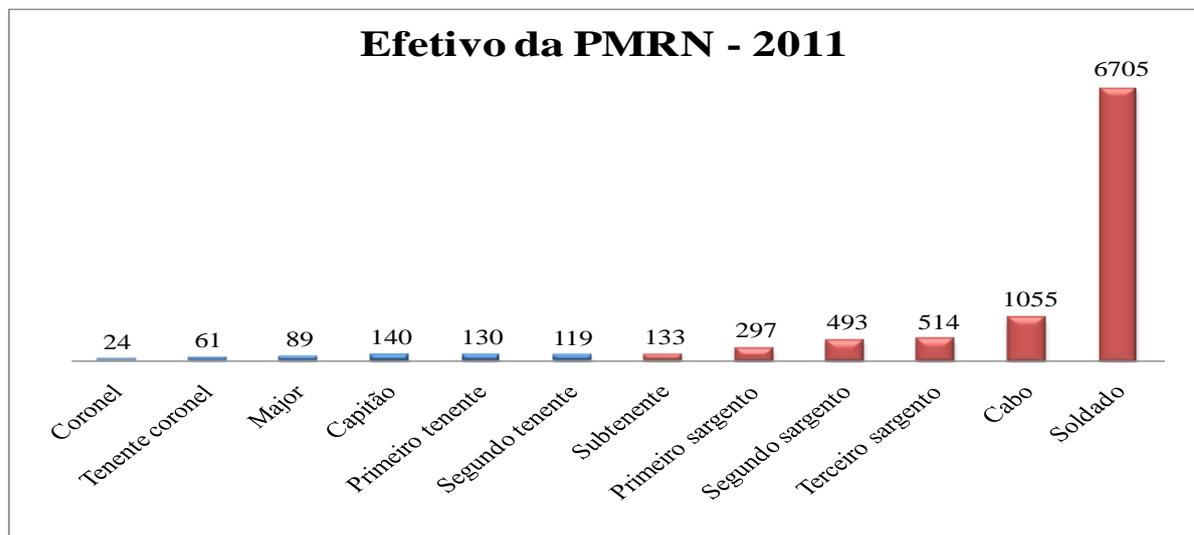


GRÁFICO 1 - Efetivo da PMRN – 2011.

Fonte: Departamento de Pessoal da PMRN (2011).

Como forma de identificar o posto ou a graduação na corporação, os policiais usam insígnias. Se for oficial, o símbolo que representa o posto fica em cima dos ombros. Se for a praça, as insígnias são colocadas nos braços, com exceção do suboficial¹⁷, cujas insígnias são posicionadas nos ombros. (Ver figuras 6 e 7).



FIGURA 6 – Posições das insígnias nos uniformes.

Oficiais - Insígnias	Praças – Insígnias
 Comandante geral	 Suboficial
 Coronel	 Primeiro sargento
 Tenente coronel	 Segundo sargento
 Major	 Terceiro sargento
 Capitão	 Cabo
 Primeiro tenente	 Soldado
 Segundo tenente	

FIGURA 7: As insígnias: comandante geral, oficiais e praças.

¹⁷ Na carreira policial militar, o suboficial ou subtenente é a última graduação do quadro das praças.

Dentro da instituição PMRN, existem policiais qualificados nas mais diversas especialidades, com intuito de oferecer a seus membros e à sociedade bons serviços. É importante salientar que a especialidade do policial não o impede de desenvolver as atividades ostensivas voltadas para a segurança pública. Se o policial por ser especialista se omitir durante uma ocorrência, o mesmo será punido pela corporação.

A PMRN atualmente dispõe de onze¹⁸ qualificações policiais militares particulares (QPMP): combatente (QPMP-0), especialista de manutenção de armamento (QPMP-1), especialista de operação de comunicações (QPMP-2), especialista de motomecanização (QPMP-3), especialista músico (QPMP-4), especialista de manutenção de comunicações (QPMP-5), especialista de saúde (QPMP-6), especialista corneteiro (QPMP-7), especialista de manutenção de solípedes (QPMP-8), mecânico de manutenção aeronáutica (QPMP-9) e auxiliar de prevenção ao uso de drogas (QPMP-10).

Alem de identificar a graduação do policial dentro da instituição, a insígnia especifica as especialidades das praças. Como pode ser verificado nos três exemplos a seguir; o símbolo fica abaixo das divisas:



FIGURA 8 – Identificação da graduação e especialidade do policial.

¹⁸ O governador do estado, Iberê Ferreira de Souza, sancionou o decreto nº 21.849, de 19 de agosto de 2010, que dispõe sobre as qualificações policiais militares particulares (QPMP).

2.4.2 Estrutura organizacional da PMRN

Para uma melhor compreensão de como está organizada a estrutura da PMRN, existe um organograma de pessoal, onde estão estabelecidos os graus hierárquicos e suas respectivas funções dentro da polícia militar. (Ver figura 9).

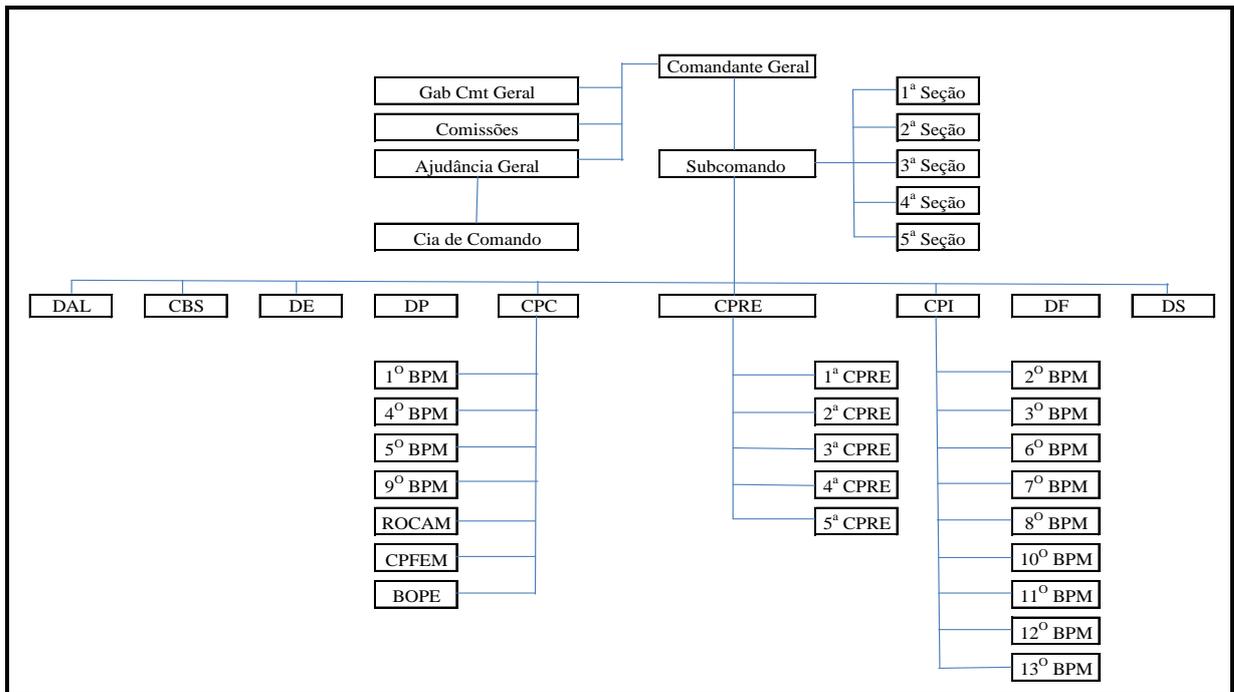


FIGURA 9 – Organograma da PMRN.

Fonte: Departamento de Pessoal da PMRN, 2010.

O comandante geral¹⁹ é o gestor principal na escala hierárquica da instituição com a função de comandá-la. Seu cargo corresponde ao de secretário de estado e para exercê-lo é preciso ser indicado pelo(a) governador(a).

Em seguida está o gabinete do comandante, as comissões, a ajudância geral e a companhia de comando, a qual está vinculada a Banda de música. Cada um desses setores tem funções específicas dentro da corporação.

Na sucessão dos cargos vêm os de subcomandante e de chefe do estado maior da PMRN, aos quais estão ligadas as seções da instituição. Na seqüência vem a Comando de Polícia Rodoviária Estadual (CPRE) e suas ramificações, que contemplam da primeira CPRE até a quinta. Depois a Companhia de Policiamento no Interior do RN (CPI) e suas unidades em cidades no estado, a Diretoria de Finanças (DF) e a Diretoria de Saúde (DS).

¹⁹ Existem pré-requisitos para ocupá-lo, como: ser coronel PM e ser indicado pelo governo estadual.

Em seguida, está o Comando de Policiamento na Capital (CPC). Sob seu comando estão o primeiro, o quarto, o quinto e o nono Batalhão da Polícia Militar (BPM); a Ronda Ostensiva com Apoio de Motocicletas (ROCAM); a Companhia de Policiais Feminina (CPFEM) e o Batalhão de Operações Especiais (BOPE). Logo após, a Diretoria de Ensino (DE), o departamento de Pessoal (DP) e a Diretoria de Apoio Logístico (DAL).

2.5 Aspectos históricos das bandas das polícias militares no Brasil

As bandas de música das Polícias Militares foram sendo criadas à medida que os estados brasileiros iam tendo autonomia para implantar as suas respectivas Polícias conforme tratada acima. Sua importância nas corporações das milícias mostra-se principalmente pelo seu emprego nos rituais existentes nas unidades militares, bem como, em atividades relativas às comunidades com as quais essas interagem.

O surgimento das bandas de música viria então a partir da institucionalização destas corporações. Binder acrescenta que “não é de se estranhar que, assim como as outras organizações militares do período, as Polícias Militares provinciais fossem aos poucos incorporando bandas de música aos seus quadros” (2006, p.78).

No que diz respeito à criação da primeira banda de Polícia no território brasileiro não se tem certeza em qual estado foi criada. De acordo com Binder, (2006, p. 78) possivelmente, o primeiro corpo policial a ter banda de música foi o do estado de Minas Gerais, em 1835. De acordo com as próprias PMs as datas de criação de suas bandas são as mostradas abaixo.

ESTADO	ANO
Minas Gerais	1835
Rio de Janeiro	1839
Espírito Santo	1840
Sergipe	1844
Bahia	1850
Pará	1853
Ceará	1854
São Paulo	1857
Paraná	1857
Alagoas	1860
Paraíba	1867
Pernambuco	1873
Rio Grande do Norte	1886
Mato Grosso	1892
Rio Grande do Sul	1892
Santa Catarina	1893

Goiás	1893
Amazonas	1893
Distrito Federal	1966
Tocantins	1989
Roraima	1989

QUADRO 3 – Ano de fundação das bandas²⁰
 Fontes: Binder (2006), *sites* da PMs.

A história da música européia ocidental evidencia a importância da música na sociedade como instrumento de integração e socialização. Todavia, a música também tem sido utilizada através dos séculos para fins de batalhas e combates militares com a presença de músicos nos regimentos deste tipo. Conforme afirma Carvalho (2008, p. 1):

Parece que a música sempre estava ligada as ações militares desde os tempos muitos remotos, não apenas como meio de comunicação no campo de batalha, como também como elemento psicológico, animando as tropas e aterrorizando os inimigos. Isto podemos constatar já na Bíblia, quando no capítulo 6 do livro de Josué se descreve a batalha que este desempenha em Jericó contra os Cananéus. Neste trecho bíblico, com os sons das trompas construídas com chifres de carneiros, o shofar, as muralhas de Jericó, com mais de 7 metros de altura cedem, ao som destas trompas, e Josué conduz seus homens à vitória.

De acordo com Carvalho, “a terminologia banda de música só é apresentada pela primeira vez em 1678 na Inglaterra, pois até então só havia notícia de músicos nas tropas” (2008, p. 3). A partir de então as bandas de músicas militares não cessaram a se multiplicar e desenvolver repertório próprio inerente à sua condição de militares.

No Brasil, os músicos militares também exercem um papel relevante na sociedade brasileira desde os tempos coloniais. Nem sempre motivados pelos combates e batalhas, mas principalmente voltados para as apresentações cívicas, religiosas, exercendo atividades muito mais de cunho social do que as ações em ambiente de combate, como no início da história da música no contexto militar.

Ainda hoje, a banda de música militar mantém um forte vínculo com a sociedade brasileira, interagindo com esta através de músicas de ampla aceitação e recebendo em seus quadros jovens instrumentistas que encontram na vida militar, além da formação musical, um modo de inclusão social.

Nesse contexto, se inserem as bandas de música das Polícias Militares que mantêm em seu contingente um quadro de músicos, objetivando a conservação das tradições musicais

²⁰ As informações foram pesquisadas nos sites das Polícias Militares no Brasil e adquiridas via mensagem de email para algumas instituições.

e cívicas, além de desenvolverem trabalho de segurança pública ostensiva. Para Wanderley (1969, p. 40):

Ao ser criado o Corpo da Polícia da Província, o pensamento de governantes e legisladores era garantir a ordem pública. Defender e proteger as instituições, assim como a obediência às leis do Império, a partir da Constituição de D. Pedro I. Depois, com o decorrer dos tempos, foi surgindo a idéia de uma banda de música, pois aí estavam os hinos pátrios, as marchas marciais, lembrando aquele imortal canto de guerras dos exércitos [...].

2.6 A Banda de Música da polícia militar do Rio Grande do Norte

Em consonância com esta realidade, no estado do Rio Grande do Norte, baseada na lei nº. 982 de 16 de junho de 1886, foi criada a Banda de Música do Batalhão de Segurança hoje Banda de Música da Polícia Militar do Rio Grande do Norte, que iniciou suas atividades, com apenas dez instrumentistas²¹. O grupo executava repertório voltado mais especificamente para a corporação, como as marchas marciais, os hinos pátrios, “buscando manter os tradicionais cantos de guerra dos exércitos do Reino” (WANDERLEY, 1969, p. 40).

Somente cinco anos mais tarde, em 1891, foram publicados os editais de convocação no extinto jornal A República, oferecendo vagas para o contrato de músicos da Província, ou de outras unidades do Império. Em 1892, o número de instrumentistas foi aumentado para 20. E assim, sucessivamente o grupo foi recebendo acréscimo com o passar dos anos, à medida que crescia o efetivo do batalhão.

Dentre os dez primeiros integrantes da Banda do Batalhão de Segurança, vale ressaltar os nomes dos pioneiros desse conjunto musical, o soldado Antônio Soares Paixão, o primeiro policial militar contratado para exercer a função de músico, e o primeiro mestre, Antônio Paulino de Andrade, que ao ser contratado, em 1893, logo fez jus a graduação de terceiro sargento músico.

Já em 1898, o efetivo do Batalhão de Segurança era de 394 policiais e a Banda de música era composta por 10 Soldados de primeira classe e dez de segunda classe, além de um mestre e um contramestre.

Em meio aos diversos nomes que contribuíram para o desenvolvimento musical da Banda de música da PMRN, vale destacar a colaboração do maestro Italiano Luigi Maria Smido²², que mesmo sendo civil e possuindo vínculos na carreira militar tradicional, atuou

²¹ Wanderley não especifica quais instrumentos integravam essa formação.

²² Segundo consta nos arquivos da PMRN; o maestro Luigi Maria Smido foi contratado para servir como ensaiador e Regente da Banda de Música da corporação, em dezesseis de setembro de 1903 - e foi dispensado do cargo, em comissão, em dezesseis de julho de 1904.

também à frente da Banda de música como regente e deixou no arquivo da Banda importantes obras de compositores italianos. Smido também foi o primeiro regente da orquestra sinfônica do Rio Grande do Norte²³.

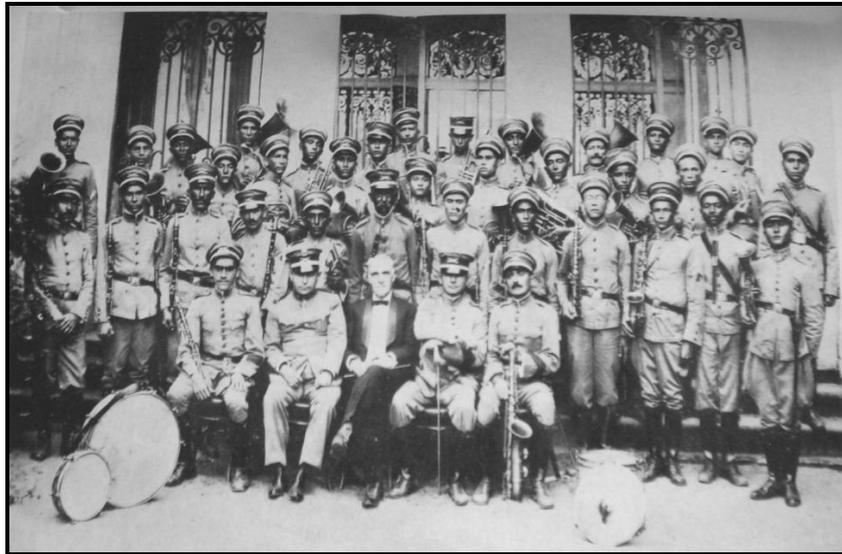


FIGURA 10 - Banda da PMRN e o Maestro Luigi Maria Smido - 07/09/1922
Fonte: Wanderley (1969).

Outros maestros contribuíram para o desenvolvimento da Banda, como Antônio Paulino de Andrade, Antônio Pedro Dantas, José Cesone, Abdon Álvares Trigueiro, José Bernardo de Borrajo, Abdon Álvares Trigueiro, José Gomes da Silva, Euclides Moreira e Silva, Luis Gonzaga César de Paiva, Enéas Hipólito Dantas, Lourival Cavalcante Duarte, Luís Alcântara Lucas, Djalma Ribeiro da Silva, Juvenal Lira, José Carlos Fernandes da Silva e outros.

Dentre esses, vale ressaltar o nome de Antonio Pedro Dantas 1870-1940 conhecido como Tonheca Dantas, músico que fez parte do quadro da Banda de Música da PMRN, tornando-se imortal através de suas obras *Royal Cinema*, *A desfolhar saudades*, *Delírio*, *Melodia do bosque* e tantas outras. Estas composições tiveram destaque no cenário potiguar, principalmente a *Valsa Royal Cinema*, que foi transmitida por meio de programas de rádios para o Brasil durante a segunda Guerra Mundial, através das rádios BBC (*British Broadcasting Corporation*) de Londres e pela Rádio Berlim. Com o intuito de homenageá-lo, seu nome foi posto nos auditórios da Banda de música da PMRN e da Orquestra Sinfônica do RN.

²³ O maestro Luigi Maria Smido atuou como regente das bandas dos Batalhões de Segurança dos estados do Ceará, Pará e Rio Grande do Norte. Esteve regendo nas inaugurações dos Teatros José de Alencar em Fortaleza CE e no Teatro Carlos Gomes, hoje Alberto Maranhão em Natal - RN.



FIGURA 11 - Tonheca Dantas
Fonte: Galvão (1998).

Segundo consta no livro 2º das Praças da 1ª Companhia do arquivo da PMRN, Tonheca Dantas, foi contratado em 30 de maio de 1898, com a função de mestre de música por um período de três anos, sendo dispensado do curso de formação de soldado.

Galvão (1998) descreve um exemplo da versatilidade musical de Tonheca Dantas durante um episódio ocorrido no momento da contratação:

Em seguida foi a vez de Tonheca Dantas. O comandante lhe entregou uma partitura diferente da primeira e perguntou ao candidato qual o instrumento que iria escolher. ‘Qualquer um...’ respondeu. ‘O Sr. diga qual o que quer’. Os membros da comissão se entreolharam, surpresos com a audácia daquele sertanejo moreno e franzino e resolveram por a prova seus conhecimentos mandando que fosse tocando a peça nos diversos instrumentos da banda. (GALVÃO, 1998, p. 48).

Na trajetória da Banda de Música da PMRN existiram concertos marcantes, porém dentre eles pode-se destacar o ocorrido na noite de sete de setembro de 1922, realizado no teatro Carlos Gomes (hoje teatro Alberto Maranhão), como parte das comemorações alusivas ao centenário da independência do Brasil.

À época, o jornal A República publicou no dia 10 daquele mês a seguinte notícia:

À noite, presente o governador do estado e ex^(ma) família, o teatro Carlos Gomes apresentava uma enchente extraordinária e um aspecto imponente para o grande concerto coral e instrumental, sob a direção do Maestro Luigi Smido, Tomaz Babini e o Tenente José Gomes, com o concurso dos alunos das Escolas Normal e Doméstica, orquestra do Teatro, orquestra da Escola Doméstica e da Banda do Batalhão de Segurança (WANDERLEY, 1969, p. 40-41).

Um segundo evento, entre outros que valem menção, foi sua participação, juntamente com um contingente da Polícia Militar do Estado do RN em um desfile na cidade do Recife no ano de 1954, em comemoração aos 300 anos da Restauração Pernambucana.

Nas instituições de modo geral não existem apenas momentos de glória e satisfação, havendo reverses que as marcam negativamente. Desta forma, a história da Banda de Música da PMRN foi marcada por um episódio de grande tristeza, vivenciado pela sociedade potiguar no mês de fevereiro do ano de 1984. Durante a comemoração do carnaval, um grupo de cinco policiais músicos foi morto por um ônibus desgovernado no Bairro da Cidade Alta, enquanto executavam seus instrumentos numa orquestra de frevo. Tal episódio foi assim relatado por Dantas (2010, p. 160):

Ocorre, em Natal, no Baldo, um trágico acidente de trânsito, resultando na morte de 22 pessoas, dentre elas o 2º Sgt músico nº 72.003 Aceluzio Borges Gomes, o 2º Sgt músico nº 76.074 José Luiz da Silva, o 3º Sgt músico nº 81.257 Jethe Nunes de Oliveira, o 3º Sgt músico nº 81.260 Francisco Alves da Silva e o 3º Sgt músico RR Benedito Alves da Silva, que se encontravam de folga, tocando no bloco carnavalesco Puxa-saco. Ficaram feridos o 3º Sgt músico José Ribeiros Campos, o 2º Sgt Sebastião Belmont, o 1º Sgt Geraldo Bernado da Silva, o 3º Sgt José Machado da Silva e o 1º Sgt José Francisco de Lima.

Pelo que observei nas entrevistas com os músicos que estão na reserva, pelo menos nos últimos 50 anos, e no meu convívio na corporação, esse foi o único momento em que foi aberto concurso público para preenchimento das vagas de sargentos músico para o público externo. Frequentemente os interessados em tocar na Banda ingressam primeiro na PMRN como soldado combatente, e após concluírem o curso de formação podem escolher a Banda para exercer a função de músico. Para isso é preciso que haja a disponibilidade da vaga do instrumento que o interessado toca e o aceite por parte do mestre. Assim, passando por essas etapas, o soldado, é submetido a um teste de conhecimento musical - prático e teórico - se for aprovado passa a fazer parte do grupo. Este aspecto será tratado adiante.

CAPÍTULO III

Dimensões estruturais da Banda da PMRN

3.1 Quadro oficial, estratificação do efetivo, graduações e formação instrumental

Para uma melhor compreensão desse universo que é constituído pelos policiais músicos da PMRN, será observado o quadro oficial antigo e o atual da Banda. O quadro atual foi sancionado pelo decreto de número 21.849 de dezenove de agosto de 2010, que dispõe sobre as Qualificações Policiais Militares Particulares (QPMP), contendo o novo número especificado de músicos e suas respectivas graduações. Antes da aprovação da lei, o quadro antigo disponibilizava 62 vagas para os músicos, e segundo o mestre, a sua criação foi de 1946. Os instrumentos musicais do quadro se distribuíam da seguinte forma: requinta, saxofones altos e tenores, bombardino, barítono, lira, trompetes, trombones, tubas e percussão. Fato interessante é que na sua composição não existem alguns instrumentos que são essenciais para o funcionamento de uma banda de música, como as clarinetas, existindo apenas uma requinta. Isso, conforme a explicação do mestre: pode ter sido um erro por parte de quem o confeccionou.

Esta formação instrumental funcionou satisfatoriamente outrora, mas com o passar dos anos, os avanços tecnológicos, o aumento do efetivo e a inserção de arranjos mais elaborados, precisou ser modificada porque a Banda passou a ter acesso a novos instrumentos, entre eles a clarineta, que de certa forma possibilita uma melhor performance do grupo e maior desenvoltura técnica dos músicos. Assim, o quadro anterior era estruturado da seguinte forma, na relação graduação-vagas:

POSTO / GRADUAÇÃO	Nº DE VAGAS
2º Tenente	01
Sub Tenente	01
1º Sargento	11
2º Sargento	16
3º Sargento	23
Cabo	10
<i>TOTAL</i>	62

QUADRO 4 - Quadro oficial da Banda até agosto de 2010.
 Fonte: Departamento de Pessoal da PMRN, 2010.

Com a criação do novo quadro, o número chega a cento e dez vagas para músicos. Junto a isso são inseridos novos instrumentos musicais que se diferenciam do quadro anterior, ficando com a seguinte formação: flautim, flauta transversal, requinta, clarinete, saxofone soprano, alto, tenor e barítono, bombardino, barítono, lira, trompetes, trombones tenor e baixo, trompa, tubas e percussão. Com a aprovação da nova lei de aumento de efetivo criam-se muitas possibilidades de ascensão funcional na Banda de música, possibilitando a seus integrantes a mudança de graduação em menos tempo, fato que é especificado abaixo no quadro atual em que se observa o acréscimo no número de graduações e vagas.

GRADUAÇÃO	Nº DE VAGAS
Sub Tenente	05
1º Sargento	21
2º Sargento	31
3º Sargento	43
Cabo	10
Total	110

QUADRO 5 - Quadro oficial da Banda sancionado em agosto de 2010.
 Fonte: Departamento de Pessoal da PMRN, 2010.

Em novembro de 2010, o corpo musical da Banda de Música da PMRN era composto por 95 músicos, sendo 71 lotados em Natal e 24 em Mossoró. Existem, ainda, 19 Policiais Militares que são músicos, mas que estão desempenhando outras funções dentro da corporação. Quanto à graduação dos músicos, observa-se uma predominância de terceiros sargentos, conforme pode ser visto nas figuras.

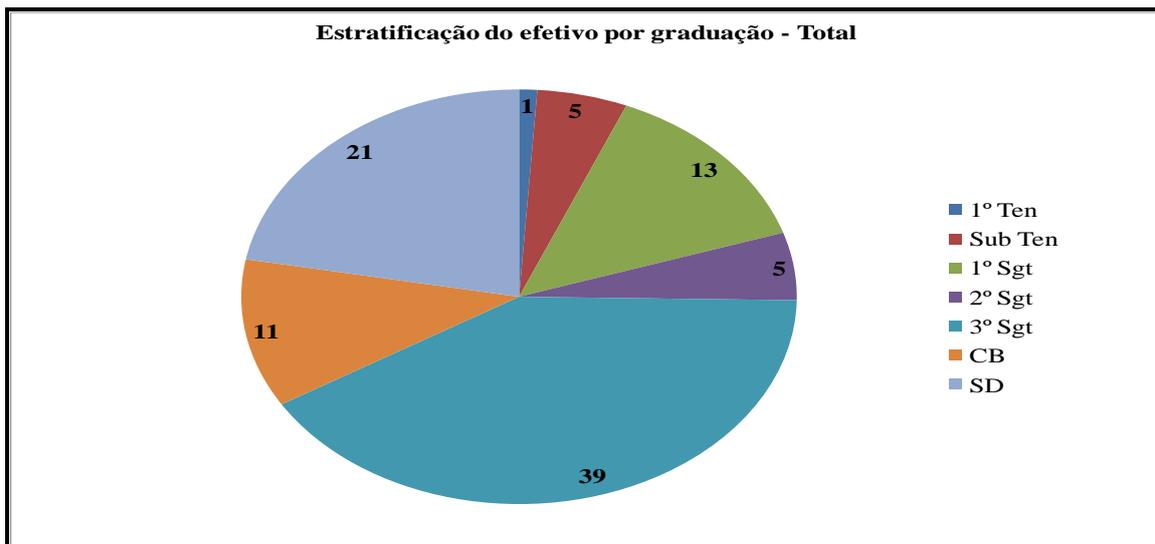


GRÁFICO 2 - Estratificação do efetivo por graduação.

A Banda é formada por policiais militares com diferentes graduações assim distribuídas: um oficial maestro que é o responsável pela Banda e os demais músicos classificados como instrumentistas. Desta forma, o corpo de músicos é distribuído por níveis hierárquicos compreendendo a seguinte divisão: um primeiro tenente (mestre); subtenentes (contramestres); primeiros sargentos; segundos sargentos; terceiros sargentos; cabos e soldados. Todos são funcionários públicos do Governo do Estado do Rio Grande do Norte.

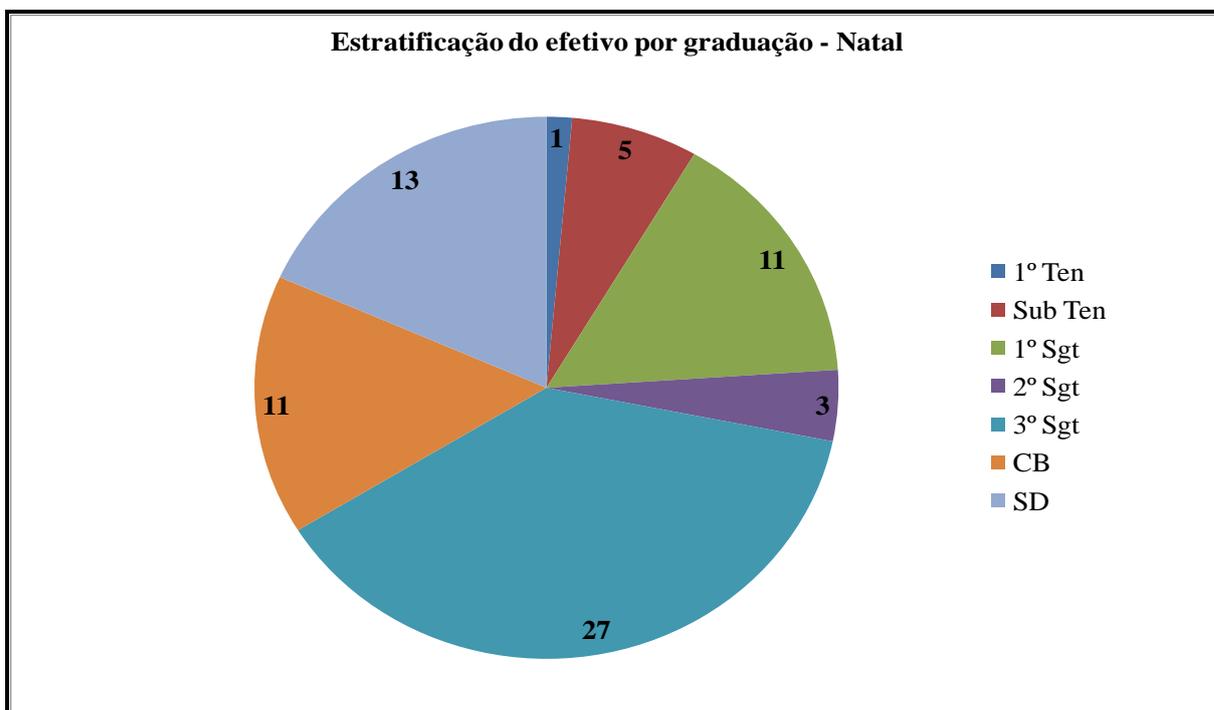


GRÁFICO 3 - Estratificação do efetivo por graduação, Natal.

Os instrumentos musicais utilizados pelo grupo são diversificados, sendo compostos pelos seguintes naipes: sopros (madeiras e metais) e percussão. Em ocasiões especiais, a exemplo de apresentações em festas bailes, são acrescentados à Banda instrumentos eletrônicos como o teclado, baixo e guitarra. Os músicos que executam os instrumentos eletrônicos também tocam instrumentos, seja de sopro e/ou percussão.

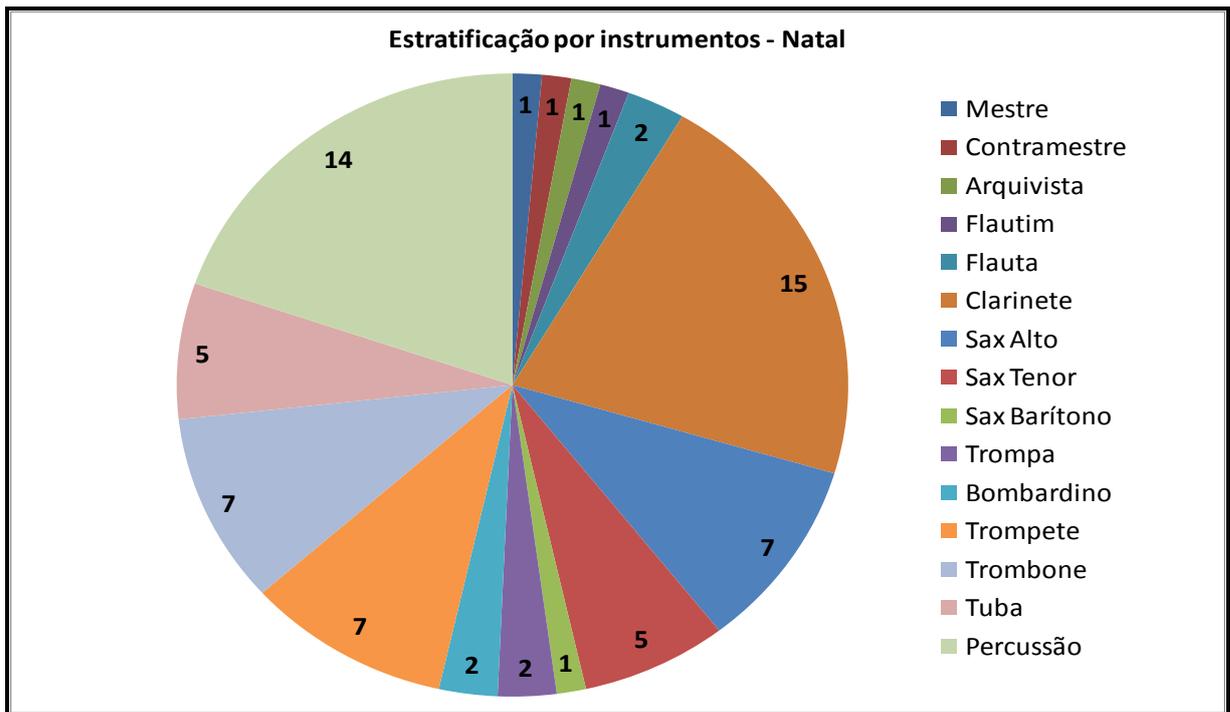


GRÁFICO 4 - Estratificação do efetivo por Instrumentos - Natal

3.2 A construção de saberes musicais na Banda de música da PMRN

Um dos mais importantes questionamentos na etnomusicologia diz respeito aos conteúdos e valores aprendidos, às percepções experimentadas e às relações socioculturais estabelecidas, quando se está aprendendo música. Neste sentido, Nettl (2005, p. 390) apresenta as seguintes questões: “quando música é transmitida, o que realmente é aprendido? [...] Como as pessoas praticam e em que atividades elas estão engajadas quando estão ensinando música entre si?”²⁴. Nettl ainda argumenta que “o modo através do qual uma sociedade ensina sua música é um fator de grande importância para o entendimento daquela música”²⁵ (1995, p. 3). Partindo do princípio que música não é som autônomo, mas envolve símbolos da experiência humana em sociedade, as situações de ensino-aprendizagem de

²⁴ *When music is transmitted, what is actually learned? [...] how people practice, in what activities they actually engage when they are teaching themselves music [...] (NETTL, 2005, p. 390).*

²⁵ *“I do believe that the way in which a society teaches its music is a matter of enormous importance for understanding that music” (NETTL, 1995, p. 3).*

música, para a etnomusicologia, vão além da idéia de transmissão e recepção de conteúdos acústico-sonoros para retratar valores culturais fundamentais. Para Blacking (1995, p. 43):

A disposição dos intervalos, padrões melódicos, mudanças harmônicas e desenhos contrapontísticos podem por si só ser capazes de expressar conceitos extramusicais, porque foram ordenados de acordo com um “programa” social derivado da mente do compositor²⁶.

Por esta perspectiva, os processos de ensino e aprendizagem, enquanto construção de saberes musicais, envolvem também o compartilhamento de experiências humanas, mantidas e repassadas socialmente. Um dos aspectos cruciais na construção de saberes musicais entre as diversas culturas diz respeito à prática da imitação, que em geral, se dá pela observação do fazer dos mais experientes (MERRIAM, 1964; BLACKING, 1976); Esse modelo é muito similar nas bandas de música, não militar em que os aprendizes, muitos deles crianças e adolescentes, observam os mais experientes executarem seus instrumentos.

Comumente, antes de ingressar na Banda de música, o policial passa pelo estágio obrigatório da corporação, que compreende o curso de formação de soldados da Polícia Militar. Nessa primeira fase, o aluno soldado começa a participar do cotidiano da caserna conhecendo os rituais, valores, comportamentos, atitudes, hierarquias, direitos e deveres. Além disso, passa a ter acesso às disciplinas diversas, inerentes ao fazer policial militar como: ética, direitos humanos, princípios do direito, defesa pessoal, aulas de tiro, ordem unida, técnicas de abordagem e outras. Esse período de adaptação é fundamental para o recruta conhecer as regras estabelecidas pela corporação e segui-las.

O período do curso pode ser flexível, podendo chegar a um ano. Após essa etapa, o formando passa por um ritual de passagem, representado por uma formatura que é realizada dentro da corporação militar para ser promovido ao primeiro grau hierárquico, na categoria de soldado PM.

Após a conclusão do curso de formação, e dependendo das disponibilidades de vagas e das suas habilidades técnico profissionais, o policial pode desempenhar algumas das várias funções existentes na PMRN. A função de músico instrumentista é uma dessas opções. Para ingressar especificamente na Banda da PM, os interessados são submetidos a um teste onde são observados os conhecimentos da gramática musical e a desenvoltura técnica no instrumento.

²⁶ *arrangements de intervals, melodic patterns, harmonics changes e contrapuntal devices may in themselves be able to express extramusical concepts because they have been ordered according to a socially derived program of the composer' mind* (1995, p. 43).

Após esse processo seletivo, o soldado passa a conviver com as atividades da Banda de música, como ensaios constantes e apresentações diversas. Desse modo, com sua efetivação no quadro da Banda e com o passar do tempo, o músico percebe que precisará de aperfeiçoamento para cumprir a sua designação. Tal aperfeiçoamento pode ocorrer de três formas: através de conhecimentos musicais compartilhados; curso de habilitação em música dentro da PMRN; ou através de instituições²⁷ de ensino de música formal, em nível básico, técnico e superior (bacharelado e licenciatura).

O compartilhamento de conhecimentos musicais predomina e permeia as demais formas de aperfeiçoamento musical. A partir da necessidade de cumprir as atividades musicais da Banda, no dia-a-dia, se compartilham conhecimentos entre os seus componentes, independentemente da graduação. Como citado acima, a prática da imitação, predomina nesta rede de ensino-aprendizagem. Merriam (1964) observa que a imitação constitui uma das formas de aprender música mais comum entre as diversas culturas e “talvez seja a mais simples e mais indiferenciada [...], a qual tende a ser limitada às primeiras lições, embora isso nem sempre seja o caso” (MERRIAM, 1964, p. 146).

Através das entrevistas realizadas, foi possível perceber que o compartilhamento de saberes entre policiais músicos, não é recente e vem se perpetuando na trajetória da Banda. Nos trechos de entrevistas transcritos abaixo, um membro ativo da Banda e um da reserva foram indagados a respeito do aprendizado musical. O primeiro relata que:

Cada vez mais a gente vai aprimorando conhecimentos [...] um repertório muito amplo [...] tem muito sargento que passa bastante dicas para gente, com bastante experiência e com muitos anos de música [...] é uma forma de cada dia aprender mais.

E o segundo – policial da reserva – que:

Não tinha professor (de música) designado pela própria polícia, era aquele músico, aquele mais habilitado, e tomava a frente.

Através destas falas, é possível perceber que os participantes que encontram dificuldades na execução de músicas do repertório da Banda procuram ajuda entre seus pares. Assim, a prática de compartilhamento se configura como contínua na trajetória da Banda, se tornando importante para os processos de aprendizagem dos policiais-músicos, uma vez que não há regularidade do ensino formal da música no âmbito da instituição.

²⁷ UFRN, UERN, Instituto de Música Waldemar de Almeida e entre outros.

A oferta de Curso de Habilitação em Música, que acontece eventualmente, surge de vagas decorrentes das promoções dos militares. Nessa habilitação, há o ensino da música nas modalidades teórica e prática. Na aula teórica, o instrutor, que geralmente é um músico da Banda, que tem maior graduação do que o curso ofertado, ministra as aulas nas dependências do Quartel. No que diz respeito à literatura utilizada nestes cursos, em geral, o instrutor indica leituras de alguns livros de ritmo, solfejo e estruturação musical, a exemplo dos trabalhos de Bohumil Med²⁸ e Maria Luiza Priolli²⁹. A partir dessas leituras, o professor vai trazendo as temáticas, juntamente com exercícios de ritmo e solfejo, cumprindo assim as diretrizes estabelecidas para a conclusão do referido curso.

As aulas práticas geralmente acontecem de forma coletiva, em ensaios pré-determinados, em que o instrutor e/ou maestro observa e avalia a desenvoltura técnico-profissional dos músicos inscritos no Curso. São programados a cada curso alguns ensaios, para que se possa cumprir a carga horária destinada. A oferta desse curso interno possibilita ao integrante da Banda a continuidade da sua formação musical, percebida através das aulas teóricas e práticas, bem como a possibilidade de ascensão funcional dentro da corporação.

Uma vez que o músico queira se especializar em música fora da PMRN, geralmente é concedido o direito por parte do maestro da Banda e pelo comandante da corporação, para que o mesmo possa aperfeiçoar seus conhecimentos musicais. Especificamente no Estado do RN, existem três instituições mais recorrentes nessa busca, que são a Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) e o Instituto de Música Waldemar de Almeida. Através das entrevistas, foi possível notar que há uma preocupação relacionada ao aperfeiçoamento no fazer musical por parte de alguns policiais, principalmente entre aqueles que se especializaram ou estão em fase de formação: *“A gente pega muita experiência com o dia-a-dia, acho que a grande maioria procura outros setores, tipo a Universidade, o Instituto pra melhorar seus conhecimentos”*..

A procura por formação em música se estende aos mais variados níveis de ensino: cursos básicos, técnico profissionalizante, bacharelado, licenciatura e pós-graduação. Por sua vez, a corporação também demonstra interesse e procura dar acesso ao aperfeiçoamento profissional do músico.

²⁸ MED, Bohumil. Teoria da música. Brasília: Musimed, 1986.

²⁹ PRIOLLI, Maria Luiza. Princípios de música para a juventude. Rio de Janeiro: Casa Oliveira de Música, 1987.

Como um processo circular e dinâmico, os músicos que adquirem conhecimentos fora da corporação, compartilham seus saberes musicais com os outros membros da Banda, bem como são convidados para ministrarem a disciplina de música no Curso de Habilitação.

Neste sentido, a Banda de música da PMRN constitui-se num grupo que desenvolve práticas e vivências musicais significativas, possibilitando a socialização dos conhecimentos entre os seus integrantes, sendo a instituição um importante espaço de ensino e aprendizagem de música e demais valores implicados neste processo.

3.3 Cotidiano e ritual na Banda

A idéia de ritual que melhor define a experiência do cotidiano militar diz respeito a uma ordem de atos e discursos que se realizam, ou seja, tornam-se realidade prática no dia-a-dia da caserna. Neste conjunto de atos e discursos (prática e conceito) estão implícitas as normas e preceitos que devem ser incorporados e rigorosamente observados pelos membros da corporação. Como afirma Santos (2001, p. 120):

No contexto de um ritual as categorias conceituais e a própria ação formam um conjunto de conhecimentos compartilhados por um grupo social, os quais são providos de significados convencionais. Tais significados possibilitam aos indivíduos uma compreensão geral do universo simbólico que compartilham. No entanto, ainda que comumente tomados por certos, os significados convencionais vão depender dos atos de interpretação para que se tornem significado particular.

Considerando que em qualquer grupo humano a experiência da coletividade implica em reunião de subjetividades, onde estão presentes os entendimentos e os conflitos, as ações rituais na vida militar objetivam o reforço às normas e preceitos, como forma de aproximação dos atos de interpretação e padronização dos comportamentos.

Na prática, as atividades dentro de uma organização militar funcionam 24 horas e existem regras específicas para todas as ocasiões, seguindo um regimento interno que controla o cotidiano desses espaços. Segundo Leiner (2009, p. 42):

Os próprios regulamentos militares prevêm rigor tanto para uma formação de combate, quanto para um desfile, para entrar em um elevador [...] Na caserna, sentar à mesa, andar em um corredor, dirigir a palavra a alguém, cumprimentar um colega passam pelo mesmo regime prescrito.

Esses princípios são aplicados dentro de todas as organizações militares independentemente da força, marinha, exército ou aeronáutica. As polícias militares são consideradas força auxiliar do exército brasileiro, possivelmente, pelo fato de sua missão

tática estar mais voltada para o plano terrestre. A polícia militar segue em alguns aspectos os mesmos preceitos concernentes às atividades cotidianas das forças armadas. Assim explica Silva (2009, p. 108):

De modo geral, a vida militar é regida por todo um sistema de crenças e valores específicos da instituição militar: um grupo considerado “fechado”, tradicional e altamente hierárquico, no qual se configura a preeminência da coletividade sobre os indivíduos como fundamental para o bom desempenho das atividades no quartel e nas demais organizações militares.

Dentro da estrutura da PMRN existem padrões determinados para todos os momentos, peculiaridade comum ao meio militar, e as penas são rigorosas para quem não os cumprem. Desse modo, os participantes dessa corporação precisam ser submetidos a regras específicas para poderem ser classificados como bons profissionais. Conforme Silva (2009 p. 108):

A corporação militar, portanto, detém certo controle e conhecimento da vida do indivíduo que nela está inserido e, ao condicioná-lo há uma série de regras e condutas próprias, acaba definindo a construção das relações e a formação da identidade desses indivíduos.

A primeira destas regras está relacionada ao expediente no Quartel da PMRN que começa às 7h, estendendo-se até às 17h, de segunda à sexta. Existem seções que funcionam até às 12h, como a Banda de música, por exemplo. Apesar desses limites de horários para alguns setores, a estrutura funciona 24h com policiais de prontidão para eventuais ocorrências relacionadas à segurança pública estadual.

Na Banda de Música, geralmente, o expediente começa às 7h, podendo ser alterado conforme as necessidades dos serviços. Assim, ela poderá tocar em diversos horários estendendo-se aos finais de semana. O horário do “expediente normal” assim chamado pelos músicos, na maioria das vezes é utilizado para ensaio do repertório, reuniões, condicionamento físico, entre outras atividades.

De acordo com as necessidades do serviço que é desempenhado pela Banda, as atividades do dia, e até mesmo da semana podem ser mudadas. Normalmente nas terças e quintas das, 7h às 9h, é reservado para a prática de condicionamento físico. Após a prática, os policiais trocam de uniforme e começam o ensaio. Nas segundas, quartas e sextas o expediente começa às 7h indo até ao meio dia. Como os dias de expediente são diversificados, tomarei como exemplo uma segunda feira.

3.4 Etnografia de um ensaio

Os policiais começam a chegar a partir das 6h, vão chegando aos poucos, em carros, motos e outros a pé. Os que já vêm de farda se concentram em frente ao auditório da Banda e os outros que entram em trajes civis se destinam a seus armários para colocarem seus uniformes. Na medida em que se encontram, as saudações são feitas. Dentro do *modus operandi* do cotidiano militar é comum que os indivíduos da mesma graduação não sintam a obrigação de se cumprimentar com o uso da continência.

Enquanto aguardam o início do ensaio, pequenos grupos se formam independente de graduação³⁰ e conversam sobre assuntos diversos; relativos ao fim de semana ou até mesmo sobre a Banda. É notória a socialização entre os grupos. Percebo que alguns ficam observando os outros colegas policiais músicos que estão chegando e entre o grupo ficam tecendo comentários entre si, tais como: se o cabelo está fora do padrão militar, se trocou de carro, se a farda não está conforme as regras estabelecidas entre outros. Esse tipo de comportamento é muito comum no ambiente militar, possivelmente seja fruto das normas e dos conjuntos de padrões existentes na corporação.

Às 7h30min começa o ensaio e um dos contramestres, que é um dos policiais músicos de maior graduação, convida os componentes da Banda para entrarem na sala, onde é feita a chamada nominal.

Os músicos começam a entrar no ambiente e a se sentarem na sala, e os espaços vão sendo ocupados, de forma hierárquica, de modo que os de maior graduação se posicionam nas primeiras fileiras das cadeiras sucedendo-se os demais. Quando todos estão presentes, o contramestre os saúda com um bom dia e inicia a chamada, que é feita através de uma lista onde constam todos os nomes dos músicos da Banda.

Os nomes são chamados partindo do que tem maior graduação³¹, até chegar os soldados. No militarismo, todo o militar tem seu nome de guerra, podendo ser o de família, o sobrenome, o nome ou as combinações destes, de maneira que fique o mínimo de nomes idênticos no setor de trabalho.

Como forma de esclarecimento, citarei como exemplo o nome do sargento Fontoura. O contramestre o chama pelo nome de guerra, assim, o policial Fontoura responde com seu número, que representa o ano que entrou na corporação e a colocação final na turma em que

³⁰ Soldados, Cabos e Sargentos.

³¹ Subtenentes, 1º, 2º, 3º sargentos, Cabos e Soldados.

participou. O policial responde 97.440. Isso quer dizer que ele entrou na corporação no ano de 1997 e a sua colocação nas turmas daquele ano foi a de 440.

Enquanto o contramestre realiza a chamada, percebo que o mestre (Tenente) entra na sala. Ao encerrar a chamada, o contramestre fica na posição de sentido e fala: Atenção Banda! O grupo fica em pé e ele fala: sentido! O contramestre apresenta-se ao mestre e logo após apresenta o grupo com as referidas alterações daquele dia como faltas, mensagem de não comparecimento ao serviço e outros.

O mestre assume o comando, pede para os músicos sentarem e saúda a todos com um bom dia. Nesse momento, ele recebe as anotações com as alterações do dia, tece alguns comentários, fala sobre a programação do ensaio e repertório a ser preparado. Após essas considerações, o mestre, libera os músicos por aproximadamente 30 minutos para tomarem um cafezinho na lanchonete interna do Quartel e logo adiante já se apresentam na sala de ensaio com seu respectivo instrumento para ter início o ensaio.

Por volta das 8h45min os músicos começam a entrar na sala, aquecem seus instrumentos, outros logo se sentam. Às 9h quando todos estão reunidos o contramestre pede silêncio para dar início ao momento de afinação dos instrumentos. Por determinação, um Sargento através da sua clarineta inicia a afinação em seu naipe, passando para flautas, saxofones altos e tenores, trompa, bombardino, trompetes, trombones e por último a tuba. Os instrumentos são afinados de forma individual.

Enquanto os instrumentos são afinados, o sargento arquivista entra na sala de ensaio com as partituras e as estantes, sendo assessorado por dois soldados³², que montam o material para início do ensaio. Por determinação do mestre, foram escolhidas três músicas para aquele momento, estando entre elas a canção da PM, e do estado do Amapá e o hino da Bandeira.

Fazendo uma reflexão sobre o repertório executado pela banda, tenho observado ao longo desses treze anos em que dela participo, que as músicas são escolhidas em função dos eventos existentes na corporação ou em datas importantes que compreendem o calendário como: Dia 7 de Setembro – Independência do Brasil, 19 de Novembro - Dia da Bandeira, 21 de Abril – Dia de Tiradentes, Quatro de Novembro – aniversário da PMRN, entre outras datas.

Em virtude de estar próximo do dia 19 de Novembro – Dia da Bandeira do Brasil e também uma formatura que irá acontecer na Academia de Polícia da PMRN, a Banda começa

³²As atividades mais pesadas como as faxinas, organizar a sala de ensaio, carregar instrumentos e outros trabalhos geralmente ficam para os soldados. Na medida em que o militar vai ascendendo na carreira, junto a isso surgem melhores regalias.

a ensaiar tais músicas com bastante antecedência, pois o repertório executado nesses eventos freqüentemente é tocado de cor.

Antes de começar, o contramestre responsável pelo ensaio fala sobre as metas pretendidas para aquele encontro, enfatizando sobre a necessidade de memorizar as músicas, como também da necessidade de parar o ensaio caso algum instrumentista ou naipes tenha alguma dificuldade. Adverte, portanto, aos músicos dos outros naipes que não estão com problema, que fiquem em silêncio até que a devida correção seja feita.

A primeira música escolhida para início foi a canção da PMAP³³. O contramestre começa a execução pelos naipes das madeiras, fazendo a introdução da canção. Algumas observações são feitas alusivas a afinação das clarinetas, pois o trecho é bastante agudo. É interessante que, quando um naipes está tocando, os outros músicos ficam muito atentos para ver se alguém toca alguma nota ou trecho errado. Em seqüência, os metais são requisitados para passar o mesmo trecho. Pelo que ficou claro não foram encontradas dificuldades técnicas desses instrumentos. Logo após, o regente contramestre pediu para que toda a Banda tocasse a canção do início ao fim.

Observo que quando termina a execução, um dos subtenentes e um primeiro sargento que estavam tocando fizeram questão de enfatizar que as clarinetas ainda estavam desafinadas. Dentro da hierarquia só quem pode fazer tais comentários e dar sugestões são os militares de maior graduação. Como o chefe do naipes das clarinetas era um segundo sargento, portanto hierarquicamente um militar de menor graduação, estes comentários são permitidos.

A próxima música escolhida foi o hino da bandeira. O contramestre pede para que todos toquem. Continua dando ênfase da necessidade de decorar, pois no dia da apresentação os músicos vão estar sem a partitura. Pelo que observo, não houve dificuldades de execução para tal partitura. Foram repetidas três estrofes até a finalização.

Em decorrência da Academia da Polícia³⁴ militar do RN ter entre seus alunos alguns cadetes da polícia do estado do Amapá, a Banda incluiu no ensaio tanto a canção da PMAP como a canção do Estado de origem dos policiais, para tocar na formatura de conclusão de curso.

Às 10h, o contramestre anuncia o término da primeira parte do ensaio, pede para os músicos saírem da sala e voltarem às 10h30min com exceção do naipes das clarinetas, pois precisa tirar algumas dúvidas atinentes ao trecho da canção da PMAP. O chefe de naipes das

³³ Polícia Militar do Estado do Amapá

³⁴ A Academia da Polícia Militar do RN é responsável pela formação dos oficiais da PMRN, existe a possibilidade de policiais de outras Polícias freqüentarem tal curso. O Curso de Formação de Oficiais (CFO) tem duração de três anos, é reconhecido pelo Ministério da Educação e equivale a um curso superior.

clarinetas fala como resolver o problema da afinação, levanta-se vai até as outras estantes, e exemplifica tocando partes da canção, mostrando que existem recursos técnicos no instrumento que podem facilitar a execução das notas agudas. O contramestre, por sua vez, sugere que as notas das partes mais agudas sejam tocadas uma oitava abaixo.

Às 10h30min os músicos retornam para a sala e o contramestre pede que repitam a canção da PMAP. Logo que acaba a execução, ele avisa que o ensaio naquele dia está encerrado e que no dia seguinte após a atividade de educação física, a Banda ensaiará as mesmas músicas.

Por fim, o ensaio acaba e os soldados começam a desmontar as estantes das partituras e a juntar as pastas. Observo que permanecem na sala alguns músicos de menor graduação, como os cabos e soldados que ficam estudando seus instrumentos e executando trechos do repertório da Banda.

O momento do ensaio da Banda de Música da Polícia Militar, portanto, não é apenas reservado para tão somente se executar as músicas, nesses encontros cotidianos, também são discutidos assuntos diversos, principalmente os alusivos a corporação.

3.5 Dimensões estruturais da Banda

Para se compreender como funciona a estrutura da Banda da PMRN é preciso conhecer as suas dimensões estruturais. Diferentemente de uma banda civil, a militar, possui particularidades que a caracteriza, principalmente pela aplicação da hierarquia e disciplina aos seus membros.

A estrutura da polícia militar é regida pelos preceitos da hierarquia, bem como pelos regulamentos³⁵ que são oriundos do Exército brasileiro, ao qual as PMs dos estados da Federação são subordinadas.

Na estrutura organizacional da Banda da PMRN esses preceitos são observados no comportamento de seus participantes, e envolve toda a dinâmica da Banda. A disposição dos músicos, por exemplo, obedece a normas hierárquicas relativas às suas graduações. Neste caso, na organização dos naipes, os músicos que possuem maior graduação posicionam-se sempre ao lado direito. No entanto, a despeito de todo o rigor hierárquico, eventualmente, se um músico de menor graduação dentro de um naipe apresenta melhor nível performático, esta

³⁵ Regulamento Disciplinar da Polícia Militar (RDPM); Regulamento de Continências, Honras e Sinais de Respeito (RCONT).

hierarquia pode ser flexibilizada. Neste sentido, verifica-se a possibilidade de interação entre música e hierarquia militar.

Por sua vez, existem situações em que alguns instrumentos passam a assumir funções específicas. Nesse caso, se a Banda estiver participando de um evento em que necessite desfilar, os instrumentos de metais³⁶ são posicionados nas fileiras da frente. Essa formação se justifica pela maior possibilidade de projeção sonora desses instrumentos, com o objetivo principal de alcançar o ouvinte que esteja mais afastado do grupo e por uma questão de conveniência, principalmente dos trombones de vara, que precisam de um maior espaço para serem executados. Essas práticas são vivenciadas essencialmente nos desfiles cívicos, eventos militares como formaturas diversas, procissões e cortejos religiosos. (Ver figuras 12 e 15).



FIGURA 12 - Desfile sete de setembro 2009
Fonte: Fontoura (2009), pesquisa de campo.

³⁶ Trombones, tubas e trompetes.

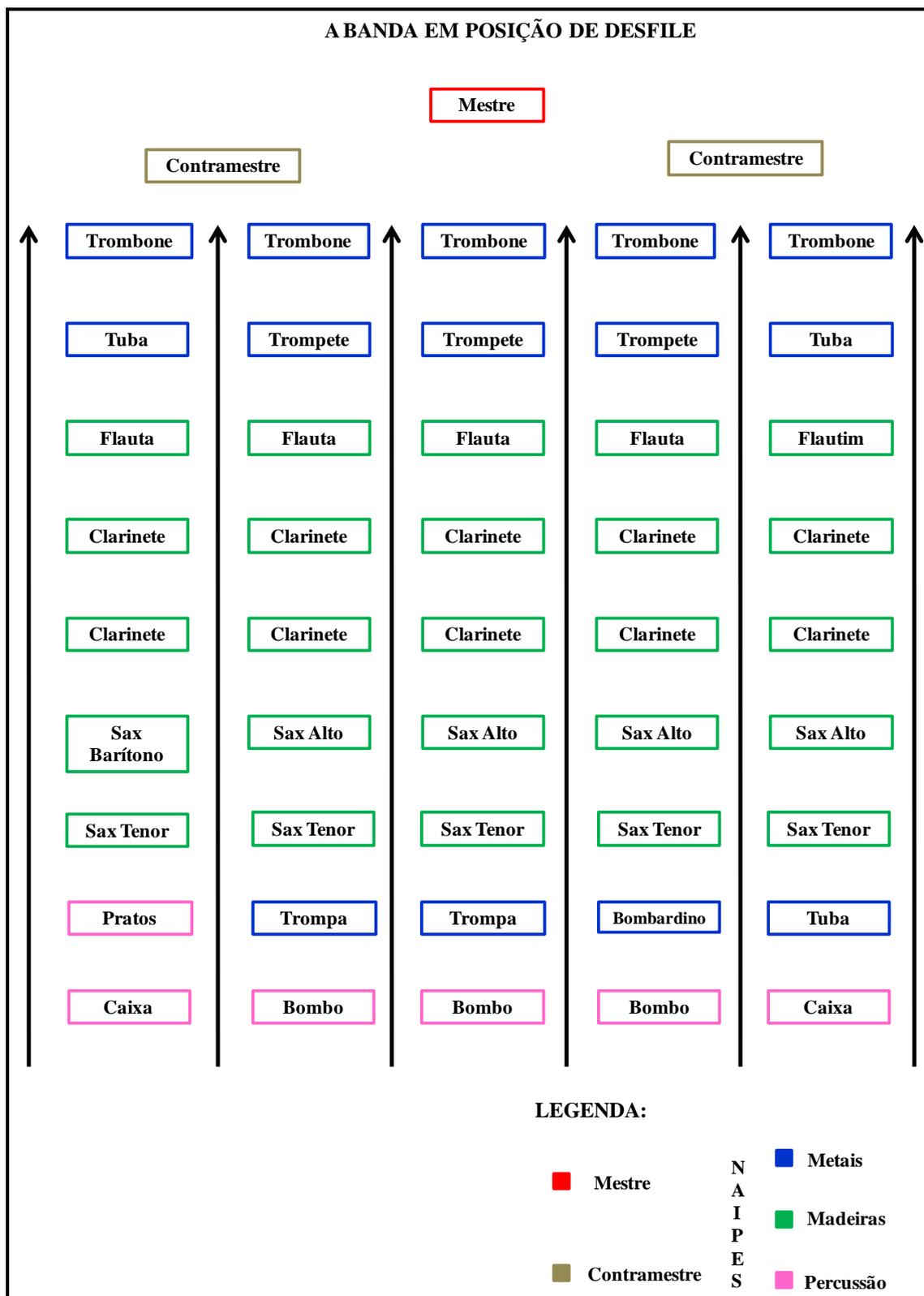


FIGURA 13 – A Banda em posição de desfile.



FIGURA 14 - Sete de setembro de 2009 na Av. Hermes da Fonseca.
Fonte: Fontoura (2009), pesquisa de campo.

Na figura acima é observado o momento em que a Banda está em desfile percorrendo o trajeto com a tropa da polícia na Av. Hermes da Fonseca, no Bairro de Tirol, a poucos metros da praça cívica na Av. Prudente de Moraes, local, onde se realiza a parada do dia sete de setembro na cidade do Natal.



FIGURA 15 - Ensaio na quadra de esportes do QCG.
Fonte: Fontoura (2009), pesquisa de campo.

Ademais, se percebe que quando o grupo está ensaiando e nas apresentações de caráter concertante ou em ocasiões que os componentes fiquem sentados, os instrumentistas mudam de posição com exceção do naipe de percussão, que em ambos os casos ficam nas últimas fileiras. Nesse caso, se verifica que os instrumentos de madeiras são colocados nas primeiras fileiras da Banda, possivelmente pela pouca sonoridade destes em relação aos

metais. Quando a Banda toca em eventos em que os músicos ficam sentados, frequentemente em ambientes fechados, e quando em locais abertos, geralmente se utiliza equipamentos de amplificação sonora. Contudo, em situações em que o grupo se apresenta em pé nesses mesmos contextos, o seu perfil é o mesmo do desfile.

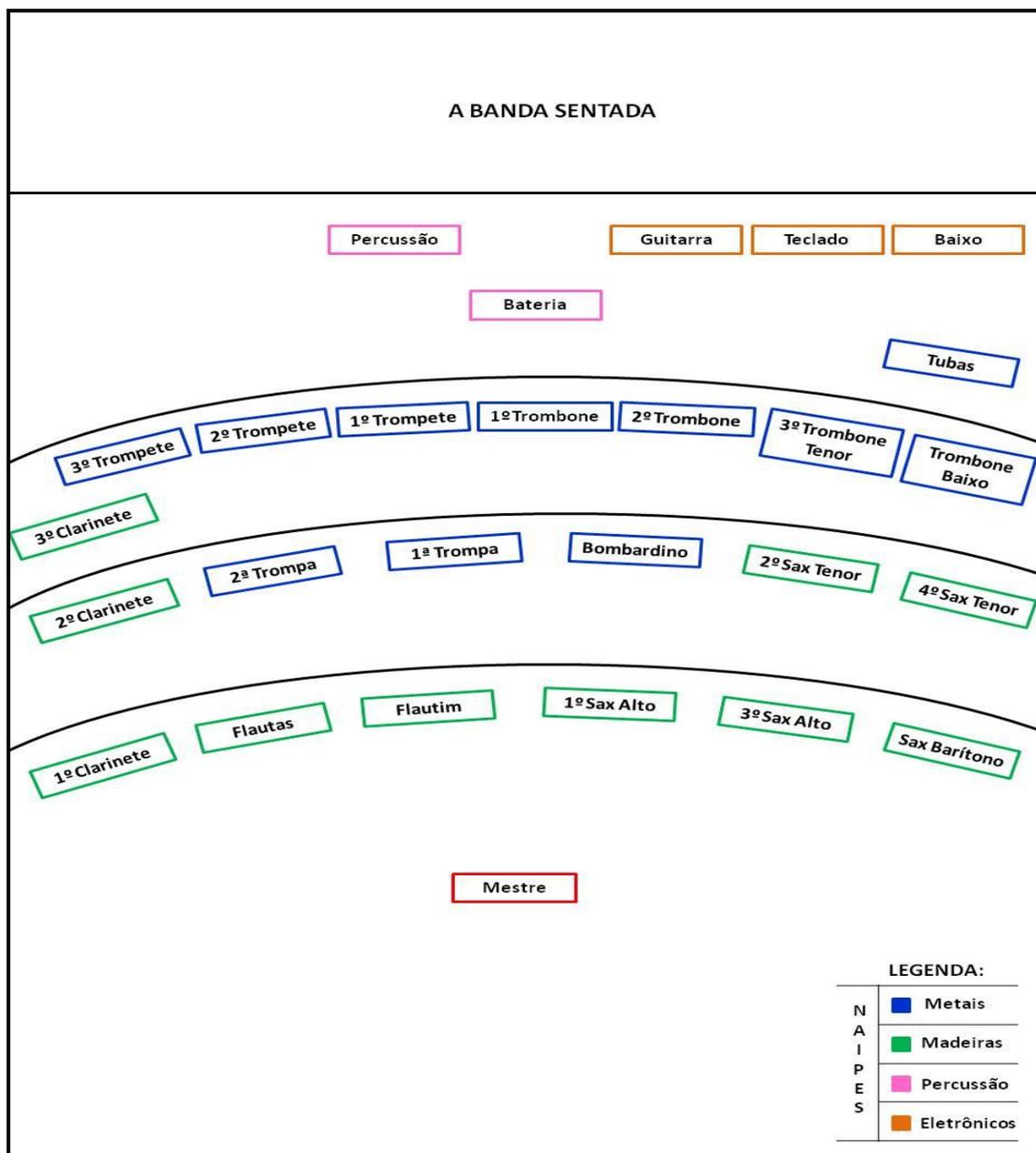


FIGURA 16 - Posição da Banda durante os ensaios e apresentações sentados.



FIGURA 17 - A Banda no auditório Tonheca Dantas com o 4º uniforme
Fonte: Fontoura (2009), pesquisa de campo.



FIGURA 18 - Ensaio no auditório Tonheca Dantas com o 3º uniforme
Fonte: Fontoura (2009), pesquisa de campo.

3.6 Análise da marcha da PMRN

A etnomusicologia tem sido uma importante disciplina que através de seus métodos procura compreender a música que o homem faz, bem como o homem que faz música, seus conceitos e comportamentos. Para Blacking (1976, p. 30-31):

Não se pode desvincular as análises funcionais da estrutura musical das análises estruturais da sua função social: não se pode explicar de modo correto a função dos sons musicais em relação uns aos outros, como partes dum sistema fechado, sem referência às estruturas do sistema sociocultural do qual a música faz parte, e ao sistema biológico ao qual pertencem todos aqueles que fazem música. A etnomusicologia não é apenas uma área de

estudos que trata da música exótica, nem uma musicologia do que é étnico — é uma disciplina que mantém a esperança numa compreensão mais profunda de qualquer música.

Merriam (1964), seguido por Nettl (2005) discutem dez funções da música que podem estar presentes no fazer musical das sociedades: função de expressão emocional; gozo estético; entretenimento; comunicação; representação simbólica; resposta física; reforço e conformidade para as normas sociais; validação das instituições sociais e rituais religiosos; contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura e integração social.

Em estudo mais aprofundado, possivelmente encontraríamos algumas destas funções na prática da Banda, uma vez que seu repertório é rico e diversificado, contemplando marchas, hinos, dobrados, canções entre outros gêneros. A manutenção de tal repertório não só reflete as atividades intensas da banda no cotidiano do quartel, a confirmação do sentido de ser militar, como aponta para uma profunda interação entre banda e sociedade. Assim, apenas para citar algumas funções relacionadas ao repertório da banda e sem pretender engessar um processo que dinâmico, podemos destacar a função de representação simbólica; resposta física; reforço e conformidade para as normas sociais; validação das instituições sociais e rituais religiosos.

Quando se trata de hinos e canções dentro do contexto militar, esses são regulamentados por decreto. Em 19 de janeiro de 1952, a marcha da Polícia militar do Estado do Rio Grande do Norte, da autoria do Major José Victoriano de Medeiros, foi instituída pelo decreto nº 2.227, que a torna oficial.

José Vitoriano de Medeiros, que percorreu todos os postos (com exceção do último) da hierarquia do Batalhão de Segurança, tendo mesmo ocupado o seu comando, era poeta e compositor. São de sua inspiração a letra e a música da Polícia Militar, que ele amava como à própria família. Trata-se de um canto de exaltação à briosos Força Pública, defensora da Legalidade, do litoral ao sertão. É uma evocação dos feitos do passado e um estímulo ao cumprimento do dever nos largos dias do futuro da Pátria. A Banda de música de unidade sempre capricha ao executá-lo, procurando transmitir emoções aos que o escutam nos grandes dias da nacionalidade, da terra potiguar e da corporação (WANDERLEY, 1969, p. 144).

A marcha da PMRN caracteriza a corporação representando-a simbolicamente, sendo executada durante os atos cerimoniais. Além de ser cantada como símbolo da corporação, é também utilizada nos desfiles, como forma de unificação do passo dos policiais, o que corresponde à função de resposta física estudada por Merriam. Cavilha (2009, p. 148) afirma que:

Nos rituais configura-se uma total uniformização de gestos e de vestes, tornando-os guerreiros iguais; as verbalizações devem ter um tom uníssono. (...) nessas “solenidades” ritualísticas, muito além dos indivíduos envolvidos diretamente, todos se transformam em um só corpo, em um só gesto, em um só uniforme e, desse modo, personificado no grupo, em um só ideal de pertencimento.

Nesse sentido, todos os integrantes da corporação têm o dever de saber cantar a marcha nos eventos em que é executada. Esta é uma forma de imposição por parte da corporação para que seus membros conheçam através do canto as particularidades, significados e dados históricos da PMRN.

3.6.1 Letra da marcha da PMRN

Nós somos os Pioneiros do litoral ao sertão
E somos também guerreiros do estado Nação,
temos no peito a pujança de combater a desordem.
defendendo a segurança e a garantia da ordem

Coro
Marchemos, na paz e na guerra.
Neste garbo varonil
Defendamos nossa terra.
Para glória do Brasil!

Nossos peitos com vigor.
Afeitos à luta agreste;
Traduzem nosso valor
Neste rincão do Nordeste
Somos contra o despotismo,
Que traz a revolução;
Infeliz do extremismo,
Que rouba a paz da Nação!

Se a Pátria for ultrajada.
Não nos afronta o perigo,
Vamos fazê-la vingada,
Combatendo o inimigo,
Nosso valor militar,
De guarda fiel do Estado
Saberemos conservar
O juramento sagrado.

Compreendendo o texto musical como narrativa, ou seja, “categoria epistemológica” (JAMESON, 1981), que conta e reconta os valores fundamentais de um grupo social, procuramos entender os fatos narrados na letra do hino da PMRN como construções de valores idealizados, que não precisam corresponder literalmente a uma realidade histórica. Tais narrativas sustentam identidades sociais que apontam para referências nodais e unificadoras, que dão sentido de pertencimento ao universo experimentado, ao mesmo tempo em que atualizam dinamicamente os fatos sociais.

A narrativa é um dos esquemas cognitivos mais importantes com que os seres humanos contam, uma vez que permite a compreensão do mundo que nos rodeia de tal maneira que as ações humanas se entrelaçam de acordo com seu efeito na construção de metas e desejos. Em outras palavras, se por um lado parece não haver compreensão do tempo humano fora da inserção em um marco narrativo, por outro lado, a narrativa seria a única forma cognitiva com que contamos para entender a causalidade em relação às ações dos agentes sociais³⁷ (RICOEUR, 1984 apud VILLA, 1996, p.1).

A marcha da PMRN atualiza aspectos fundamentais da identidade policial militar, como descreve o texto, “*Somos também guerreiros, do Estado e da Nação/ temos no peito a pujança/ de combater a desordem/defendendo a segurança/ e a garantia da ordem*”. As assertivas presentes na letra reiteram uma identidade que não é essencial ou subjetiva, mas institucionalizada e subjetivada, através dos mecanismos reforçados na rotina militar, e simbolizam os vários aspectos presentes no sentido do que venha a ser um policial militar.

A identidade social não é um ‘estado essencial interno’, nem tampouco o produto de poderosos discursos externos a la Althusser, mas é um produto da complexa interação de narrativas acerca de nós mesmos e dos outros, desenvolvidas em relação às múltiplas inter-relações que estabelecemos através do tempo. Ao momento de dar conta deste sistema de inter-relações, a música ocuparia um lugar privilegiado, por ser um tipo de artefato cultural que provê a gente de diferentes elementos que eles utilizam no interior de tramas argumentais, na construção de suas identidades sociais (VILA, 1996, p. 21).³⁸

³⁷ *La narrativa es uno de los esquemas cognoscitivos más importantes con que cuentan los seres humanos, dado que permite la comprensión del mundo que nos rodea de manera tal que las acciones humanas se entrelazan de acuerdo a su efecto en la consecución de metas y deseos. En otras palabras, si por un lado parece no haber comprensión del tiempo humano fuera de su inserción en un marco narrativo, por otro lado la narrativa sería la única forma cognoscitiva con que contamos para entender la causalidad en relación a las acciones de los agentes sociales (RICOEUR 1984).*

³⁸ *[...] la identidad social no es un "estado esencial interno", ni tampoco el producto de poderosos discursos externos a la Althusser, sino que es el producto de la compleja interacción de narrativas acerca de nosotros mismos y los "otros" desarrolladas en relación a las múltiples interrelaciones que establecemos a través del tiempo. Al momento de dar cuenta de este sistema de interrelaciones la música ocuparía un lugar privilegiado, al ser un tipo de artefacto cultural que provee a la gente de diferentes elementos que ellos utilizarían, al interior de tramas argumentales, en la construcción de sus identidades sociales.*

Portanto, longe de configurar uma natureza essencial do policial militar, as qualidades que se apresentam na letra do hino, bem como os demais aspectos musicais e não sonoros que evoluem a música da PMRN, criam o sentido de pertencimento à corporação e permitem a compreensão do universo militar.

Na tentativa de descrever as estruturas musicológicas presentes na construção da marcha, seguiremos com uma análise que contempla aspectos melódicos, harmônicos, formais e orquestrais. Vale destacar que qualquer análise deste tipo reflete uma fixação ou registro no tempo e no espaço de um fenômeno que é dinâmico e temporal.

A marcha da PMRN está estruturada na forma: A B A. O A compreende a parte introdutória da peça, sua tonalidade está centrada na tonalidade de fá maior, localizando-se entre o compasso um e quarenta e sete. Na parte B, abrange o coro, no relativo, ré menor, que vai do compasso quarenta e sete a sessenta e quatro. Para concluir, há uma re-exposição da parte de A, faz um salto para a coda.

Marcha Militar Letra e Música: Vitoriano Medeiros
Arr.: Juvenal Lira

Voz 

10 To Coda Canto

19

28

37

45 Côro

54

62 1.2. 3. D.S. al Coda

1. Nós so-mos os pi - o -
2. Nos - sos - peitos com vi -
3. Sea Pá - tria for - ul - tra

nei - ros Do li - to - ral ao ser - tão E so - mos tam - bém guer - rei -
gor. A - fei tos à lu - taa - gres - te; tra - du - zem nos - so va - lor -
ja - da Não nos a fron - ta o pe - ri - go, Va - mos fa - zê - la vin - ga -

ros Do Es - ta - doe da Na - ção, Te - mos no pei - toa pu - jan - ça
Nes - te rin - ção do Nor - des - te So - mos con - trao des po - tis - mo,
da Com - ba - ten - doo i - ni - mi - go, Nos - so va - lor mi - li - tar,

De com - ba - ter a de - sor - dem. De - fen - dendo a se - gu - ran - ça E
Que traz a re - vo - lu - ção; In - fe - liz do ex - tre - mis - mo, Que
De guar - da fiel do Es - ta - do Sa - be - re - mos con - ser - var O

a ga ran - tia - a da or - dem Mar - che mos, na paz ena guer ra. Nes - te
rou - ba a paz da Na - ção!
ju - ra - men - to sa - gra - do.

gar - bo va - ro - nil De - fen - de - mos nos - sa ter - ra Pa - ra
gló - ria do Bra - sil sil.

FIGURA 19 – A marcha da PMRN

3.6.2 Elementos característicos da marcha da PMRN

A partir de uma análise ampla, se observa que existem elementos característicos de uma marcha militar como uso do compasso binário, que serve como reforço da marcha, desenhos rítmicos peculiares para determinados instrumentos e geralmente a finalização é bem comum com outros tipos de marchas. (Ver figura 20)

The image displays a musical score for a military march, consisting of seven staves. The first staff is for the Requinta (Flute), showing a melodic line in G major and 2/4 time. The second staff is for the Trompa (Trumpet), featuring a rhythmic pattern of eighth notes. The third staff is for the Saxofone Alto (Alto Saxophone), with a melodic line. The fourth staff is for the Trompete (Trumpet), showing a rhythmic pattern with triplets. The fifth staff is for another Trompete (Trumpet), with a melodic line. The sixth staff is for the Clarinete (Clarinet), with a melodic line. The seventh staff is for the Compassos finais (Final Drums), showing a rhythmic pattern. The score is written in G major and 2/4 time.

FIGURA 20 - Elementos característicos de uma marcha militar.

3.6.3 A melodia da introdução para os metais

Na parte da introdução da peça, se verifica que a melodia está sendo executada pelos instrumentos que compoem os naipes dos metais como os trombones e trompetes, esse tipo de instrumentação é bem comum nas marchas possivelmente para projeção sonoras desses instrumentos. Foi possível verificar que geralmente a marcha é executada nas formaturas, cerimônias ou em eventos específicos da PMRN. Em ocasiões especiais ela é tocada durante a realização do desfile. (figura 21)

1º Trompete B♭

2º Trompete B♭

1º Trombone

1º Trombone

FIGURA 21 - O uso dos graus (I, IV E V) reforça a idéia de força da tonalidade

Outra característica peculiar é a forma de como estão distribuídos os graus da marcha. Vê-se uma forte incidência de uso do I, IV e V graus, isso, também, é bem presente nos encadeamentos das marchas militares, possivelmente pela idéia de reforço da tonalidade. (figura 22).

1º Trombone

FIGURA 22 - Incidência de uso do I, IV e V graus.

3.6.4 Linha melódica da introdução está em forma de arpejos

Observa-se, também, que na parte da introdução a linha melódica está na forma de arpejos, existindo desenhos rítmicos diferenciados para os instrumentos musicais. Apesar dessa diferenciação entre os metais e madeiras existe uma similaridade nas notas que compõem o acorde. (figura 23)

1º Trompete B♭

Requinta E♭

FIGURA 23 – Demonstrativo de diferenciação e similaridades entre metais e madeiras.

3.6.5 Canto: intervalos disjuntos e arpejos

Na parte inerente ao canto, se verifica a grande incidência de arpejos e os intervalos estão em posição mais afastada. A linha melódica geralmente se desenvolve dentro de uma oitava, ficando assim, mais confortável para seus executantes que em sua maioria são homens. (figura 24)

Marcha Militar

Voz  Letra e Música: Vitoriano Medeiros
Arr.: Juvenal Lira

10 **To Coda** Canto

19

28

1. Nós so-mos os pi - o -
2. Nos - sos__ peitos com vi
3. Sea Pá - tria for ul - tra

nei - ros Do li - to - ral ao ser - tão _____ E so - mos tam - bém guer - rei -
gor. _____ A - fei tos à lu - taa - gres - te; tra - du - zem nos - so va - lor _____
ja - da Não nos a fron - ta o pe - ri - go, Va - mos fa - zê - la vin - ga -

ros Do__ Es - ta - doe da Na - ção, _____ Te - mos no pei - toa pu - jan - ça
____ Nes - te rin - ção do Nor - des - te So - mos con - traos des po - tis - mo,
da Com - ba - ten - doo i - ni - mi - go, Nos - so va - lor mi - li - tar, _____

FIGURA 24 - Coro: contraste com maior número de intervalos conjuntos em uníssono.

A parte do coro apresenta alguns contrastes em relação à parte inicial da peça. A princípio, nesta seção os intervalos estão em estado mais conjuntos, não existindo grande ocorrência de arpejos como na parte da introdução. Verifica-se que a tonalidade está no relativo e a instrumentação está em uníssono com a voz, mas os desenhos rítmicos se

diferenciam da parte inicial, especificamente pela não incidência de figuras pontuadas (figura 25).

37

De com-ba - ter a de - sor - dem. De - fen dendo a se - gu - ran - ça E
 Que traz a re - vo - lu - ção; _____ In - fe - liz do ex - tre - mis - mo, Que
 De guar-da fiel do Es - ta - do Sa - be - re-mos con-ser - var _____ O

45 **Côro**

a ga ran - tia - a da or - dem Mar - che mos, na paz ena guer ra. Nes - te
 rou-ba a paz da Na - ção! _____
 ju - ra - men-to sa - gra - do.

54

gar-bo va-ro - nil _____ De - fen - de-mos nos-sa ter - ra Pa - ra

62 1.2. || 3. **D.S. al Coda**

gló-ria do Bra - sil _____ sil. _____

FIGURA 25 – Demonstrativo da tonalidade menor e da ênfase nos uníssonos da marcha.

CAPÍTULO IV

Banda de música, ritual e sociedade

4.1 A cidade do Natal

Natal está entre as capitais mais desenvolvidas economicamente na região nordeste. Em termos populacionais, segundo o último censo³⁹, realizado em 2010, a cidade conta com 803.811 mil habitantes, sendo a maior cidade do estado. No entanto, tal desenvolvimento não resulta de fenômeno “natural”, advindo de fatores geográficos ou culturais. Diante da situação de desvantagem econômica historicamente verificada na região nordeste, seja por fatores políticos e/ou ideológicos. A decisão e tentativa de modificar a condição de pobreza e desequilíbrio na distribuição de riquezas, nas diversas capitais nordestinas, principalmente na comparação com sul e sudeste, constituem construção social administrativa, motivada em sua maioria pelas exigências dos organismos internacionais, tais como a UNESCO e UNICEF, que tratam das questões relacionadas ao desenvolvimento humano. Mesmo assim, a ênfase nas atividades turísticas, enfatizando as riquezas ambientais, as praias, áreas de vegetação natural, não tem solucionado o problema da exclusão social vigente na cidade do Natal.

Em 1975, o estado do Rio Grande do Norte inicia um processo de integração das áreas litorâneas do RN com as políticas nacionais de incentivo ao turismo. O II Plano Nacional de Desenvolvimento destinava, então, vultosos recursos para ‘implantação de projetos turísticos na orla marítima’ principalmente (ou quase totalmente) voltados para a capital do estado (SOUZA, 1999 apud SILVA; FERREIRA, 2005, p.16).

O grande investimento no turismo nestas últimas décadas tornou a cidade do Natal conhecida nacional e internacionalmente como “Cidade do Sol” e “Noiva do Sol”, sendo os fatores ambientais uma das principais referências. Além destes, alguns títulos relacionados a episódios históricos, ganham relevância na apresentação da cidade como pólo turístico: “Capital Espacial do Brasil⁴⁰” e “Cidade dos Reis”.

³⁹ Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?uf=ma>. Acesso em: 27 de out de 2010.

⁴⁰ Devido às operações da primeira base de foguetes da América do sul, conhecido como centro de lançamentos da barreira do inferno.



FIGURA 26 – A cidade do Natal/RN.
Fonte: Canindé Soares.

Por estar localizada na região nordeste, pode ser considerada uma das capitais mais antigas do Brasil, pois completou 411 anos de fundação, em 2010. Nessa perspectiva, juntamente com o desenvolvimento notório ao longo desses anos e com os avanços tecnológicos trazidos pela contemporaneidade, a cidade cultiva várias manifestações folclóricas⁴¹ na região urbana que podem ser localizadas em alguns bairros tidos como tradicionais, estando entre eles Rocas, Vila de Ponta Negra, Ribeira e Felipe Camarão. Ainda, no âmbito da cultura, pode ser citado o folclorista Luis da Câmara Cascudo, conhecido pelas suas publicações na esfera nacional e internacional.

Outro fator relevante na cidade, em termos culturais, é a existência de quatro bandas militares, sendo três das forças armadas que compreendem a da marinha, exército e aeronáutica e uma da polícia. Entre as nove capitais do nordeste, apenas Natal e Salvador contam com esse número de bandas. Possivelmente, essa concentração de bandas militares na cidade do Natal se justifique pela sua posição estratégica em termos militares.

Ainda, privilegiada pela posição geográfica, durante a segunda guerra mundial, a cidade, recebeu em suas terras e águas as tropas americanas, que fundaram a base naval em Natal e a aérea⁴² em Parnamirim. A escolha dessas cidades se explica pela proximidade ao continente africano, particularmente Dakar. As bases serviam como ponto de apoio e abastecimento dos navios e das aeronaves. Por causa do papel estratégico da base de Parnamirim durante a Segunda Guerra Mundial, a cidade de Natal ficou conhecida no cenário nacional como “Trampolim da Vitória”.

⁴¹ Congos de Calçola, Boi, Araruna, Maculelê e outras.

⁴² Parnamirim Field foi a maior base da força aérea norte-americana em território estrangeiro.

Em relação ao desenvolvimento econômico da RMN [região metropolitana do natal], em um primeiro momento ele está circunscrito à Natal; tal isolamento da capital, no litoral leste do estado, permitiu um crescimento urbano decorrente de seu papel enquanto sede do poder político e também enquanto possuidor de um porto, historicamente vinculado com os fluxos de importação e exportação dos produtos do interior do estado. A presença da burocracia pública, aumentada após a Segunda Guerra Mundial, com seus diversos setores municipais, estaduais e federais permitiu a capital manter uma renda média superior aos outros municípios do RN (CLEMENTINO, 1995, p.183-223).



FIGURA 27 – mapa de localização da cidade do Natal/RN.
Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?imgurl>

Com o advento da guerra, e a vinda dos americanos para o estado, a cidade passa a vivenciar as mudanças no cotidiano. Os carros das forças armadas passam pelas ruas, os aviões cruzam as nuvens, as luzes das casas são apagadas durante a noite para não serem identificadas pelos inimigos, em alguns momentos as sirenes que indicam perigos são acionadas e outro fatores que são peculiares à guerra. A sociedade, principalmente a natalense, começa a conviver com a realidade da guerra, bem como com as influências dos americanos no cenário sociocultural local.

A indústria da guerra trouxe um grande fluxo de dinheiro para a construção de espaços físicos atinentes às obras bélicas e outros tipos de serviços. Segundo Suassuna (2002, p. 101):

Daí a importância de Parnamirim na segunda guerra, uma base dos Aliados, tendo à frente os americanos. A vida de Natal se transforma com a movimentação de grande número de estrangeiros, americanos em sua maioria. O comércio aumentou consideravelmente. Natal vivenciou novos costumes e presenciou uma vida diferente.

Naturalmente, com a inserção dos personagens que tornavam a guerra uma situação real em Natal, o desenvolvimento se tornou um fator relevante, particularmente no setor comercial que teve aumento considerável.

Outro destaque está para os bairros da zona portuária que se tornaram mais urbanizados, como os das Rocas, Ribeira. E neles foram construídos galpões, hotéis, bordéis e cassinos. Vale salientar que esses bordéis eram freqüentados tanto por pessoas importantes da cidade como por militares estrangeiros. Neles existiam formações características de bandas de bailes para animar as festas. Um dos entrevistados relatou que muitos componentes dessas “orquestras” eram músicos militares. O entrevistado é ex-componente da Banda da PMRN e está há 31 anos na reserva e lúcido. Ele relatou como foi seu ingresso na Banda, quando em sua fala fez referência às práticas musicais das orquestras de bailes ocorridas nos cabarés, do bairro da Ribeira no ano de 1949.

Eu vim passar dois dias em Natal e me levaram para Ribeira para o cabaré, tinha o Estrela e outros. Fui conhecer os músicos que tocavam lá... Dentro dos cabarés tinha orquestra boa tocando. Lá os músicos me perguntaram você toca o que? Eu disse Pistom [Trompete]. Você pode dar uma canja⁴³ aqui pra gente? Como naquele tempo as músicas americanas estavam no auge eu comecei a tocar um Fox trote e correu o boato na cidade que um músico da Paraíba tava tocando aqui.

Em meio às manifestações musicais existentes na sociedade natalense, é possível vislumbrar a participação da Banda da PMRN há mais de cem anos. Como foi citado no capítulo dois, a Banda desde o final do século dezenove vem servindo à sociedade, bem como às atividades existentes na corporação da polícia militar.

É possível, também, observar que com o passar dos anos, o efetivo da Banda tem aumentado consideravelmente chegando próximo a cem músicos, em 2010. Além do mais, como forma de atender às diversas solicitações, foi possível constatar através da análise dos ofícios enviados à Banda, a grande quantidade de apresentações feitas durante o ano. Somente em 2010, foram realizadas 219. As solicitações são diversas, estando entre elas as aberturas de eventos, comemorações de aniversário de emancipação política de municípios, eventos religiosos, solenidades cívicas, militares e outras não oficiais, como tocar parabéns para um determinado militar ou civil aniversariante. Este último, em casos raros, como por exemplo, uma apresentação da Banda em aniversário de familiares dos músicos. Como forma de

⁴³ Participação especial durante a realização do *show*.

atender à demanda, foi preciso dividir o grupo em três frações, estando duas atuantes na capital e outra em Mossoró.

4.2 Espaços e contextos de atuação da Banda

Com o anseio de conhecer os espaços e contextos de maior atuação da Banda, analisei todos os ofícios enviados em 2010, para requisitar o grupo. Como eram muitas as solicitações recorri às instituições nas quais o grupo mais se apresentou. Assim, escolhi três instituições para entrevistar seus representantes, Escola Fundação Bradesco, Tribunal de Justiça e Igreja Católica, com a finalidade de saber o por quê dessas entidades tanto convidarem o grupo.

Durante a realização das entrevistas foi possível perceber dos informantes que a Banda exerce funções bem distintas nesses espaços de atuação. A diversidade de gêneros executados agrada as diversas camadas sociais em espaços diferentes. Um representante da Igreja Católica justifica o seu gosto pelo repertório da Banda,

Porque é um repertório que tem melodias inesquecíveis, que não passam... Porque essas bandas de gritaria, de pancadaria... isso aí... e uma coisa que não demora, com um ano já estão superadas... mas a Banda de música ela ressuscita, ela resgata uma melodia como a de Tonheca Dantas, esses dobrados orquestrados de Ray Conniff, e de tantas outras orquestras, músicas de MPB, músicas religiosas, por exemplo... A Banda da polícia na procissão de corpus Cristo: tava tocando a música Queremos Deus.... e o povo cantando, quer dizer... é música que permanece, que o povo pode cantar e acompanhando a Banda de música; então, eu acho que o repertório tem que ser com músicas que tenham letras que tenha conteúdos que tocam a alma da gente.

O repertório executado pode ser considerado eclético, contendo dobradas, valsas, boleros, músicas religiosas e populares que estão na mídia. Assim, a Banda da Polícia procura se destacar em suas apresentações, executando músicas condizentes com o espaço que irá se apresentar. Como as solicitações são diversas, o grupo procura estar sempre atualizado com os repertórios que são apreciados, tanto pelas grandes massas, quanto pelo ouvinte exigente, atingindo, portanto, a públicos diversos. Em outra entrevista sobre o repertório executado pela Banda, a representante da Fundação Bradesco, afirmou:

As músicas são lindas... e quando eles são convidados, a gente ainda ousa pedir alguma coisa. No aniversário da escola nós pedimos algumas músicas que foram tocadas, e foi muito legal, foi um repertório perfeito. [...] As músicas românticas de letras bem elaboradas, eu creio que elas tocam mais profundamente as pessoas, porque você ouve a melodia e essa melodia fala

mais alto. Então, pelo menos uma vez que foram apresentadas aqui, sempre tinha músicas de Roberto Carlos e são melodias populares, mas ao mesmo tempo muito profundas, e acaba por contagiar as pessoas, eu particularmente, gosto muito, prefiro músicas nacionais.

Ainda sobre o repertório, a representante do programa justiça na praça, do Tribunal de Justiça do estado do RN, afirma: “*Eles tocam de tudo... tocam samba, tocam jazz, tocam tudo que a gente gosta, eles tocam MPB, é uma coisa assim muito diversificada e é bom que todo mundo que está ali gosta daquele repertório que eles fazem*”.

Como se percebe nas entrevistas, a inclusão da Banda dentro dos eventos civis que acontecem na sociedade natalense vai de acordo com o gosto musical dos ouvintes que a apreciam. A instituição polícia militar através da Banda, por sua vez, se preocupa em atender as solicitações enviadas das instituições ao grupo, mostrando à sociedade que - além dos serviços de segurança pública e apesar das marcantes contradições que permeiam o cotidiano da relação polícia-sociedade - a instituição tem, também, como missão a promoção da arte e da cultura através da música. Como acontece no envolvimento das múltiplas entidades que interagem diariamente numa sociedade, o entendimento entre uma organização de polícia e demais setores, como escola, igreja, nem sempre constitui uma relação harmoniosa, nesse sentido. As atividades musicais, conforme nos mostra Finnegan (2007, p. 328-329):

constituem construções simbólicas nas quais as pessoas podem criar e controlar o mundo, proporcionando uma discussão contínua, muitas vezes tomadas semana após semana, a qual cria e diferencia a atividade social - uma arena na qual as pessoas portanto, manifestam e experimentam sua realidade social.

Para atender aos diferentes gostos musicais e estar em conformidade com o mercado, a Banda mantém um arquivo musical sempre atualizado, que está entre os mais antigos do estado do RN. Os arranjos são adquiridos através da doação de outras bandas ou elaborados por membros do grupo. O acervo é diversificado e bastante procurado por músicos da capital, do interior e de outros estados, tendo importante valor histórico-cultural e um vasto material para a pesquisa musical.

4.3 Importância da Banda para a sociedade

Dentro de uma sociedade, a música sempre exerceu um papel importante. Ela faz parte dos mais variados rituais, bem como é associada a eventos importantes que acontecem

na vida humana, como batizados, casamentos, festas de aniversários, colheitas, velórios, formaturas, parada militar. Como afirma Turino (2008, p. 1):

sons musicais são um poderoso recurso humano, e muitas vezes, o coração das nossas mais profundas ocasiões sociais e experiências. As pessoas nas sociedades ao redor do mundo usam música para criar e expressar suas emoções mais íntimas, para preencher o abismo entre eles e o divino, para conquistar amantes, para celebrar casamentos, para sustentar amizades e manter comunidades, para inspirar movimentos políticos de massa, e para ajudar seus bebês a dormir⁴⁴.

Entre esses eventos, existem os que se utilizam das bandas de música para dar mais brilhantismo e vida. É o caso das paradas militares e das formaturas internas nas corporações. A banda de música é inserida nesses contextos como elemento indispensável para essas atividades, pois além de contribuir para a concretização dos rituais, com a função de trazer unificação aos elementos envolvidos, como podemos ver na seguinte afirmação, ela executa seu repertório dentro e fora dos limites dos quartéis.

Música e músicos são assim reconhecidos como tendo o papel especial de criar um espaço na vida social e adornar eventos como 'rituais' - uma responsabilidade de significado profundo e essencial para nossa sociedade. Mas há algo mais a ser dito. Pois música faz mais do que apenas adornar este espaço: ela também o preenche. Isto nos leva à qualidade da execução musical em si⁴⁵ (FINNEGAN, 2007, p. 336).

Com intuito de saber sobre a importância da Banda para a sociedade, recorri às entrevistas realizadas com representantes das instituições. Percebi através das análises que a Banda desempenha funções específicas dentro de cada espaço em que é convidada. Para a representante da escola Fundação Bradesco:

A Banda de música da polícia, ela tem um reconhecimento de todo o estado. Ela tem um nome. E sempre que a gente pensa em um evento de maior porte, que chame mais atenção, a gente pensa na Banda da polícia, porque [a gente] pena. Então, para nós, é muito importante essa participação, porque

⁴⁴ *Musical sounds are a powerful human resource, often at the heart of our most profound social occasions and experiences. People in societies around the world use music to create and express their emotional inner lives, to span the chasm between themselves and the divine, to woo lovers, to celebrate weddings, to sustain friendships and communities, to inspire mass political movements, and to help their babies fall asleep* (TURINO, 2008, p. 1).

⁴⁵ *Music and musicians are thus recognized as having the special role of creating a space in social life and framing events as 'rituals' - a responsibility of deep and essential significance for our society. But there is also more to be said. For music does more than just frame this space: it also fills it. This brings us to the quality of musical enactment in itself - an elusive subject about which it is only too easy to romanticize* (FINNEGAN, 2007, p. 336).

realmente ela se destaca. E a gente percebe também o outro lado da história. É que são policiais, que para este bairro... as pessoas só pensam em policiais como aquelas pessoas que estão punindo, que estão ali para castigar, para fazer a lei, para fazer o castigo, a punição realmente... E, aí, não! É o outro lado extremo! São profissionais que estão ali tocando, festejando, mostrando que são cidadãos comuns como nós. E que têm várias missões a exercer [...] E esse grupo da Banda é fantástico.

Especificamente nessa escola, a Banda, além de trazer o entretenimento para os presentes, também funciona como agente conciliador entre sociedade e a polícia, apresentada como o poder repressivo do estado. Como é possível verificar na entrevista, no bairro Felipe Camarão, um dos mais violentos do Natal, a polícia atua com bastante frequência. Entretanto, a Banda por ser constituída por policiais músicos exerce outras funções. A missão do músico nos eventos da Escola Fundação Bradesco é proporcionar aos estudantes, que em sua maioria vive em situação de risco social, o contato com um tipo de manifestação pouco comum ao seu cotidiano. Os músicos não são vistos pela instituição e pelos alunos como repressores, que estão ali para coibir o crime, e percebem que das suas armas não saem tiros, mas, sim sons musicais.

Em outra situação, em eventos da igreja católica no Natal, entrevistei o padre que mais convida a Banda:

A gente vê a Banda sempre como uma corporação musical que alegre e que dá brilho, a Banda tocando a gente só pensa em festa, em alegria, e a da polícia militar, como tem uma tradição muito grande, e também muito bem organizada... a gente sabe que cumpre as obrigações com responsabilidade. Então, isso dá uma força moral, quer dizer, a Banda tem uma presença, não só porque vem com instrumentos musicais para executar uma partitura ou alguma música, mas ela vem também como uma corporação que a gente sabe que tem importância na vida da cidade, na formação de apaziguar o povo, então dá um fortalecimento, valoriza aquela festa que a gente está fazendo, aquele evento que a gente sabe que conta com o que vai executar vai ser dentro daquilo que a gente está querendo. Não é só convidar por convidar, não só tocar por tocar, mas é porque também, ela interage com o sentido da programação do tema que a gente está querendo propor durante aquele novenário, ou na festa da padroeira, ou de qualquer solenidade religiosa.

Diante da resposta do religioso, é possível verificar que a Banda exerce a função de trazer alegria e abrilhantamento para as festas realizadas pela igreja católica. Além do mais, ela possibilita aos participantes do ritual um repertório que condiz com o evento. A organização e pontualidade da Banda no cumprimento das suas atividades também são fatores destacados pelo padre, como também a sua importância sociocultural na cidade.

Ainda sobre a importância da Banda para a sociedade natalense, entrevistei a representante do Tribunal de Justiça do RN.

Eu acho que qualquer elemento de cultura, que a gente traga para dentro do tribunal é importante. [...] Não só essa Banda de música, mas outros também, mas principalmente, a Banda da polícia, que é quem está mais perto de nós. A gente já faz eventos que convida a banda da aeronáutica, do exército, da marinha... Mas em termo de “inúmeras vezes”, a gente tem trazido a Banda da polícia. E ela tem tido, sim, um cantinho reservado, diferente... A Banda da polícia militar tem estado nos nossos projetos, nos nossos programas, nas nossas atividades, nos nossos eventos mais do que os outros. Então, eu acho que, em termo de cultura, ela soma e muito nas atividades do judiciário.

Como é possível averiguar nas entrevistas, a Banda exerce um papel diferenciador, principalmente, na sociedade natalense. Ela desempenha nesses ambientes funções distintas, se diferenciando quer seja através do repertório executado quer seja através da imagem que transmite para o público que a aprecia, entendendo que esse público é socialmente diversificado. Nesse viés, como elemento que faz parte da cultura brasileira, a Banda tem mostrado dinamicidade no seu percurso histórico, incorporando as inovações trazidas pela contemporaneidade, sem perder aspectos que a particularizam.

4.4 A importância da sociedade para a Banda

Da mesma forma que se discute a importância da Banda para a sociedade, também é relevante pensar sobre o lado oposto. Da sociedade advém as exigências e os anseios relacionados à escolha do repertório, gêneros musicais, o tipo de uniforme que será usado, a preferência pela formação que irá se apresentar: sentado ou em pé, e principalmente ao caráter de seriedade e responsabilidade que se espera da Banda. Neste sentido, para satisfazer a clientela, a Banda precisa se empenhar em suas atividades no dia-a-dia, estando entre elas os ensaios e treinamentos constantes.

Para Reily, a presença de bandas entre as diversas sociedades tem apresentado importantes desafios a visão fronteira do “tradicional”, sustentada pelas musicologias. Segundo a autora,

Nas bandas vemos, por exemplo, a ‘música funcional’ e suas formas de sociabilidade comunitária serem adaptadas à experiência da modernidade; vemos também os grandes mestres europeus animando festas populares de rua. Este universo musical, portanto, constitui um espaço para a redefinição de sensibilidades estéticas e de identidades, por sua habilidade em situar seus

repertórios e práticas ao contexto social em que se encontram (REILY, 2009. p. 24).

No caso da Banda da PMRN, a interação que se pode estabelecer entre a relação sociedade e banda e vice versa representa um fator de primordial importância. Ao entrevistar um dos músicos da Banda sobre a importância do grupo para a sociedade, este afirma:

É uma importância grande, muito significativa... Pra ter idéia, é uma importância tão grande, que a Banda de música, às vezes praticamente não tem tempo de trabalhar repertório, de montar outro repertório. É viajando e tocando (...). Abrange tanto a parte do militarismo como mais. Acho que a Banda de música da PM, hoje, 85% a 90% dos seus compromissos é com a sociedade e não com a corporação. Pra isso eu acho que tem um significado pra sociedade muito grande.

Como é possível vislumbrar na entrevista, a Banda tem contribuído de forma significativa para a sociedade, atendendo muitos convites que chegam de ambientes diferentes. Percebo que ao longo desses anos que participo da Banda, existe toda uma preocupação por parte do mestre e dos músicos, em levar um repertório de excelência para a sociedade dos mais distintos níveis. Nos últimos anos, a Banda, conforme a fala do entrevistado, tem se apresentado com mais recorrência em eventos externos à corporação. Configura-se, assim, um grupo que, além de satisfazer as necessidades musicais da polícia, ainda que em menor quantidade de apresentação, se destaca no cotidiano dos natalenses pelo alto índice de apresentações. Nesse viés, declara Turino (2008, p. 1):

*A música é a base de um complexo de atividades sociais [...]. É também uma constante da vida cotidiana. [...]. Música não é uma forma unitária de arte, mas este termo se refere aos tipos fundamentalmente distintos de atividades que preenchem as diferentes necessidades e modos de vida dos seres humanos. Num nível mais profundo, defendo que a participação musical e experiência são importantes para o processo de integração pessoal e social que nos fazem completos*⁴⁶.

Nessa direção, a Banda procura fazer parte das atividades sociais que permeiam os diferentes espaços da sociedade natalense, trazendo experiências musicais e interação através do seu repertório. Por sua vez, as instituições convidam o grupo para seus eventos com a

⁴⁶ *Music is the basis of a huge industry and can be an avenue to money and fame. It is also a constant of everyday life, (...). Music is not a unitary art form, but rather that this term refers to fundamentally distinct types of activities that fulfill different needs and ways of being human. At a deeper level, I argue that musical participation and experience are valuable for the process of personal and social integration that make us whole.* (TURINO, 2008, p. 1).

certeza do cumprimento da presença e pontualidade da Banda. Essa característica é possível, particularmente, pelo deveres militares que são impostos através das ordens de serviços atribuídos aos músicos, que têm a missão de cumpri-las.

É possível observar que um dos atrativos para conseguir os serviços ofertados pela Banda é o fácil acesso, sem muitas exigências como equipamentos eletrônicos, palco, energia, transporte, alimentação. Para se requisitar uma apresentação, basta enviar um ofício ao comandante geral da PM, solicitando a participação da Banda no referido evento. Por sua vez, esse convite passa pelo ajudante de ordem do comandante, que verifica numa agenda a possibilidade de atender tal solicitação. Posteriormente, o ofício é dirigido à Banda, via protocolo para ser atendido. O mestre, através de outro ofício, solicita a reserva do ônibus da PMRN para levar os músicos até o evento. De acordo com o tipo de evento, à Banda se prepara desde o uniforme que será usado até o repertório que será executado.

Além da participação sistemática da Banda nos eventos da cidade, existe um que reúne a Banda e demais representantes da sociedade natalense - o dia sete de setembro. Particularmente para esse evento, o grupo ensaia repertório específico relacionado à parada militar, que é composto, principalmente pelos dobrados, marchas e hinos. Para constatar a realidade existente no desfile do sete de setembro de 2010, troquei meu instrumento musical pelos equipamentos básicos de um pesquisador. Fui ao campo observar o desfile da Banda da PM durante a parada militar e ver o que realmente acontece.

4.5 Etnografia do dia sete de setembro de 2010

Acordei às 4h40min da manhã, dei os últimos retoques no meu uniforme de instrução⁴⁷, verifiquei se tudo estava em ordem e, por volta das 5h20min, saí da minha residência em direção ao Quartel do Comando Geral (QCG), que fica no bairro de Tirol, local em que os policiais militares se reúnem, para dali saírem em desfile até o dispositivo, que está localizado na praça cívica do mesmo bairro, na cidade do Natal.

Chequei às 5h35min no QCG, estacionei na parte externa do quartel. O tempo estava chuvoso. Ainda dentro do meu veículo comecei observar que os policiais chegavam de todas as partes, indo em direção ao portão principal do QCG. Os uniformes desses policiais são diversificados, com cada um deles correspondendo à sua companhia⁴⁸.

⁴⁷ A polícia possui vários tipos de uniforme, o de instrução geralmente é utilizado nas atividades diárias.

⁴⁸ Batalhão de Operações Especiais (BOPE); Companhia de Policiais do Turismo (CPTUR); Cadetes da Academia de Polícia; Alunos do Centro de formação das Praças (CEFAPM); Companhia de Polícia Feminina (CPFEM) entre outras.

Desci do automóvel, verifiquei se meus equipamentos de pesquisa estavam em ordem e fui ao campo da pesquisa. Este ano completei 13 anos que estou na corporação da polícia militar do RN, e em todo esse período, participei do desfile do dia sete de setembro como policial músico e dessa vez, ali estava como pesquisador, para observar o desempenho da banda de música dentro do ritual.

Os policiais entram no QCG, caminhando em direção ao ginásio de esportes da PM para tomar o café da manhã. Dentro do ginásio, foram espalhadas mesas, com café da manhã farto. Todos os policiais estavam em pé e por haver uma grande quantidade, tornava o espaço pequeno. Esse ritual é comum na corporação no dia sete de setembro, em que o café começa a ser servido por volta das 5h da manhã, pois a caminhada é bem longa, aproximadamente, 4.6 km até à praça em que o evento acontece.

Como forma de me socializar com os companheiros de farda, participei do banquete e conversei com músicos da Banda, enquanto observava o cenário, tentando perceber algo que não via antes. Às 6h, o comandante geral da polícia chegou e começou a conversar com alguns policiais, enquanto tomava café.

4.5.1 Na Banda da PMRN

Saí do café e me desloquei para observar as dependências Banda de música. Entrei no alojamento da Banda e observei que alguns músicos colocavam os adereços em seus uniformes tal como o braçal, que tem o nome da Banda de música, e outros aqueciam seus instrumentos.

Às 6h25min, os músicos se reúnem em frente ao prédio da Banda. Alguns continuam aquecendo os instrumentos, outros tocam trechos dos dobrados e outros, apenas esperam a ordem do mestre para entrar em forma. Enquanto isso, ao redor do QCG, os policiais das diversas companhias⁴⁹ se organizam em seus agrupamentos para verificar se tudo está conforme os padrões estabelecidos pela corporação e assim estão prontos para receberem as ordens superiores, entrarem em forma no pátio, que fica em frente ao prédio do QCG.

Por volta das 6h40min, as companhias começam a se deslocar para frente do QCG. O mestre da Banda convoca todos os músicos para se destinarem ao local em que a Banda se posiciona, ou seja, na formação da tropa que fica no pátio interno do quartel. Chegando ao espaço reservado para os músicos, eles entram em forma, conforme a posição hierárquica de

⁴⁹Batalhão de Operações Especiais (BOPE); Companhia de Policiais do Turismo (CPTUR); Cadetes da Academia de Polícia (APM); Alunos do Centro de formação das Praças (CEFAPM); Companhia de Polícia Feminina (CPFEM) entre outras.

cada instrumento na formação da Banda para desfile. O sargento com maior graduação do naipe das clarinetas inicia a afinação do grupo, começando por seu naipe e seguindo aos demais. Concluída a afinação o grupo se posiciona para esperar o início das atividades.



FIGURA 28 - Pátio interno do QCG.

Fonte: Fontoura (2010), pesquisa de campo.

Especificamente para este ano, quarenta e cinco músicos, o mestre e o contramestre foram colocados para desfilar na Banda da PMRN. Geralmente o número é bem maior⁵⁰. No apoio logístico estavam mais três músicos com a função de atender às possíveis necessidades da Banda, como levar água para ser servida em pontos estratégicos durante o desfile. Diferentemente dos outros anos, foi criada uma Banda mista com cerca de trinta músicos, advindos das bandas da marinha, exército, aeronáutica, polícia militar e banda do município do Natal. Esse grupo tinha a função de fazer a abertura do desfile e tocar em frente do palanque principal do evento.

4.5.2 Início do ritual no pátio do QCG

Às 7h, a tropa está formada em frente ao QCG pelas diversas companhias. Neste momento, a corneta toca o toque de sentido e o comandante da tropa anuncia a entrada na tropa do pavilhão nacional, onde está a bandeira. Antes de sua entrada, a Banda executa o hino da bandeira e os policiais marcham, até que ela fique posicionada na parte da frente da tropa. Com a bandeira posicionada, a Banda executa o hino nacional brasileiro.

⁵⁰ Desfilei em anos interiores com cerca de cinquenta e quatro músicos.



FIGURA 29 – O pavilhão nacional antes de incorporar na tropa.
Fonte: Fontoura (2010), pesquisa de campo.

Após o ritual da incorporação da bandeira, a tropa está pronta. Por ordem do comandante da tropa, o corneteiro, através de toque específico, anuncia a presença do comandante geral da PMRN e a Banda em seguida, executa o toque de comandante geral da PM. O cerimonial anuncia sua chegada de forma verbal e pede que o comandante da tropa a apresente ao comandante geral. O comandante saúda a todos com as seguintes palavras:

Bom dia a todos. Peço que fiquem a vontade, apenas prestem atenção nas palavras: podem ficar a vontade, relaxados... Meus caros comandados, homens e mulheres que integram a Polícia Militar do Estado do Rio Grande do Norte. Quero dizer da honra pra mim e da alegria de ser o atual comandante da Polícia Militar. Dizer que confio plenamente no desfile de todos vocês; a importância que tem desde o soldado mais jovem ao comandante do desfile: o tenente-coronel Edmundo Clodoaldo da Silva Júnior. Quero dizer do orgulho que sinto de poder comandar a PM no dia 7 de setembro do ano de 2010. Pra mim é um orgulho muito grande, não orgulho de ser orgulhoso, mas sim de poder comandar a tropa de Poti, o índio Poti é o índio Felipe Camarão, nascido na aldeia de Igapó, lá na Zona Norte. E a PMRN que foi criada em 27 de junho de 1834, no dia de hoje vai estar na rua representando essa instituição criada há mais de 170 anos. Quero ver toda a tropa desfilando com vontade, não desfilem para o comandante, desfilem para vocês e para os seus familiares que vão estar assistindo e para toda a sociedade que vai estar lá presente. Vamos mostrar quem somos nós, que somos milicianos potiguares, que temos orgulho de envergar o uniforme da PM. Estarei lá a partir de 08h35min conforme está previsto pelo regulamento. Primeiramente vai chegar o comandante do corpo de bombeiros, vai receber a continência na entrada, depois o comandante da PM, depois o comandante da brigada, o general, depois o comandante da primeira força aérea, o brigadeiro, e depois o comandante do terceiro distrito naval, o vice-almirante. E posteriormente o governador às 9h, para dar início ao desfile. Então peço a todos e cada um, desfilem e mostrem o garbo e os valores dos homens e mulheres que envergam com

denodo o uniforme da PM. Terminado o desfile vamos retornar ao quartel, nós teremos aqui picolé, sorvete, pipoca e uma confraternização entre os amigos, para se abraçar e agradecer a Deus pelo desfile que nós vamos realizar. Peço a todos nesse momento que retirem a cobertura [...]. Independente da crença que cada um tem, mas vamos pedir proteção a Deus e agradecer por tudo que Deus nos deu até o dia de hoje e que nos dará a partir daqui pra frente. Peço que todos iniciem a oração que Deus nos ensinou: Pai nosso que estais no céu... [...] Amém. Que Deus abençoe, ilumine e proteja a todos nós. Boa Sorte! (COMANDANTE GERAL DA PMRN, DESFILE SETE DE SETEMBRO DE 2010).

Concluída a fala do comandante, e sob o toque da corneta, todos os policiais se posicionam para início do cortejo, que parte das dependências do QCG até a praça cívica com previsão de início às 9h.



FIGURA 30 - A tropa no pátio do QCG
Fonte: Fontoura (2010), pesquisa de campo.

Às 7h15min, a corneta executa o toque “ordinário marche” e a Banda responde ao toque, com uma marcação bem forte do bombo⁵¹, entrando em seguida a caixa e logo após a Banda, que executa o dobrado *Saudades de minha terra*. A Banda dá início ao desfile, servindo como carro chefe da tropa. Dá uma volta ao QCG e sai pelo portão principal, entrando na Avenida Rodrigues Alves, em direção a Av. Alberto Maranhão. Observo nos semblantes e gestos dos policiais da tropa, a empolgação e a preocupação em dar o seu melhor durante a realização do desfile. Ainda na Av. Alberto Maranhão, já com todo o efetivo na rua, percebo que os moradores do bairro começam a sair à rua, enquanto outros observam o cortejo passar das sacadas de seus prédios. Muitos deles aplaudem o evento.

⁵¹ A batida forte do bombo serve como referência para se marcar o passo (pé direito junto com a batida do bombo) e dar idéia de uniformidade a tropa.



FIGURA 31 - A Banda na av. Rodrigues Alves – Natal-RN.
Fonte: Fontoura (2010), pesquisa de campo.

Às 7h40min, antes de entrar na Av. Hermes da Fonseca⁵² a Banda para por dez minutos e logo segue pela Avenida, executando o dobrado *Ernesto Galvão*, com a intenção de mais adiante, se encontrar com os outros membros das forças armadas e esperar o início do desfile. Às 8h10min, na Av. Hermes da Fonseca a Banda e a tropa da PMRN se juntam aos demais membros das forças armadas. Enquanto esperam o início do evento, a equipe de apoio serve água aos músicos. Após tomarem água, os músicos se deslocam para a praça cívica. Quando chegam lá, percebem que já existe a banda mista e não é necessária a presença da Banda da PM. A Banda retorna para a Av. Hermes da Fonseca para se encontrar com a tropa da PM. Como eu não podia ficar em dois lugares ao mesmo tempo optei, em ficar na praça cívica para registrar os acontecimentos.

4.5.3 Chegada das autoridades no local do desfile

Cheguei ao dispositivo às 8h18min e já havia muitas pessoas esperando a abertura. Pelo que observei nos primeiros minutos, os lugares em volta da praça são muitos disputados pelos espectadores, que são, possivelmente provenientes dos diversos bairros da cidade. Para que o desfile seja organizado e exista um corredor livre para passar o cortejo, os policiais e militares das forças armadas fazem isolamento do local, com o objetivo principal de oferecer segurança às autoridades que estão no evento.

⁵² A Av. Hermes da Fonseca é o local em que todos os participantes do evento se concentram, já ficam posicionados conforme seu lugar no desfile.



FIGURA 32 - A Banda de música da PMRN na Praça Cívica.
Fonte: Fontoura (2010), pesquisa de campo.

Continuei observando a chegada das autoridades, que chegavam uma após a outra quase de forma combinada. Percebi que existe um lugar específico em frente ao palanque principal, para que, logo que desçam de seus veículos oficiais, sejam recepcionados por um corpo formado por guardas, para ali receberem as honras militares conforme seu cargo.

É parte do ritual que a chegada das autoridades aconteça em horário determinado, de maneira que a de maior cargo fique por último. Nesse caso, a última autoridade a chegar é o (a) governador (a) do estado.

No momento em que as autoridades pisam ao solo e se posicionam em frente ao dispositivo da guarda de honra, o corneteiro executa o toque que representa aquela autoridade, este é seguido pelo toque da banda mista, que se posiciona em frente ao palanque, em um lugar estratégico. Os toques do corneteiro avisam aos presentes sobre a autoridade que chega ao desfile.

4.5.4 A banda de música mista

Após treze anos participando do desfile de sete de setembro, pela primeira vez vejo uma banda mista, composta por policias militares, membros das forças armadas e a banda do município.



FIGURA 33 - A banda mista: marinha, exército, aeronáutica, PMRN e banda municipal.

Fonte: Fontoura (2010), pesquisa de campo.

Seu contingente foi composto por aproximadamente trinta músicos, contendo em sua formação instrumentos musicais característicos de uma banda de música militar que compreende os naipes das madeiras, sopros e a percussão. O grupo possuía músicos com graduações diversas contemplando os níveis das praças⁵³, que no militarismo abrange do soldado ao suboficial. Dentre esses estavam três músicos civis, pertencentes à banda municipal do Natal. A regência estava sob direção de um suboficial da aeronáutica.

Diante da mista que na minha perspectiva é foto inédito durante os desfiles militares, principalmente no dia sete de setembro, fui entrevistar alguns dos músicos da banda mista para saber qual era a sua impressão em participar de uma banda mista. Um sargento do exército relatou:

Participar de desfiles cívicos é sempre bom, gosto de participar sempre e, desta feita proporcionamos novidade à população, que ficaram pasmos, atônitos ao olharem para banda integrada e perceberem quatro tipos de uniformes bem diferentes e três civis da banda da Prefeitura do Natal em nosso meio. Foi uma experiência muito boa, ao mesmo tempo em que estávamos em ato solene, estávamos entre amigos, tocando, sorrindo, procurando fazer o melhor para poder representar bem a "força", e o grupo e dar show para a população! É muito importante mostrarmos à sociedade que é possível haver socialização, integração, sem fazer acepção; quer no ar, no mar ou na terra, somos um povo, uma nação com os mesmos objetivos e propósitos, para buscar um Brasil de excelência.

Outro integrante pertencente à banda da polícia militar do RN, afirmou:

⁵³ Soldado, Cabo, terceiro Sargento, segundo Sargento, primeiro Sargento e Subtenente ou Suboficial.

A integração foi um fator importante... Não tivemos muitos ensaios, apenas dois e a Banda da polícia militar foi a que teve a maior representatividade com onze músicos, maior do que a anfitriã... O comandante da Base Aérea veio antes e depois do desfile deixar seus agradecimentos e cumprimentos em nome do brigadeiro, que do palanque, junto das demais autoridades pode ver a interação, capacidade e acima de tudo, camaradagem entre os militares... Teremos até um churrasco de presente pela briosa apresentação.

Outro integrante pertencente à banda civil do município do Natal relatou:

Tive a melhor das impressões, pois, as bandas militares – é a impressão que tenho principalmente no tocante as bandas das forças federais – são, em regra, inacessíveis a comunidade, e aí me refiro ao trato “civilizado”, ou seja, o povo simples guarda certa distância/medo/receio daqueles militares músicos, talvez pela imagem ainda remanescente dos tempos de chumbos, esquecendo que estes músicos têm em sua essência o humanismo/sensibilidade apurada acima da média daqueles combatentes não músicos. Foi possível perceber a face curiosa e maravilhada do público presente àquele desfile, quando observava a presença de várias “facções” de combatentes. [...] As atenções foram constantemente direcionadas para a banda mista, creio que muito acima do esperado, chegando por vezes a “encabular” a nós músicos civis.

4.5.5 Abertura do desfile

Às 9h10min o cerimonial comunica a chegada do governador do RN. O veículo oficial que o transporta, juntamente com os batedores da polícia militar param em frente ao dispositivo reservado para as honras militares. Quando pisa ao solo, as honras são prestadas: o corneteiro através do seu instrumento indica a chegada e a banda executa o toque específico para aquele momento. O governador se dirige até o palanque principal para ali se juntar às demais autoridades.



FIGURA 34 - Palanque central em que ficam as autoridades
Fonte: Fontoura (2010), pesquisa de campo.

Com a chegada da mais alta autoridade, o cerimonial anuncia a abertura do desfile. Nesse momento, os jipes se aproximam do palanque⁵⁴ trazendo os comandantes das tropas, representados pela marinha, exército, aeronáutica, polícia militar e corpo de bombeiro militar. Os jipes são posicionados de forma hierarquizada em frente ao palanque para que, o comandante da tropa da aeronáutica, representando todos os envolvidos⁵⁵, apresente-se ao governador e peça-lhe a autorização para dar início ao desfile. O governador autoriza a abertura e pede para que tenha início. Os motoristas dos jipes recuam, de forma que fique livre a avenida por onde irá passar o desfile.

4.5.6 O Desfile

Às 9h22min, a banda mista se desloca em direção ao palco, tocando o *hino a independência* do Brasil, caracterizando assim, o início do desfile. A banda para em frente ao palanque e continua a execução do hino.

A partir desse momento, começam a passar os grupos civis, tais como as escolas diversas representadas por seus alunos. Vejo que existe uma padronização tanto em suas vestes como no marcar do passo, em consonância com a execução. As bandas marciais e fanfarras das escolas contribuem com essa consonância. Quando o grupo não possui sua banda, a banda mista que fica durante todo o desfile em frente ao palanque, cumpre essa função. Em meu diário de campo escrevi:

É impressionante como o marcar do passo sincronizado com a execução da marcha é visível em todo o cortejo dos grupos que passam desfilando. Vejo que a música tocada através da banda é um elemento indispensável para a realização do dia sete de setembro. Quando a banda executa suas marchas e dobrados o evento toma vida, a população presente se emociona, vibram, muitos aplausos durante a realização do ritual cívico. (DIÁRIO DO CAMPO, DESFILE SETE DE SETEMBRO DE 2010).

Concluída a parte dos grupos civis, o cerimonial anuncia a passagem dos militares que inicia com a tropa da marinha do Brasil. Cada força utiliza como carro chefe a sua banda de música.

⁵⁴ Os jipes são conduzidos ao palanque nessa ordem, pois representa a antiguidade na criação das forças armadas no Brasil, tendo a Marinha como a mais antiga e o corpo de Bombeiros Militar como mais moderno.

⁵⁵ A tropa é formada por todos os que estão envolvidos no desfile seja por militares ou por civis.



FIGURA 35 – A banda dos fuzileiros navais.
Fonte: Fontoura (2010), pesquisa de campo.



FIGURA 36 - A banda do exército brasileiro.
Fonte: Fontoura (2010), pesquisa de campo.



FIGURA 37 - A banda da força aérea do Brasil.
Fonte: Fontoura (2010), pesquisa de campo.



FIGURA 38 – A Banda da PMRN.
Fonte: Fontoura (2010), pesquisa de campo.

A Banda da PMRN passa em frente ao palco às 10h35min, depois faz conversão à esquerda, espera a tropa da polícia passar, e retorna para o corredor por onde passa o desfile, para dali seguir em direção ao QCG.

4.5.7 A tropa da PMRN retorna ao QCG

Às 10h50min, a tropa chega ao Quartel juntamente com a Banda. É hora de esperar a chegada do comandante geral e o governador na parte externa do QGC. Quando o desfile acaba, o governador decreta encerradas as atividades da semana da pátria e os comandantes das tropas se destinam às suas unidades⁵⁶.

⁵⁶ Marinha, Exército, Aeronáutica, Polícia Militar e Corpo de Bombeiros.

Às 11h, por ordem do comandante, a tropa entra nas dependências do QCG sob os acordes do dobrado *Batista de Melo*. A Banda dá uma volta em torno do quartel até chegar ao local onde deu início as atividades. Nesse momento, todos os policiais estão posicionados dentro do quartel e seus familiares estão nos arredores. O cerimonial anuncia a chegada do governador e do comandante geral. O mestre de cerimônia faculta a palavra ao governador, que saúda a todos os presentes e agradece pelo desfile realizado. Às 11h55min o desfile é encerrado e os comandantes de cada pelotão são autorizados a dar destino a seus grupos. A Banda de música, por sua vez, executa a versão instrumental da música *amigos para sempre*. Logo após, o mestre pára a Banda e os músicos entram no alojamento para guardarem os instrumentos. Alguns trocam as vestimentas e todos seguem seus destinos.

4.6 Música, ritual e sociedade

A relação entre música e ritual constitui tema crucial para os estudos etnomusicológicos e aponta para situações de interação entre som e contexto que vão desde as atividades mais rotineiras do cotidiano a eventos pontuais, preparados e realizados coletivamente, em ocasiões específicas. Importantes trabalhos como os de Herndon (1971), Blacking (1976) e Behágue (1984), apenas para citar alguns nomes, buscaram aprofundar o conhecimento dessa relação, que parece existir entre grupos humanos desde as eras mais remotas. Os rituais são “memórias codificadas em ações” (SCHECHNER, 2006, p.52) e implicam na manutenção e reforço de valores sociais, vivenciados no presente, ou seja, no momento ritual, mas vinculados a um passado desconhecido ou, a episódio histórico conhecido, com data registrada não só na memória, mas em documentos e monumentos. Assim é o sete de setembro, um ritual onde se celebra um episódio histórico, cuja data constitui parte de um conjunto de valores celebrados em desfile público, tais como os símbolos nacionais e o sentimento de pertencimento à nação.

O desfile de sete de setembro constitui um dos principais eventos do calendário nacional e é tradicionalmente coordenado pelas Forças Armadas Brasileiras, com a participação das autoridades civis, as escolas e a sociedade como todo. Mesmo sendo um evento que para grande parte das atividades rotineiras, o desfile traz para as ruas a sociedade do cotidiano, com sua organização, hierarquias, valores, conflitos e tensões. No entanto, a passagem da Banda da polícia militar, tocando suas músicas e marchando pelas ruas vai permitir um contato diferente entre sociedade civil e policiais militares.

O sete de setembro modifica a paisagem da cidade. Quebra-se a rotina de pessoas que vão ao comércio, às escolas, ao trabalho, ao templo, à repartição pública, para se ver nas

ruas o movimento de grupos que convergem para uma mesma atividade: encenar a vida social, sua história e seus valores. O motivo unificador é a comemoração da “independência política” do Brasil em relação ao colonialismo português. Este evento vai trazer para a cena das ruas os aspectos cruciais de uma sociedade ampla, complexa e total, que reúne parte de seus membros⁵⁷, em um evento com data fixa, começo e fim, e com local predeterminado:

O dia da Pátria é um ritual diurno, claro, em que espaços são bem marcados. Tendo como centro uma parada militar, uma avenida é preparada e nela se destacam locais onde devem passar os participantes do ritual [...], onde deve ficar o povo e o local destinado às autoridades (DAMATTA, 1997, p. 55).

Nas páginas dos jornais da cidade se destacam a história da independência, as informações sobre as estratégias de organização das ruas, as mudanças nos roteiros dos transportes públicos, entre outras informações relativas ao desfile que justapõem às notícias sobre a violência urbana, corrupção, insegurança, acidentes de trânsito, além das novidades que estarão nos cinemas, teatros e shoppings. Muitos estarão preocupados com a indicação das praias adequadas para o banho de mar.

A celebração do dia da Pátria ocupa lugar prioritário na agenda de comemorações das forças armadas brasileiras. Para a Polícia Militar, corporação que no dia-a-dia desenvolve um trabalho de segurança pública ostensiva, a participação no desfile através da Banda representa um momento singular, quando a polícia militar pode se mostrar à sociedade sob um perfil pouco conhecido em relação à experiência cotidiana. Assim, acontece a cada ano, assim aconteceu com a Banda da polícia militar do Rio Grande do Norte, em sete de setembro de 2010, na cidade do Natal.

Enquanto as apresentações sistemáticas da Banda da PMRN proporcionam um encontro parcial entre policiais militares e grupos específicos da sociedade - estudantes, religiosos, membros do judiciário, entre outros que convidam a Banda, o ritual do sete de setembro se abre para a possibilidade de um encontro amplo, onde a maior parte do efetivo, não só de policiais músicos, mas de todos os membros das forças armadas brasileiras, se coloca em contato com a sociedade civil.

Ao mesmo tempo em que para ou modifica a rotina das pessoas, inclusive dos militares, o desfile do Dia da Pátria, se apresenta como um reforço à ordem estabelecida e como uma mostra da organização que rege as corporações presentes. É desta forma que as hierarquias que caracterizam a vida militar podem ser observadas pelo público presente no

⁵⁷ Muitos brasileiros aproveitam o feriado do sete de setembro para realizar outras atividades.

desfile. Além disso, o cortejo envolve a participação das diversas autoridades, que no dia-a-dia regem e decidem sobre a vida dos cidadãos, através dos setores ali representados. De acordo com Leirner (2009 apud ALBERTINI, 2009, p. 142). “no âmbito da vida militar, os rituais abertos ao público, muito além de apenas modificarem a rotina do quartel, são espetáculos que alimentam e colaboram para a eficácia da rotina interna ritualizada”.

Para o policial músico, a apresentação da Banda da polícia militar do Rio Grande Norte no desfile, reflete uma rotina de ensaios diários e de apresentações rotineiras, caracterizadas pelo sistema hierárquico que classifica e organiza o *status* dos instrumentistas na Banda. No entanto, para o dia da Pátria os ensaios são intensificados, reforçados e planejados com a participação dos diversos setores da corporação.

Ao seguir pelas ruas juntamente com a tropa, a Banda vai propiciar um contato diferente com o público externo, com estes cidadãos que agora transitam pelas ruas para ver o desfile passar trazendo alegria, organização e marchas ritmadas. A platéia não é de todo estranha. No conjunto, é formada por familiares dos desfilantes, apreciadores de desfiles, moradores de rua e curiosos. Eles são responsáveis pelo cortejo que acompanha o desfile.

O mesmo desfile que une cidadãos e apresenta a ordem e harmonia através da sua organização e através das músicas, reforça o cuidado com a segurança daqueles que participam, em especial das autoridades presentes, dispondo de pessoas prontas para reprimir as ameaças e os atos de violência que possam vir da realidade social circundante. Para que o desfile se desenvolva sem atropelos e para que haja passagem livre para o cortejo, alguns militares são colocados em posições estratégicas ao longo do percurso, garantindo o isolamento do local por onde passa o desfile. Neste sentido, a valorização e manutenção das categorias sociais observadas no dia-a-dia se apresentam neste evento como reforço aos padrões hierárquicos da sociedade:

A cerimônia segue, pois, atualizando em todos os seus níveis as distinções hierárquicas, estando organizada numa cadeia de comandos que vai das autoridades civis e militares, isoladas num palanque (as autoridades que recebem, com a bandeira, as saudações ou continências), para as tropas que desfilam (ordenadas segundo sua hierarquia interna) até o povo que participa da solenidade como assistente (DAMATTA, 1997, p. 57).

Se para as diferentes corporações das Forças Armadas, o desfile do sete de setembro apresenta para a sociedade sua organização interna, suas tradições e trabalho desenvolvido no dia-a-dia em função da defesa do cidadão e do país, para o policial brasileiro, esse evento vai revelar o caráter ideal do seu papel social, propiciando uma aparição positiva e desejada pela sociedade civil. Desta vez, não mais o som ameaçador das sirenes que indicam o perigo e a

punição, não mais as armas que ferem e matam, não mais a voz de prisão, não mais as algemas. Nas mãos dos policiais da Banda estão instrumentos que tocam música, cujo som anuncia alegria e celebração.

Da mesma forma, o desfile do Dia da Pátria apresenta símbolos que apontam para a possibilidade de seus participantes experimentarem, por um momento, o sentimento de pertencimento a uma nação que se une através de elementos comuns.

É um momento totalmente orientado para dentro da sociedade brasileira, quando se destaca aquilo que é especificamente brasileiro: a bandeira nacional, as cores nacionais, o hino nacional, as autoridades máximas do país, a língua nacional e o poder nacional. Isso, porém, não significa que nesse tipo de discurso ou perspectiva não se esteja criando um momento liminar e/ou sentimentos de forte solidariedade e fraternidade entre os participantes do rito (DAMATTA, 1997, p. 67).

Portanto, o desfile do sete de setembro se constitui da rememoração da história da independência da Pátria, da reverência aos símbolos nacionais, das músicas tocadas pela Banda, da organização entre as corporações, da encenação da vida cotidiana e da crença pelos participantes naquilo que nele é encenado. São fatores que reunidos no ritual podem propiciar ao cidadão que assiste a experiência de viver o sentimento de pertencimento à nação brasileira. A Banda de música, neste conjunto, contribui de forma crucial para a concretização desta experiência. Para a Banda da polícia militar do Rio Grande Norte, este é o momento de estar em harmonia com a sociedade.

Ao fim, “o Dia da Pátria tem seu ponto terminal na dispersão informal, onde soldados, oficiais, povo e autoridades retomam seus lugares no universo do mundo diário” (DAMATTA, 1997, p. 64). Portanto, o ritual constitui uma tentativa de restabelecer o diálogo entre autoridades e sociedade. Isso se dá através da ação conjunta e participativa na encenação dos valores sociais e individuais, através do cortejo que acontece anualmente, e renova seus propósitos a cada novo evento.

CONCLUSÃO

Com base na compreensão dos pressupostos teóricos dos estudos etnomusicológicos, foi possível pensar a relação entre música e sociedade, bem como entre música e ritual, aspectos cruciais para o tema proposto neste trabalho. Além destes, foram fundamentais as reflexões advindas da musicologia, da antropologia e da história. Da mesma forma, o conhecimento advindo da metodologia do fazer científico e suas normatizações possibilitaram os processos de coleta de dados, assim como as análises e a organização dos materiais de pesquisa.

A partir das análises realizadas foi observado que os aspectos históricos constituídos pela trajetória da Banda se mostram de relevante importância para sua manutenção no cenário do estado do Rio Grande do Norte, principalmente na cidade do Natal. Esses são caracterizados pela sua atuação em eventos que são significativos para a cidade como o dia sete de setembro, aniversários de emancipação política, inauguração do Teatro Alberto Maranhão e atividades atinentes à caserna policial militar do RN, em que a Banda vem atuando de forma ininterrupta ao longo dos seus 124 anos de existência. Através das entrevistas realizadas foram identificados os espaços e contextos de maior atuação da Banda, abarcando eventos religiosos, inaugurações, aberturas de eventos diversos, projetos sociais, militares, retratando assim, uma grande diversidade de atuação do grupo, principalmente no ambiente das atividades concernentes ao governo do estado do RN, como na cidade do Natal.

Foi observado que suas inter-relações com o público tem se constituído durante as apresentações, propiciando aos ouvintes um contato com o fazer musical projetado pela Banda, em que nessa prática os músicos são recebidos não como agentes da lei, com a finalidade de oferecer segurança e combater o crime, e sim, como policiais músicos. A partir da estrutura organizacional da Polícia Militar, foi descrito o cotidiano da Banda, dentro da corporação descrevendo um de seus ensaios, os quais ocorrem com frequência.

Nessa direção, foram verificadas as possíveis interações entre o fazer musical e a hierarquia militar existentes entre os componentes da Banda. Foi constatado que existem níveis hierárquicos entre os músicos, sendo compreendidos nas graduações de soldado, cabo, sargento, suboficial e tenente. Em cada uma dessas existem funções específicas, principalmente no nível de performance individual, tendo o mais graduado o dever de executar melhor seu instrumento musical. Foi verificado, também, que existem posições específicas para cada instrumento musical dentro da formação da Banda. Foi possível

observar que o instrumento musical dentro do contexto militar representa uma arma.

Através do contato com o objeto de estudo, foram verificadas as dimensões estruturais que caracterizam a prática musical do grupo. Desse modo, foi constatada a grande diversidade de gêneros musicais executados como dobrados, valsas, boleros, marchas, frevos, baião, músicas sertanejas, religiosas com maior incidência no meio católico. Seu universo de atuação compreende as dependências do Quartel do Comando Geral, como além dele.

Assim, com a diversidade desse repertório, foi escolhida para análise a marcha da PMRN pelo seu caráter simbólico, pois além de caracterizar o contexto policial militar do RN, ela é utilizada em alguns desfiles em situações específicas e todos os policiais do RN têm o dever de saber cantá-la. Foi possível vislumbrar que sua estrutura é composta de elementos característicos de uma marcha militar, principalmente pelos desenhos rítmicos da partitura e pela função específica de cada instrumento utilizado na execução.

Além disso, foi percebido que a disposição dos instrumentos musicais pode ser mudada dependendo do caráter da apresentação da Banda. Se o grupo está em desfile os instrumentos que compõe os grupos dos metais ficam localizados na parte da frente do grupo, por questões de projeção sonora, para que seja ouvida a uma maior distância pelos policiais que estão no desfile em posições mais afastadas. Outra realidade é quando a Banda executa seu repertório e os músicos ficam sentados. Nessa, os instrumentos que compreendem os naipes das madeiras ficam nas primeiras fileiras do grupo, essa formação se justifica pela pouca projeção dos sons desses instrumentos. Em ambos os casos foi verificado que os instrumentos de percussão ficam nas últimas fileiras.

Por fim, espera-se que os resultados tenham sido favoráveis aos objetivos elencados no início deste estudo, isto é, a obtenção de um olhar acadêmico-científico acerca das interações sociais, culturais e musicais da Banda de música da Polícia Militar do Rio Grande do Norte.

Referências

- ALBERTINI, Lauriani Porto. O Exército e os outros. In: CASTRO, Celso; LEIRNER, Piero. (orgs.) *Antropologia dos militares: reflexões sobre pesquisas de campo*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- ALMEIDA, José Robson Maia. *Tocando o repertório curricular: bandas de música e formação música*. 2010. Dissertação. (Mestrado em Música) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- ANDRADE, Hermes de. *A Banda de música de escola de primeiro e segundo graus*. 1988. Dissertação. (Mestrado em Música) Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro.
- BÉHAGUE, Gerard. (Ed.) *Performance practice: ethnomusicological perspectives*. London: Greenwood Press, 1984.
- BINDER, Fernando Pereira. *Bandas militares no Brasil: difusão e organização entre 1808-1889*. 2006. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual Paulista Instituto de Artes. São Paulo.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de Política. 11. Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983. Vol. 1.
- BOWIE, Fiona. *The Anthropology of religion: an introduction*. Oxford: Blackwell Publishers, 2000.
- BARZ, Gregory; COOLEY, Timothy J. (Eds). *Shadows in the field: new perspectives for fieldwork in ethnomusicology*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- BLACKING, John. *Music, culture e experience: selected papers of John Blacking* Chicago: University Press, 1995.
- CAVILHA, Juliana. Das entrevistas aos rituais: dialogando com os militares. In: CASTRO, Celso; LEIRNER, Piero. (orgs) *Antropologia dos militares: reflexões sobre pesquisas de campo*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- CARDOSO, Paulo Marcelo Marcelino. *Lourival Cavalcante e o universo das bandas de música*. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- CARVALHO Vinícius Mariano de. *História e tradição da música militar*. Disponível em: <http://www.defesa.ufjf.br/arq/Art429.htm>. Acesso em: 16 jun 2008.
- _____. Porque música é também um patrimônio das forças armadas. Disponível em: <http://www.ecsedefesa.com.br/fts/PMPFA.pdf>. Acesso em: 17 de Março de 2011.
- CASTRO, Celso; LEIRNER, Piero. (orgs) *Antropologia dos militares: reflexões sobre pesquisas de campo*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

COSTA, Luiz Fernando Navarro. *Transmissão de saberes musicais na banda 12 de dezembro*. 2008. Dissertação (Mestrado em Música) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

COSTA, Luiz Fernando Navarro. *Ensaio de banda: um estudo sobre a banda de música Antônio Cruz*. 1997. Monografia (Especialização em Fundamentos Metodológicos da Apreciação e Crítica no Ensino das Artes) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

COTRIM, Gilberto. *História global: Brasil e geral*. São Paulo: Saraiva, 2007.

CLEMENTINO, Maria do Livramento. *Economia e urbanização: o Rio Grande do Norte nos anos de 1970*. Natal: UFRN/CCHLA, 1995.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. 3. ed. José Reginaldo S. Gonçalves (org.). Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2008.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DANTAS, Ângelo Mário de Azevedo. *Cronologia da polícia militar do rio grande do norte: 175 anos de história – 1835 a 2009*. Natal: Edição do autor, 2010.

DICIONÁRIO de Música. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa*. 4. ed. rev. amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FINNEGAN, Ruth. *The hidden musicians: music - making in an English town*. Middletown: Wesleyan University Press, 2007.

GALVÃO, Cláudio. *A desfolhar saudade: uma biografia de Tonheca Dantas*. Departamento Estadual de Imprensa/Gráfica Santa Maria. Natal, 1998.

GRANJA, Maria de Fátima Duarte. A banda de música como produção simbólica de uma cultura. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, 2., Belo Horizonte, 1987. *Anais...* Belo Horizonte: ABEM, 1997.

GRANJA, Maria de Fátima Duarte; TACUCHIAN, Ricardo. Organização, significado e funções da banda de música civil. *Pesquisa e música – Revista do centro de pós-graduação, pesquisa e especialização do conservatório brasileiro de música*, n. 1, 1985.

HIGINO, Elizete. *Um século de tradição: a banda de música do Colégio Salesiano Santa Rosa 1888 -1988*. 2006. Dissertação. Mestrado profissionalizante em bens culturais e projetos sociais. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro.

HIGINO, Sarar. *Banda escolar: um processo de desenvolvimento musical, educativo e social*. 1994. Dissertação (Mestrado em Música) Universidade Federal do Rio de Janeiro.

HOLLOWAY, Thomas H. *Polícia no Rio de Janeiro: repressão e resistência*. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

HORTA, Luis Paulo. (Coord.) *Dicionário de música*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LANDA, Enrique Cámara. *Etnomusicologia*. Madri: ICCMU, 2003

LIMA, Marcos Aurélio de. *A banda e seus desafios: levantamento e análise das táticas que a mantém em cena*. Campinas. 2000. Dissertação. (Mestrado). Instituto de Artes/UNICAMP.

LIMA, Ronaldo Ferreira. *Bandas de música, escola de vida*. 2006. Dissertação. (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Faculdade de Ciências Sociais. Natal.

MEIRA, Antônio Gonçalves; SHIRMER, Pedro. *Música militar e bandas militares – origem e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Estandarte, 2000.

MENDES, Marcos Baptista. *Visões de um quadro complexo: a violência policial no espelho das representações sociais*. 2007. Dissertação. (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Faculdade de Ciências Sociais. Natal.

MENEZES BASTOS, Rafael José de; PIEDADE, Acácio Tadeu de Camargo. Sopros da Amazônia: sobre as músicas das sociedades tupi-guarani. *Mana* 5(2). 1999, p. 125-143. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/mana/v5n2/v5n2a05.pdf> > Acesso em 20 de setembro de 2009.

MERRIAM Alan P. *The Anthopology of music*. Evanston, Ill.: North Western University Press. 1964.

MÔNICA, Laura Della. *História da banda da força pública*. 2 ed. São Paulo: Polítipo, 1951.

MOREIRA, Marcos. *Aspectos históricos, sociais e pedagógicos nas filarmônicas do Divino e Nossa Senhora da Conceição, do Estado de Sergipe*. 2007. Dissertação. (Mestrado). Salvador.

MYERS, Helen (ed). *Etnomusicology: an introduction*. New York/London. W.W. Norton & Co. 1992.

NAPOLITANO, Marcos. *História e música: história cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

NETTL, Bruno. *The study of ethnomusicology: thirty-one issues and concepts*. Illinois: University of Illinois Press, 2005.

PÁTEO, Maria L. F. D. *Bandas de música e cotidiano urbano*. Campinas: Dissertação (Mestrado) UNICAMP, 1997.

PEREIRA, José Antônio. *A banda de música: retratos sonoros brasileiros*. São Paulo: UNESP, 1999.

REILY, Suzel Ana. Introduction: Brazilian musics, Brazilian identities. *British Journal of Ethnomusicology* 9., 2000, p.1-10.

REILY, Suzel Ana. *Bandas de sopro: um diálogo transcultural*. SEMINÁRIO DE MÚSICA DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA: Bandas de música no Brasil. I. 2008. *Anais ...* Museu da Inconfidência: Ouro Preto, 2009.

REIS, Dalmo de Andrade. *Bandas de música, fanfarras e bandas marciais*. Rio de Janeiro: Casa Carlos Wehrs, 1962.

SALLES, Vicente. *Sociedade de Euterpe: as bandas de músicas no Grão-Pará*. Brasília: Edição do autor, 1985.

SANTOS, Eurides de Souza. *Sincronizando mundos diversos: um estudo do canto participativo da romaria de Canudos*. 2001. Tese. (Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

SCHECHNER, Richard. *Performance studies: an introduction*. 2. ed. London: Routledge, 2006.

SEEGER, Anthony. *Why Suya Sing: a musical anthropology of amazonian people*. Urbana and Chicago University Illinois Press, 1987.

SILVA, Alexsandro Ferreira Cardoso da; FERREIRA, Ângela Lúcia de Araújo. *A formação das regiões metropolitanas e as deformações do processo urbano: o contexto nordestino*. ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA X.– *Anais ...* Universidade de São Paulo, 20 a 26 de março de 2005. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/rmnatal/artigo/artigo02.pdf>. Acesso em 04/03/2011.

SILVA, Cristina Rodrigues da. Explorando o “mundo do quartel”. In: CASTRO, Celso; LEIRNER, Piero. (orgs.) *Antropologia dos militares: reflexões sobre pesquisas de campo*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

SILVA, Leonardo Dantas. *Bandas de música de Pernambuco: história social*. Pernambuco. 1998.

SOUZA, Erihuus de Lima. “*Pra ver a banda passar*”. *Uma etnografia musical da Banda Marcial Castro Alves*. 2010. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa.

SIQUEIRA, Jacy. *A banda ontem e o seu futuro*. Goiânia: edição do autor, 1981.

SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão (org.) *História do Rio Grande do Norte*. Natal: CDF Gráfica e Editora, 2002.

TACUCHIAN, Ricardo. *Bandas: anacrônicas ou atuais*. *Art: Revista da Escola de Música e Artes Cênicas da UFBA*, nº 4, 1982.

TURNER, Victor. *O processo ritual*. Petropolis: Ed. Vozes, 1974.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. *História do Brasil*. Scipione. São Paulo, 1997.

VILA Pablo. Identidades narrativas y música. Una primera propuesta para entender sus relaciones. *Revista Transcultural de Música*, (2), 1996.

<http://www.sibetrans.com/trans/index.htm>. Acesso em 26/02/2011.

WANDERLEY, Rômulo. *História do Batalhão de Segurança*. Natal: Walter Pereira. 1969.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM COMPONENTES ATIVOS DA BANDA DE MÚSICA DA PMRN

Roteiro para a entrevista semi-estruturada

Esta entrevista semi-estruturada é um instrumento de coleta de dados da pesquisa intitulada “A Banda de música da polícia militar do Rio Grande do Norte: música e sociedade” realizada por Marcos Aragão Fontoura aluno do Mestrado em Música da Universidade Federal da Paraíba. O trabalho tem como objetivo verificar os aspectos sociais e musicais que caracterizam a prática da Banda de música da polícia militar do estado do Rio Grande do Norte.

A entrevista foi realizada com os componentes ativos da Banda de música da PMRN.

Natal, ____ de _____ de 2010

Local: _____

Entrevistado (a): _____

Graduação militar: _____

1. Como você aprendeu música?
2. Tocou em algum grupo antes de ingressar na Banda da PMRN?
3. Em que ano você entrou na PMRN?
4. Como foi seu ingresso na Banda? Em qual ano?
5. Qual seu instrumento? Toca outro?
6. Para ingressar na Banda da PM fez algum teste?
7. Por que escolheu a função de músico PM?
8. Como é o processo de ensino e aprendizagem musical na Banda?
9. Como era a Banda quando você começou tocar? Quantos músicos? Como era a hierarquia e disciplina? Instrumentos? Uniformes?
10. Como as autoridades políticas relacionam-se com a Banda?

11. Em sua opinião, qual a importância da Banda para a sociedade?
12. E qual a importância da sociedade para a Banda?
13. Qual a importância da Banda para você?
14. Desde que você entrou na Banda, o repertório/instrumentação/ tem mudado ao longo dos anos ou permanece com traços tradicionais?
15. Quais os locais e eventos que a Banda toca com mais frequência?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM COMPONENTES DA RESERVA DA BANDA DE MÚSICA DA PMRN

Roteiro para a entrevista semi-estruturada

Esta entrevista semi-estruturada é um instrumento de da polícia militar do Rio Grande do Norte: música e sociedade” realizada por Marcos Aragão Fontoura aluno do Mestrado em Música da Universidade Federal da Paraíba. O trabalho tem como objetivo verificar os aspectos sociais e musicais que caracterizam a prática da Banda de música da polícia militar do estado do Rio Grande do Norte.

A entrevista foi realizada com os componentes da reserva da Banda de música da PMRN.

Natal, ____ de _____ de 2010

Local: _____

Entrevistado (a): _____

Graduação militar: _____

1. Como foi a sua forma de ingresso na PMRN? Fez concurso? Em que ano? Passou quantos anos na PM?
2. Em que ano você entrou na Banda? Tocou quantos anos? Qual foi seu instrumento? Tocou outro?
3. Para ingressar na Banda era preciso saber música?
4. Como era banda quando você começou tocar? Quantos músicos? Como era a hierarquia e disciplina? Uniformes?
5. Qual a importância da Banda para a sociedade da época?
6. Quais os convites mais frequentes da época? Quais os locais e eventos que a banda tocava mais?
7. Como era o aprendizado musical na Banda? Tinha algum professor de música? O maestro ensinava nos ensaios?
8. Como funcionava a carga horária? Quantas horas semanais de ensaios? Os músicos exerciam outras funções na policia, além de músico da Banda?

9. Quais os instrumentos musicais da época? Eram utilizados instrumentos eletrônicos como: baixo, guitarra e teclado?
10. A Banda na época participava de algum projeto social com a comunidade?
11. Como era a relação maestro X músico.

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM REPRESENTANTES DAS INSTITUIÇÕES DA SOCIEDADE NATALENSE

Roteiro para a entrevista semi-estruturada

Esta entrevista semi-estruturada é um instrumento de coleta de dados da pesquisa intitulada “A Banda de música da polícia militar do Rio Grande do Norte: música e sociedade” realizada por Marcos Aragão Fontoura aluno do Mestrado em Música da Universidade Federal da Paraíba. O trabalho tem como objetivo verificar os aspectos sociais e musicais que caracterizam a prática da Banda de música da polícia militar do estado do Rio Grande do Norte.

A entrevista foi realizada com os representantes das instituições da sociedade natalense que mais convidaram a Banda de música da PMRN em 2010.

Natal, ____ de _____ de 2010

Local: _____

Entrevistado (a): _____

Cargo: _____

1. Você já conhecia a Banda da PMRN? Há quanto tempo?
2. Qual a importância da Banda de música para você, para o evento, para a sociedade e o estado?
3. Você gosta do repertório/músicas executadas pela Banda?
4. Qual a sensação ao ouvir a Banda tocar?

ANEXOS

ANEXO A – DECRETO Nº 21.849, DE 19 DE AGOSTO DE 2010, QUE DISPÕE SOBRE AS QUALIFICAÇÕES POLICIAIS MILITARES PARTICULARES

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO RN

O Governador do Estado, Iberê Ferreira de Souza, sancionou o Decreto nº 21.849, de 19 de agosto de 2010, que dispõe sobre as Qualificações Policiais Militares Particulares

Pelo Decreto, publicado no Diário Oficial na data de hoje (20), o Quadro Organizacional da PMRN passa a ter 11 Qualificações Policiais Militares Particulares (QPMP): Combatente (QPMP-0), Especialista de Manutenção de Armamento (QPMP-1),

Especialista de Operação de Comunicações (QPMP-2), Especialista de Motomecanização (QPMP-3), Especialista Músico (QPMP-4), Especialista de Manutenção de Comunicações (QPMP-5), Especialista de Saúde (QPMP-6), Especialista Corneteiro (QPMP-7), Especialista de Manutenção de Solípedes (QPMP-8), Mecânico de Manutenção.

Aeronáutica (QPMP-9) e Auxiliar de Prevenção ao Uso de Drogas (QPMP-10). A Qualificação Policial Militar Particular Motorista foi extinta do Quadro de Praças Policiais Militares Especialistas.

O Decreto estabelece ainda que os candidatos aos Cursos de Sargento Especialista e de Cabo Especialista serão submetidos a processo seletivo, devendo preencher os seguintes requisitos:

Estar classificado no mínimo no comportamento "BOM";

Não estar cumprindo pena de reclusão ou detenção decorrente de sentença judicial transitada em julgado

Encontrar-se lotado em órgão operacional ou administrativo pertencente à estrutura organizacional da Polícia Militar;

Não haver permanecido à disposição de órgão estranho à Polícia Militar nos últimos 2 (dois) anos.

DECRETO Nº 21.849, DE 19 DE AGOSTO DE 2010

Dispõe sobre as Qualificações Policiais Militares Particulares e dá outras providências

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, no uso das atribuições que lhe confere o art. 64, V, da Constituição Estadual e com fundamento no art. 11 da Lei Complementar Estadual nº 163, de 5 de fevereiro de 1999,

D E C R E T A:

Art. 1º Qualificação Policial Militar é o conjunto das habilitações necessárias ao ingresso e ao exercício de uma ou mais funções específicas nos respectivo Quadros.

Art. 2º Os Praças da Polícia Militar do Estado são agrupados em Quadro constituído das seguintes Qualificações Policiais Militares Particulares (QPMP):

I - QPMP-0Combatente;

II-QPMP-1 - Especialista de Manutenção de Armamento;

III - QPMP-2 - Especialista de Operação de Comunicações;

IV - QPMP-3 - Especialista de Motomecanização;

V - QPMP-4 - Especialista Músico;

VI - QPMP-5 - Especialista de Manutenção de Comunicações;

VII - QPMP-6 - Especialista de Saúde;

VIII - QPMP-7 - Especialista Corneteiro;

IX - QPMP-8 - Especialista de Manutenção de Solípedes;

X - QPMP-9 - Mecânico de Manutenção Aeronáutica;

XI - QPMP-10 - Auxiliar de Prevenção ao Uso de Drogas

Art. 3º Ao Sargento e ao Cabo PM é facultada a mudança de QPMP, respeitada sua antiguidade e a situação hierárquica em que se encontrar, observando-se ainda os seguintes requisitos:

I - existência de vaga na QPMP pretendida;

II - estar o interessado no efetivo exercício da função da QPMP a que pretende pertencer por período superior a 2 (dois) anos;

III - ter parecer favorável do Comandante da Unidade em que serve;

IV - ter deferido o requerimento de mudança de QPMP pelo Comandante Geral.

§ 1º O praça que estiver em função estranha à sua QPMP ou afastado do efetivo exercício desta por período superior a 2 (dois) anos poderá ser transferido, ex officio, para a QPMP em que esteja servindo, a critério do Comandante Geral.

§ 2º A mudança de QPMP só poderá ocorrer uma única vez, salvo na hipótese prevista no parágrafo anterior.

Art. 4º Os candidatos aos Cursos de Sargento Especialista e de Cabo Especialista serão submetidos a processo seletivo, realizado mediante exame de suficiência técnico-profissional no campo das Qualificações em que pretendam servir, de caráter eliminatório e classificatório e com observância das Diretrizes Gerais de Ensino da Polícia Militar.

§ 1º O Praça candidato a qualquer dos cursos de formação previstos no caput deste artigo deverá preencher os seguintes requisitos.

I.-estar classificado no mínimo no comportamento “BOM”;

II - não estar cumprindo pena de reclusão ou detenção decorrente de sentença judicial transitada em julgado;

III - encontrar-se lotado em órgão operacional ou administrativo pertencente à estrutura organizacional da Polícia Militar;

IV - não haver permanecido à disposição de órgão estranho à Polícia Militar nos últimos 2 (dois) anos;

§ 2º Sem prejuízo do disposto no parágrafo anterior, constituem-se requisitos específicos:

I - para ingressar na QPMP-4, ter habilidade, desenvoltura e domínio para tocar qualquer dos instrumentos integrantes da formação estrutural da banda de música da Polícia Militar;

II - para ingressar na QPMP-6, possuir curso específico de nível técnico realizado em estabelecimento de ensino reconhecido pelo Ministério da Educação e Cultura - MEC, e diploma registrado no respectivo conselho de classe, em uma das seguintes áreas de especialidade:

- a) Saúde bucal ou equivalente;
- b) Laboratório clínico ou equivalente;
- c) Farmácia e manipulação ou equivalente
- d) Enfermagem;
- e) Prótese dentária ou equivalente;
- f) Radiologia;

III - para ingressar na QPMP-9, possuir curso específico de nível técnico realizado em estabelecimento de ensino reconhecido pela Agência Nacional de Aviação Civil – ANAC, comprovando que possui Certificado de Habilitação Técnica - CHT e/ou Certificado de Conhecimento Técnico - CCT, bem como estar devidamente habilitado em pelo menos 2 (duas) das seguintes especialidades

- a) GMP (Grupo motopropulsor);
- b) CEL (Célula); e
- c) AVI (Aviônicos);

IV - para ingressar na QPMP-10, preencher os requisitos específicos do Decreto nº 21.002, de 31 de dezembro de 2008.

§ 3º Para os processos seletivos a que se refere o caput deste artigo não se admitirá a inclusão de quaisquer outros requisitos diversos dos estipulados por este Decreto.

Art. 5º Compete privativamente ao Comandante Geral da Polícia Militar, mediante proposta do Diretor de Saúde e ainda considerando as necessidades da corporação, estipular o quantitativo de vagas e as áreas de especialidade da QPMP-6 a serem contempladas mediante processo seletivo.

Parágrafo único. A prerrogativa a que se refere o caput deste artigo também se aplica no caso dos processos seletivos para preenchimento de vagas na QPMP-4, mediante proposta do Regente da Banda de Música.

Art. 6º Passam a fazer parte da formação estrutural da banda de música da Polícia Militar os seguintes instrumentos:

- I - flautim - C;
- II - flauta transversal - C;
- III - requinta - Eb;
- IV - clarinete - Bb;
- V - saxofone alto - Eb;
- VI - saxofone tenor - Bb;
- VII - saxofone soprano - Bb;
- VIII - saxofone barítono - Eb;
- IX - bombardino - C;
- X - barítono - Bb;
- XI - lira - C;
- XII - trompete - Bb;
- XIII - trombone - C;
- XIV - trombone baixo - C;
- XV - trompa - F;
- XVI - tuba - Bb/Eb/C;
- XVII - tarol;
- XVIII - bombo;
- XIX - pratos;
- XX - surdo.

Art. 7º Fica extinto do Quadro de Praças Policiais Militares Especialistas a Qualificação Policial Militar Particular Motorista e os cargos públicos de provimento efetivo remanescentes passam a ser distribuídos na forma do Anexo I deste Decreto.

Art. 8º Os cargos públicos de provimento efetivo estabelecidos no art. 1º da Lei Complementar Estadual nº 408, de 24 de dezembro de 2009, passam a integrar o Quadro das Qualificações Policiais Militares Particulares de Mecânico de Manutenção Aeronáutica.

Art. 9º Os cargos públicos de provimento efetivo estabelecidos na Tabela V do Anexo Único da Lei Complementar Estadual nº 409, de 30 de dezembro de 2009, passam a ser distribuídos na forma do Anexo II deste Decreto

Art. 10. Fica revogado o Decreto Estadual nº 12.166, de 27 de maio de 1994.

Art. 11. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio de Despachos de Lagoa Nova, em Natal, 19 de agosto de 2010, 189º da
Independência e 122º da República

IBERÊ PAIVA FERREIRA DE SOUZA

Cristóvam Praxedes

ANEXO I
TABELA I

ESPECIALISTA DE MANUTENÇÃO DE ARMAMENTO - QPMP-1

GRADUAÇÃO - QUANTIDADE

PRIMEIRO-SARGENTO -> 01

SEGUNDO-SARGENTO -> 02

TERCEIRO-SARGENTO -> 03

TABELA II

ESPECIALISTA DE MANUTENÇÃO DE COMUNICAÇÕES - QPMP-5

GRADUAÇÃO - QUANTIDADE

SEGUNDO-SARGENTO -> 02

TERCEIRO-SARGENTO -> 02

TABELA III

ESPECIALISTA DE MANUTENÇÃO DE SOLÍPEDES - QPMP-8

GRADUAÇÃO - QUANTIDADE

TERCEIRO-SARGENTO -> 02

ANEXO II
TABELA I

ESPECIALISTA DE OPERAÇÕES DE COMUNICAÇÕES- QPMP-2

GRADUAÇÃO - QUANTIDADE

SUBTENENTE -> 01
TERCEIRO-SARGENTO -> 10

TABELA II

ESPECIALISTA MÚSICO- QPMP-4

GRADUAÇÃO - QUANTIDADE

SUBTENENTE -> 04
PRIMEIRO-SARGENTO -> 10
SEGUNDO-SARGENTO -> 15
TERCEIRO-SARGENTO -> 20

ANEXO B - Efetivo da Banda da PMRN



Rio Grande do Norte
Secretaria de Estado da Segurança Pública da Defesa Social
Polícia Militar
Companhia de Comando
Banda de Música

Efetivo da Banda de Música - 2010

Ordem	Posto/ Grad.	Nome	Situação	Função	QPMP' s
1	1º Ten	Dêjair Francisco Dantas	Ativo	Regente	QOE MU
1	Sub Ten	Charles Newton Kelly	Ativo	Ch do Set Adm	QPMP - 4
2	Sub Ten	Manoel Bartolomeu da Silva	Ativo	Tuba	QPMP - 4
3	Sub Ten	Rivanildo Correia dos Santos	Ativo	Sax Tenor	QPMP - 4
4	Sub Ten	Flankelland Mota de Azevedo	Ativo	Sax Tenor	QPMP - 4
5	Sub Ten	Erasm o de Oliveira Costa Junior	Ativo	Clarinete	QPMP - 4
1.	1º Sgt	Williame Narciso da Costa	Ativo	Sax Tenor	QPMP - 4
2.	1º Sgt	Edmilson Dantas Bezerra	Ativo	Sax Alto	QPMP - 4
3.	1º Sgt	Francisco Vieira Fernandes	Ativo	Tuba	QPMP - 4
4.	1º Sgt	João Batista Siqueira de Souza	Ativo	Trombone	QPMP - 4
5.	1º Sgt	Wilson Fernandes Filho	Ativo	Sax Alto	QPMP - 4
6.	1º Sgt	Jailson Duarte da Silva	Ativo	Clarinete	QPMP - 4
7.	1º Sgt	Wellington Salustino Bezerra	Ativo	Percussão	QPMP - 4
8.	1º Sgt	José Manoel Nunes Filho	Ativo	Trombone	QPMP - 4
9.	1º Sgt	Valmir Alves	Ativo	Tuba	QPMP - 4
10.	1º Sgt	Emanuel Félix da Silva	Ativo	Trompa	QPMP - 4
11.	1º Sgt	Veridiano Gomes da Silva	Ativo	Clarinete	QPMP - 4
1.	2º Sgt	Deilson Bezerra de Moura	Ativo	Percussão	QPMP - 4
2.	2º Sgt	Ronaldo Bezerra de Carvalho	Ativo	Sax Alto	QPMP - 4
3.	2º Sgt	Ivanildo Lopes do Nascimento	Ativo	Clarinete	QPMP - 4
1.	3º Sgt	F. Miguel Guedes do Nascimento	Ativo	Sax Alto	QPMP - 0
2.	3º Sgt	Sylas Henrique da Silva	Ativo	Trompete	QPMP - 0
3.	3º Sgt	Nicodemos Silva de Lima	Ativo	Percussão	QPMP - 0
4.	3º Sgt	Marcos Oliveira de Sousa	Ativo	Trompa	QPMP - 0
5.	3º Sgt	Magnos Silvino de Araújo	Ativo	Clarinete	QPMP - 0
6.	3º Sgt	José Leonildo dos Santos	Ativo	Clarinete	QPMP - 0
7.	3º Sgt	Haniel Antonio Justo	Ativo	Percussão	QPMP - 0
8.	3º Sgt	Maximiliano Gonçalves da Silva	Ativo	Clarinete	QPMP - 0
9.	3º Sgt	Francisco Canindé Fidelis	Ativo	Trompete	QPMP - 0
10.	3º Sgt	Joseni Felipe da Silva	Ativo	Clarinete	QPMP - 0
11.	3º Sgt	Dijair Alves dos Santos	Ativo	Clarinete	QPMP - 0
12.	3º Sgt	João Batista de Oliveira	Ativo	Bombardino	QPMP - 0
13.	3º Sgt	Fábio do Nascimento Silva	Ativo	Trombone	QPMP - 0
14.	3º Sgt	Nivaldo Costa de Melo	Ativo	Sax Tenor	QPMP - 0
15.	3º Sgt	Jaguaraci Paulino de Oliveira	Ativo	Trombone	QPMP - 0
16.	3º Sgt	Alberto Tomé Dantas	Ativo	Trombone	QPMP - 0
17.	3º Sgt	Josenilson Ferreira da Silva	Ativo	Percussão	QPMP - 4
18.	3º Sgt	José Aparecido de Araújo	Ativo	Trompete	QPMP - 4
19.	3º Sgt	Luiz Gonzaga de Oliveira	Ativo	Trompete	QPMP - 4
20.	3º Sgt	Uiraçu Lunardo da Rocha	Ativo	Sax Barítono	QPMP - 4
21.	3º Sgt	Robson Rodrigues dos Passos	Ativo	Arquivista	QPMP - 4
22.	3º Sgt	Ivanilson dos Santos Diniz	Ativo	Flautim	QPMP - 4
23.	3º Sgt	Josivan Célio Felipe da Silva	Ativo	Tuba	QPMP - 4

24.	3º Sgt	Jailson Japiasú Simões	Ativo	Trombone	QPMP - 4
25.	3º Sgt	Marcos de Oliveira Silva	Ativo	Trompete	QPMP - 4
26.	3º Sgt	Gustavo Luciano O. do Nascimento	Ativo	Flauta	QPMP - 4
27.	3º Sgt	Esperidião Basilio da Silva	Ativo	Trompete	QEP

1.	CB	Joás da Costa Lima	Ativo	Clarinete	QPMP - 4
2.	CB	Walterklayson dos S. Monastirski	Ativo	Flauta	QPMP - 4
3.	CB	Ellyson Moreira Silva	Ativo	Sax Alto	QPMP - 4
4.	CB	Kedmiell Soares de Souza	Ativo	Percussão	QPMP - 4
5.	CB	Rubayat Dias Bezerra	Ativo	Clarinete	QPMP - 4
6.	CB	Ricardo Cazzoli Teixeira Oliveira	Ativo	Percussão	QPMP - 4
7.	CB	Adriel Marcilio dos Santos	Ativo	Percussão	QPMP - 4
8.	CB	Makio Patrício Cassemiro de S.	Ativo	Percussão	QPMP - 4
9.	CB	José Pereira da Silva Junior	Ativo	Tuba	QPMP - 4
10.	CB	Levi Soares de Freitas	Ativo	Percussão	QPMP - 4
11.	CB	Marcelino Trajano da Silva	Ativo	Trompete	QPMP - 7

1	SD	Dario Tridade Ferreira	Ativo	Percussão	QPMP - 0
2	SD	Adirton Ronaldo Nasc Oliveira	Ativo	Percussão	QPMP - 0
3	SD	Dorges Alexandre Lima Silva	Ativo	Clarinete	QPMP - 0
4	SD	Valdeir Gomes Pereira	Ativo	Clarinete	QPMP - 0
5	SD	Antonio Adilson de Oliveira	Ativo	Sax Alto	QPMP - 0
6	SD	Adriano Costa Junior	Ativo	Clarinete	QPMP - 0
7	SD	Alexandro Luiz da Silva	Ativo	Sax Alto	QPMP - 0
8	SD	Jairo Antonio da Silva	Ativo	Bombardino	QPMP - 0
9	SD	Vitor Bueno M. da Costa	Ativo	Percussão	QPMP - 0
10	SD	Elivelton Carvalho Menezes	Ativo	Percussão	QPMP - 0
11	SD	Gisleno Leandro Avelino	Ativo	Trombone	QPMP - 0
12	SD	Sérgio Luiz da Silva Rocha	Ativo	Tenor	QPMP - 0
13	SD	Claudionar Teixeira Cavalcante	Ativo	Clarinete	QPMP - 0

Ordem	Grad.	Nome	Situação ou Local	Função	QPMP's
1.	Sub Ten	Edival Alves de Souza	Agregado / Tribunal de Justiça	Agregado	QPMP - 4
2.	1º Sgt	Radir Félix da Silva	JPMS / Agregado por contar + 30 anos/BG nº 194 de 15/10/2007	Percussão	QPMP - 4
3.	1º Sgt	Wellington Pereira da Silva	JPMS Afastamento total + de 2 anos	Trombone	QPMP - 4
4.	1º Sgt	Robson Luiz da Silva	JPMS c/ restrição + de 2 anos/BG nº 147 de 06/08/2007	Clarinete	QPMP - 4
5.	1º Sgt	Aroldo Paulo de Oliveira	Função estranha a sua QPMP 1ª CIPM / Macau/BG nº 018 de 28/01/2010	Clarinete	QPMP - 4
6.	1º Sgt	Luiz Alexandre Ferreira Lima	JPMS c/ restrição + de 2 anos/BG nº 148 de 06/08/08	Percussão	QPMP - 4
7.	1º Sgt	Juaci Araújo de Queiroz	Função estranha a sua QPMP / 11º BPM / Macaiba/BG nº 219 de 23/11/2007	Percussão	QPMP - 4
8.	1º Sgt	Marlon Magno de Lima	Almoxarifado	Percussão	QPMP - 4
9.	2º Sgt	Marcos Santos do Vale	Função estranha a sua QPMP / 4º BPM / Presídio Provisório/ BG nº 126 de 06/07/2007	Sax Alto	QPMP - 4

10.	2º Sgt	José Jailson Nunes	Agregado/Compulsória/ BG nº 176 de 21 de setembro de 2010	Percussão	QPMP - 4
11.	3º Sgt	Marcos Aragão Fontoura	Mestrando (PB)/BG nº 045	Trombone	QPMP - 0
12.	3º Sgt	Daniel Guilherme Soares	Função estranha a sua QPMP / 3ª Cia / 8º BPM Santa Cruz/BG nº 205 de 24/10/2008	Sax Tenor	QPMP - 4
13.	3º Sgt	Higo Rafael Ferreira de Oliveira	Academia de Policia Civil	Sax Tenor	QPMP - 4
14.	3º Sgt	José Edivaldo do Nascimento	JPMS c/ restrição /Arquivo	Serviço Administrativo	QPMP - 0
15.	3º Sgt	João Maria Kleverlan G. da Silva	Função estranha a sua QPMP / Pelotão destacado Maxaranguape/ BG nº 128 de 14/07/2009 Atualmente servindo no CPRE	Trompete	QPMP - 4
16.	3º Sgt	Josenildo Emídio da Silva	JPMS c/ restrição	Trompa	QPMP - 4
17.	3º Sgt	Antônio Galdino Filho	Função estranha a sua QPMP / Ouro Branco/ BG nº 205 de 24/10/2008	Clarinetista	QPMP - 4
18.	3º Sgt	Demas Lima da Silva	Função estranha a sua QPMP 4 CIPRERD (PROERD)/ BG nº 140 de 28/07/2005	Flauta	QPMP - 4
19.	Sd	Liegio Amaro de Oliveira	Academia de Policia Civil	Sax Tenor	QPMP - 0

Efetivo da Banda no 2º Batalhão de Policia Militar (Mossoró)

Ordem	Grad.	Nome	Situação ou Local	Função	QPMP's
1	1º Sgt	José Eugênio Sobrinho	2ª Cia/2º BPM	Trombone	QPMP - 4
2	1º Sgt	Wellington Silva	2ª Cia/2º BPM	Percussão	QPMP - 4

1	2º Sgt	José Junior Germano	2ª Cia/2º BPM	Sax Alto	QPMP - 4
2	2º Sgt	Moisés Ben-Hur Pimentel da Silva	2ª Cia/2º BPM	Tuba	QPMP - 4

1	3º Sgt	Erinaldo Justiniano da Silva	2º BPM	Sax Tenor	QPMP - 0
2	3º Sgt	Francisco Iranildo G. de Paiva	Função estranha a sua QPMP / 4ª Cia/2º BPM / Areia Branca	Trombone	QPMP - 4
3	3º Sgt	Francisco Xavier de Oliveira	Função estranha a sua QPMP / 3ª Cia / 2º BPM / Apodi	Bombardino	QPMP - 4
4	3º Sgt	Jose de Anchieta de Melo B.	1ª Cia/2º BPM	Sax tenor	QPMP - 4
5	3º Sgt	Gleudson Rodrigues	Função estranha a sua QPMP / 4ª Cia/2º BPM / Areia Branca	Trompete	QPMP - 4
6	3º Sgt	Marciano Marinho Câmara	Função estranha a sua QPMP / 3ª Cia / 2º BPM / Apodi	Trompete	QPMP - 4
7	3º Sgt	Marcio dos Santos Lobo	1ª Cia/2º BPM	Percussão	QPMP - 4
8	3º Sgt	Francisco Leandro Bezerra	2ª Cia/2º BPM	Sax Alto	QPMP - 4
9	3º Sgt	Alessandro Alves de Oliveira	Função estranha a sua QPMP / 3ª Cia / 2º BPM / Apodi	Sax Tenor	QPMP - 4

ANEXO C - Partitura completa da marcha da PMRN

Marcha Militar

Letra e Música: Vitoriano Medeiros
Arr.: Juvenal Lira

Flauta

Requinta E \flat

1 $^{\circ}$ Clarinete A B \flat

1 $^{\circ}$ Clarinete B B \flat

2 $^{\circ}$ Clarinete B \flat

3 $^{\circ}$ Clarinete B \flat

Saxofone Alto

Saxofone Tenor

1 $^{\circ}$ Trompete B \flat

2 $^{\circ}$ Trompete B \flat

1 $^{\circ}$ Trompa F

2 $^{\circ}$ Trompa F

3 $^{\circ}$ Trompa F

1 $^{\circ}$ Trombone

2 $^{\circ}$ Trombone

3 $^{\circ}$ Trombone

Bombardino

Tuba E \flat

Caixa

Bombo

Pratos

Canto

The musical score is written for a full marching band and a vocal line. It consists of 18 staves. The key signature is one flat (B-flat major) and the time signature is 2/4. The score begins with a treble clef and a key signature change to one flat. The instruments listed on the left are: Flauta (Flute), Requinta E \flat (Piccolo), 1 $^{\circ}$ Clarinete A B \flat (Clarinete A), 1 $^{\circ}$ Clarinete B B \flat (Clarinete B), 2 $^{\circ}$ Clarinete B \flat (Clarinete B), 3 $^{\circ}$ Clarinete B \flat (Clarinete B), Saxofone Alto (Alto Saxophone), Saxofone Tenor (Tenor Saxophone), 1 $^{\circ}$ Trompete B \flat (Trumpete B), 2 $^{\circ}$ Trompete B \flat (Trumpete B), 1 $^{\circ}$ Trompa F (Trompa F), 2 $^{\circ}$ Trompa F (Trompa F), 3 $^{\circ}$ Trompa F (Trompa F), 1 $^{\circ}$ Trombone (Trombone), 2 $^{\circ}$ Trombone (Trombone), 3 $^{\circ}$ Trombone (Trombone), Bombardino (Bombardino), Tuba E \flat (Tuba), Caixa (Caixa/Snare Drum), Bombo (Bombo/Bass Drum), Pratos (Pratos/Cymbals), and Canto (Canto/Vocal). The score includes various musical notations such as notes, rests, slurs, and dynamic markings.

6

Fl.

Req.

Cl. 1 A

Cl. 1 B

Cl. 2

Cl. 3

A. Sax.

T. Sax.

Tpt. 1

Tpt. 2

Hn. 1

Hn. 2

Hn. 3

Tbn. 1

Tbn. 2

B. Tbn.

Bombardino

Tuba

C.

B.

P.

Voice

Detailed description: This page of a musical score, numbered 126, contains 20 staves of music. The instruments listed on the left are: Flute (Fl.), Recorder (Req.), Clarinet 1 A (Cl. 1 A), Clarinet 1 B (Cl. 1 B), Clarinet 2 (Cl. 2), Clarinet 3 (Cl. 3), Alto Saxophone (A. Sax.), Tenor Saxophone (T. Sax.), Trumpet 1 (Tpt. 1), Trumpet 2 (Tpt. 2), Horn 1 (Hn. 1), Horn 2 (Hn. 2), Horn 3 (Hn. 3), Trombone 1 (Tbn. 1), Trombone 2 (Tbn. 2), Baritone Trombone (B. Tbn.), Bombardino, Tuba, Cymbals (C.), Bass Drum (B.), Snare Drum (P.), and Voice. The score begins with a measure number '6' at the top left. The music is written in a key signature of two flats (B-flat and E-flat) and a common time signature (C). The woodwind and brass sections feature complex rhythmic patterns, including sixteenth and thirty-second notes, often with slurs and accents. The percussion section includes a cymbal pattern of eighth notes, a steady bass drum pattern, and a snare drum pattern. The voice part is currently silent, indicated by a whole rest on the staff.

12 Para Coda Φ

Fl.
Req.
Cl. 1 A
Cl. 1 B
Cl. 2
Cl. 3
A. Sax.
T. Sax.
Tpt. 1
Tpt. 2
Hn. 1
Hn. 2
Hn. 3
Tbn. 1
Tbn. 2
B. Tbn.
Bombardino
Tuba
C.
B.
P.
Voice

Canto

1. Nós so - mos
2. Nos - sos
3. Sea Pá - tria

18

Fl.
Req.
Cl. 1 A
Cl. 1 B
Cl. 2
Cl. 3
A. Sax.
T. Sax.
Tpt. 1
Tpt. 2
Hn. 1
Hn. 2
Hn. 3
Tbn. 1
Tbn. 2
B. Tbn.
Bombardino
Tuba
C.
B.
P.
Voice

os pi - o - nei - - - ros Do li - to - ral ao ser - tão
peitos com vi - gor. A - fei - tos à lu - taa - gres - -
for ul - tra - ja - - - da Não nos a - fronta o pe - ri - - -

24

Fl.

Req.

Cl. 1 A

Cl. 1 B

Cl. 2

Cl. 3

A. Sax.

T. Sax.

Tpt. 1

Tpt. 2

Hn. 1

Hn. 2

Hn. 3

Tbn. 1

Tbn. 2

B. Tbn.

Bombardino

Tuba

C.

B.

P.

Voice

te; E so - mos tam - bém guer - rei - - ros Do Es -
 go, tra - du - zem nos - so va - lor Nes - te
 Va - mos fa - zê - la vin - ga - - da Com - ba -

30

Fl.

Req.

Cl. 1 A

Cl. 1 B

Cl. 2

Cl. 3

A. Sax.

T. Sax.

Tpt. 1

Tpt. 2

Hn. 1

Hn. 2

Hn. 3

Tbn. 1

Tbn. 2

B. Tbn.

Bombardino

Tuba

C.

B.

P.

Voice

ta - doe da Na - ção, Te - mos no pei - toa pu - jan - -
rin - ção do Nor - des - - te So - mos con - tra o des - po - tis - -
ten - doo i - ni - mi - - go, Nos - so va - lor mi - li - tar,

36

Fl.

Req.

Cl. 1 A

Cl. 1 B

Cl. 2

Cl. 3

A. Sax.

T. Sax.

Tpt. 1

Tpt. 2

Hn. 1

Hn. 2

Hn. 3

Tbn. 1

Tbn. 2

B. Tbn.

Bombardino

Tuba

C.

B.

P.

Voice

ça
mo,
—

De com - ba - ter a de - sor - - dem. De - fen -
Que traz a re - vo - lu - ção; In - fe -
De guar - da fiel do Es - ta - - do Sa - be -

42

Fl.

Req.

Cl. 1 A

Cl. 1 B

Cl. 2

Cl. 3

A. Sax.

T. Sax.

Tpt. 1

Tpt. 2

Hn. 1

Hn. 2

Hn. 3

Tbn. 1

Tbn. 2

B. Tbn.

Bombardino

Tuba

C.

B.

P.

Voice

dendo a se - gu - ran - - - ça E a ga - ran - tia - a da or -
 liz do ex - tre - mis - - - mo, Que rou - ba a paz da Na - ção!
 re - mos con - ser - var O ju - ra - men - to sa - gra -

48

Fl.

Req.

Cl. 1 A

Cl. 1 B

Cl. 2

Cl. 3

A. Sax.

T. Sax.

Tpt. 1

Tpt. 2

Hn. 1

Hn. 2

Hn. 3

Tbn. 1

Tbn. 2

B. Tbn.

Bombardino

Tuba

C.

B.

P.

Voice

[Côro]

dem Mar - che - mos, na paz ena guer - ra. do.

53

Fl.

Req.

Cl. 1 A

Cl. 1 B

Cl. 2

Cl. 3

A. Sax.

T. Sax.

Tpt. 1

Tpt. 2

Hn. 1

Hn. 2

Hn. 3

Tbn. 1

Tbn. 2

B. Tbn.

Bombardino

Tuba

C.

B.

P.

Voice

Nes - te gar - bo va - ro - nil De - fen - de - mos nos - sa

59

Fl.

Req.

Cl. 1 A

Cl. 1 B

Cl. 2

Cl. 3

A. Sax.

T. Sax.

Tpt. 1

Tpt. 2

Hn. 1

Hn. 2

Hn. 3

Tbn. 1

Tbn. 2

B. Tbn.

Bombardino

Tuba

C.

B.

P.

Voice

1.2.

1.2.

ter - - - ra Pa - ra gló - ria do Bra - sil

65 3. **D.S. para Coda** 

Fl.
Req.
Cl. 1 A
Cl. 1 B
Cl. 2
Cl. 3
A. Sax.
T. Sax.
Tpt. 1
Tpt. 2
Hn. 1
Hn. 2
Hn. 3
Tbn. 1
Tbn. 2
B. Tbn.
Bombardino
Tuba
C.
B.
P.
Voice

3.
sil.